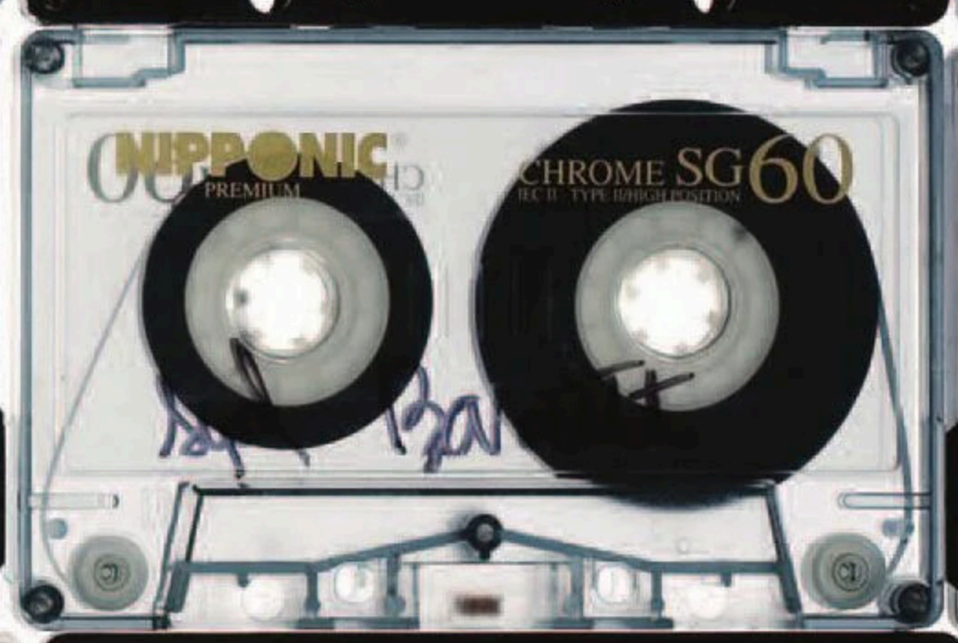
SOMA

AARON ROSE . CANELLA . DOITSCHINOFF . IOMIX . LUCHA LIBRE . OSGEMEOS

SET . 07 #02



RUCKER PHOTO

Caminhando na direção certa... Shaun White está vestindo peças orgânicas da The Volcom v.co-logical series. Esta linha representa a responsabilidade social da Volcom em proteger o planeta da rápida diminuição dos recursos naturais, usando alternativas sustentáveis como o algodão 100% orgânico, tintas vegetais, pigmentos orgânicos, hemp e outros métodos de produção de baixo impacto ambiental. The Volcom v.co-logical series incorpora o progressivo estilo Volcom a um trabalho ambiental e consciente. Junto a isto a The Volcom v.co-logical series se associou a ONG 1% for the Planet, onde 1% das vendas serão doadas para ONGs envolvidas em causas ambientais. **Para saber mais acesse volcom.com.**

volcom v.co-logical series™

MEMBER 1% FOR THE PLANET

adidas
ORIGINALS

adidas.com/originals

© 2007 adidas America Inc. adidas, the 3-Stripes mark and the shoe design mark are registered trademarks of the adidas Group.

Mark Gonzales

... ADIDAS SKATEBOARDING

la hermitario

Atque Vox
Clamantis in
Deserto

A +Soma está de volta.

Antes de começarmos a falar da nossa segunda edição,
queremos falar um pouco da recepção do nosso primeiro exemplar.
É muito legal ver o número de pessoas que estão dispostas a colaborar,
seja contribuindo com idéias ou na divulgação da revista. São pessoas que levam este
pequeno presente para amigos queridos e tornam essa jornada mais significativa e gratificante.

A +Soma é feita a quatro mãos, oito mãos, vinte mãos.

Nestas páginas você vai ver o trabalho e o toque de indivíduos que mergulham de cabeça em seus trabalhos e seguem suas convicções. Como uma linha traçada à mão, essa revista carrega consigo suas imperfeições. Como no papel, por mais que tentemos tornar esta linha algo perfeito, se olharmos de perto sempre veremos algum tremido. Acreditamos que esta linha sinuosa é interessante pois nela encontramos uma beleza única.

Para iniciar os trabalhos, conversamos com Aaron Rose, curador e responsável
por boa parte da documentação e divulgação da arte inspirada na cultura de rua.
Aaron fala sobre sua luta contra o *establishment* e seu desapontamento com o mundo das artes.

No ensaio fotográfico 30m, Rogério Canella revela a enorme transformação
por que passa a cidade de São Paulo, mas que, por ocorrer no subterrâneo, escapa à visão.

Stephan Doitschinoff relata sua fuga para Lençóis, na Bahia, em busca de refúgio para criar.
O resultado desta temporada no Nordeste você verá nas páginas que seguem.

Tiramos a poeira do Walkman e resgatamos a cultura das fitas K7
convidando artistas para expor seus gostos musicais e suas artes.

No México, a “Lucha Libre” é tão popular quanto o futebol no Brasil.
Nosso colaborador Guillermo Rivero, um mexicano aficcionado pelo
esporte desde criança, traz pra gente um pouco mais dessa cultura.

Também fomos atrás de diferentes olhares sobre a moda. Paetês e tons fluo
são retratados sob a óptica de profissionais de diversas áreas.

Todo mundo conhece sua arte, mas pouca gente conhece de fato OSGEMEOS.
Em uma longa entrevista, falam de sua infância, inspirações e é claro, de graffiti.

Com o sentimento de missão cumprida, firmamos nosso compromisso de inspirar
e manter nossa imaginação viva, documentando e preservando manifestações
artísticas e culturais fascinantes.

Até a próxima!

+SOMA

+CONTEÚDO

Shuffle 12

Aaron Rose 14

30m 20

Amplitude 30

Satanic Samba Trio 32

Debate 36

Stephan Doitschinoff 38

10 Mix 48

La arena estaba de bote en bote 58

Low_res nyc vending machines cam shots 64

Moda por outros 66

Janela Aberta 76

Bodes & Elefantes 84

“Envelhecido 13 anos” 86

Mass media is eating everything 88

Amonstro 94

Acessório de acessório 96

Reviews 98

Unidade magnética de memória externa. 102

Agora no lixo 104

Dias de um fantasma suicida 104

O projeto **+Soma** é uma iniciativa da **Kultur**,
estúdio criativo com sede em São Paulo.
Para informações acesse: **www.maissoma.com**

Iniciativa .

Kultur Studio
Rua Sampaio Gois . 70 . Vila Nova Conceição
04511 070 . São Paulo . SP
www.kulturstudio.com

REVISTA SOMA #2
Agosto/Setembro 2007

Fundadores .
Alexandre Charro, Fernanda Masini, Rodrigo Brasil e Tiago Moraes

Conselho Editorial .
**Alexandre Vianna, Flávio Samelo, Helena Sasseron,
Marcelo Fusco e Rafael Jacinto.**

Editor . **Tiago Moraes**

Projeto gráfico e diagramação . **Fernanda Masini**

Arte . **Fernanda Masini e Tiago Moraes**

Produção . **Alexandre Charro**

Fotografia . **Cia de Foto**

Capa . **Kultur & Cia de Foto**

Colaboradores de texto . **Arthur Dantas, Guillermo Rivero, Milo,
Renato da Silva, Sávio Vilela e Tiago Nicolas**

Colaboradores de foto . **Flávio Samelo e Guillermo Rivero.**

Colaboradores da arte . **Breno Tamura . Carlos Dias, Carlos Issa, Dea Lellis,
Guab, Marinho, Michael Arms, Parteum, Silvana Mello, Sesper, Stephan
Doitschinoff e Tomás Spicolli**

Colunistas . **Gustavo Mini, Keke Toledo, Lu Krás e Tiago Nicolas**

Edição de moda . **Helena Sasseron**

Revisão . **Mirtis Valim**

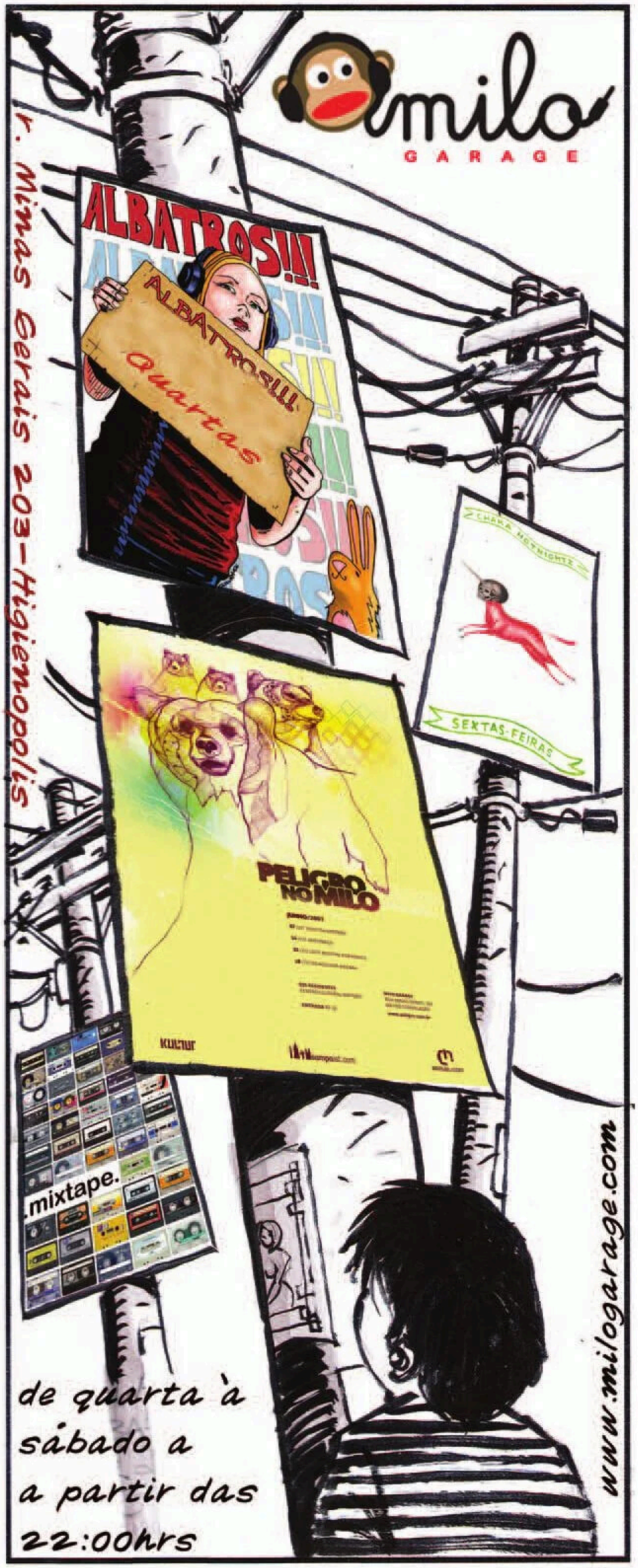
Publicidade . **Rodrigo Brasil**

Agradecimento especial a todos que direta ou indiretamente colaboraram para que essa revista se tornasse realidade. Ao conselho editorial, a todos os colaboradores de texto, foto e arte, à modelo **Loris** da Ten Models e a todos da **Cia de Foto.**

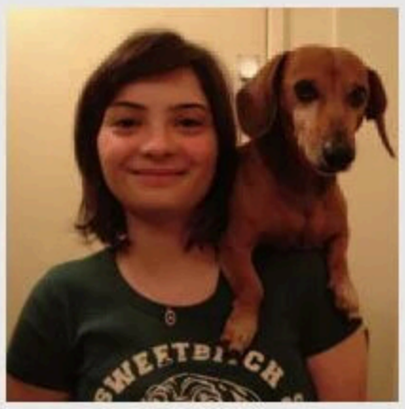
Periodicidade . Bimestral
Distribuição . Gratuita em lojas, restaurantes, bares, cafés, galerias de arte, museus, centros culturais, cinemas, shows e casas noturnas.
Impressão . Prol Gráfica
Tiragem . 10.000 exemplares

Todos os artigos assinados e fotografias são de responsabilidade única de seus autores e não refletem necessariamente a opinião da revista.

Para anunciar ou enviar material para review, entre em contato através do telefone **11 3849.3302** ou escreva para **info@kulturstudio.com.**



+COLABORADORES

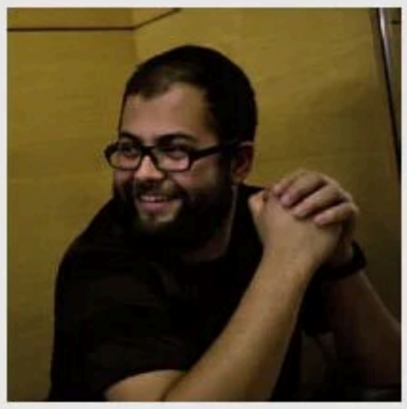


Dea Lellis

Formada em Design Gráfico.
Costura toys e gosta de desenhar
animais e crianças. É viciada em
baixar música, assistir a seriados
e torcer pelo São Paulo F. C. .
Tem como seu fiel escudeiro
Max - O Cachorro.

Arthur Dantas

"Céu pelo clima,
inferno pelas companhias".
Arthur Dantas aka Velot Wamba
é mineiro, escritor, professor,
ativista político esquerdista,
jornalista freelancer e ainda
cuida do site transito.zip.net.



Guillermo Rivero

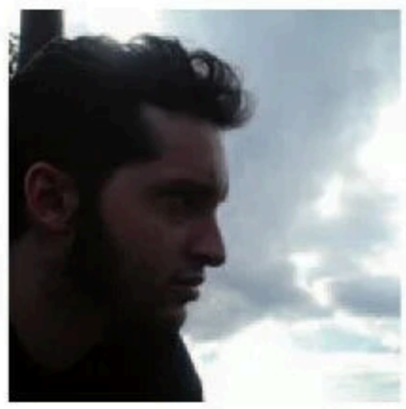
Guillermo Rivero tem 28 anos,
é mexicano e estudou relações
internacionais. Escreve e fotografa
para diversas publicações,
entre elas a revista italiana COLORS.
É fã incondicional de Lucha Libre
e colecionador compulsivo de
Toy Art e Sneakers.

Tiago Nicolas

Chaka Powerful Music.
Tentando achar 100%
das coisas boas do mundo
nos 5% que valem a pena.

Gustavo Mini

É editor do blog Conector,
guitarrista dos Walverdes
e redator senior na Escala Com.
Foi também editor do fanzine
Pôneifax de 1999 a 2001.



Sávio Vilela

Mineiro, 27 anos, jornalista freelancer.
Escreve para veículos como Folha
de São Paulo, Bizz, Superinteressante,
Paste etc., sempre de olho nas
brechas para boas reportagens.

Renato da Silva

Editor do Fanzine Colateral
e estudante de Letras na
Universidade de São Paulo.
Sua vida se resume a arte,
música, literatura e
nada de televisão.

Milo

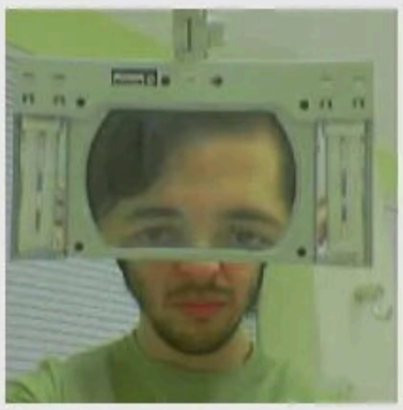
Colecionador de vinil e
dj residente nas noites Albatros!
de toda quarta-feira, no Milo Garage.

Helena Sasseron

"A Dream Within A Dream" / Edgar Allan Poe
/ (...)"You are not wrong, who deem / That
my days have been a dream; / Yet if hope
has flown away (...) / (...) Is it therefore
the less gone? / All that we see or seem / Is
but a dream within a dream. / (...) And I
hold within my hand / Grains of the golden
sand (...) / (...) O God! can I not save / One
from the pitiless wave? / Is all that we see
or seem / But a dream within a dream?"

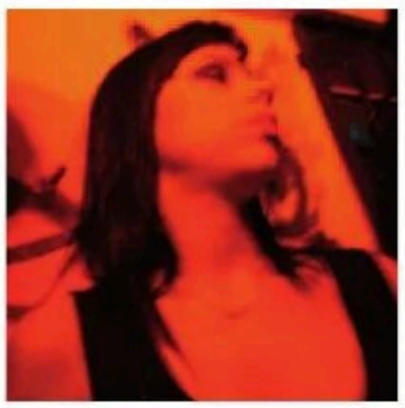
Breno Tamura

É quadrinhista, ilustrador,
dj nas noites vagas, viciado
em videogame e ainda tem duas
bandas, a Brendon Toshiro e Húngaro.
Quando não está com muita preguiça
faz trabalhos com vídeos, mas na maior
parte do tempo está desenhando
ou jogando videogame.



Keke Toledo Piza

Vive atualmente em Nova Iorque,
trabalhando como criativo na
agência Lowe Worldwide.
Já foi redator do programa
"Pânico na TV", dirigiu o
documentário "A Orquestra
Invisível e Outros DJs
Pioneiros do Brasil" e
também realizou videoclipes.



Lu Krás

Vive atualmente em Nova Iorque,
com sua câmera digital sempre
à mão e os olhos atentos para
o cotidiano da cidade.
Movida a música, moda e tendências,
seu currículo inclui anos de trabalho
como assessora nos eventos
mais variados e bacanas de
São Paulo, além da sua formação
em desenho industrial.

5HUFFL€

POR TIAGO NICOLAS

YellowP é um dos fundadores do Sistema de Som Dubversão, que transpõe os famosos Sound Systems jamaicanos para o Brasil. Além de discotecar, ele participa da organização e produção dos trabalhos e sons do Dubversão e ainda sobra tempo para ser um sangue bom ao extremo.

Eu, o Alê e o Rafael fizemos uma visitinha nessa função toda dele e contamos para vocês o que mais rola ou rolaria na agulha da sua vitrola. Saca só!

O disco que é o seu ganha-pão? Aquele que tem o Hit ou os Hits principais da festa?
Raggae Music.
Johnny Clarke . Ariwa Sounds . 12.

O disco que você poderia deixar rolando inteiro os dois lados (seria um play completo)?
Best Dressed Chicken In Town.
Dr Alimantado . Greensleeves/Keyman.

E o disco menos reggae/dub que você tem? O mais diferente que você toca?
Tenho uma coleção de discos que não são de reggae... agora, faz anos que não toco nada que fuja muito do estilo. Mas já cheguei a tocar durante um bom tempo, no fim das sessões, uma música chamada Adora a Santo Antônio, de um grupo de percussão tradicional colombiano.

Se você discotecasse Rap, qual disco você não deixaria de levar para a sua festa?
Peoples Instinctive and the Paths of Rhythm.
A Tribe Called Quest.

O disco que você mais toca do Lee Perry? O preferido?
O Lee Perry não é necessariamente o meu preferido. Mas toco bastante o Vibrate On com Augustus Pablo. Matadora sempre. E muitas vezes toco a versão em 12 polegadas com o Doctor Alimantado, que por acaso chama-se também Reggae Music.

Se você discotecasse Rock, qual disco você não deixaria de levar para a sua festa?
Sandinista!
The Clash.

O disco para tocar no momento "love" da festa?
Bed Too Big Without You - Sheila Hylton.
Versão da música do Sting, com The Police.

O disco para fechar uma noite perfeita (O *gran finale*)?
Jah Foundation.
Anthony Chambers.

O compacto essencial para a festa?
Babylon a Fight Rastaman.
ALLA . Twinkle Music.

Disco que você me daria de presente?
Qualquer mixtape do Dubversão Sistema de Som.

Aaron Rose 2003 . Arte e foto Thomas Campbell.

Aaron Rose

Texto e tradução por Rodrigo Brasil

Nos anos 90, um grupo de artistas americanos, muitos ainda saindo da adolescência, começou a criar arte que refletia seu estilo de vida. Influenciados pelas subculturas da época - skate, graffiti, moda e música independente ¬ eles deram origem a estética única da arte influenciada pela cultura de rua.

A história de Aaron Rose se confunde com a história desse grupo de artistas. Fundador da influente galeria de arte Alleged de Nova Iorque e curador da exposição itinerante Beautiful Losers, parte integrante da última Trienal de Millão, Aaron defende que a arte não deve ser apenas algo a ser comercializado, mas sim uma força catalisadora de mudanças culturais e sociais.

Você ainda se lembra da primeira vez que se interessou por arte?

Aaron. Eu acredito que realmente aprendi sobre arte olhando para capa de discos. Na maioria, eram capas de bandas punk, góticas ou mod que eu curtia quando era adolescente. Desenhar capas de disco sempre foi o trabalho dos meus sonhos. Por sorte acabei trabalhando com alguns artistas que fizeram essas capas mais tarde na vida.
Nessa mesma época, também comecei a prestar atenção no graffiti e em todo o lance da Dogtown que eu via nas ruas.

Na sua opinião, qual a influência que a Dogtown e Stecyk tiveram no skate e na arte inspirada na cultura de rua?

Aaron. Nossa! A influência foi enorme! A primeira vez que vi o graffiti da Dogtown feito pelo Stecyk fiquei completamente cativado. Para mim, parecia algo tão perigoso! Embora fosse muito jovem, eu queria fazer parte daquilo. O que tornou aquela época tão incrível foi que, pela primeira vez na história, um esporte, se é que podemos chamar o skate desta forma, estava associado a um estilo de vida criminoso. Agora vemos isso a toda hora, especialmente no basquete e em vários outros lugares, mas antes tudo tinha uma cara bem limpinha. Os Z-boys, e principalmente as fotos e os trabalhos do Craig Stecyk, mudaram tudo isso.

De onde você vem? O que o fez mudar do Sul da Califórnia para Nova Iorque?

Aaron. Eu andava bem infeliz em Los Angeles. Havia passado minha juventude lá e sentia que o mundo era muito maior que somente a Costa Oeste. Então surgiu uma chance de ir para Nova Iorque e eu agarrei essa oportunidade. Na verdade, eu estava indo para passar algumas semanas, mas no fim acabei ficando por doze anos!

Já ouvi você dizer que algumas coisas na sua vida não foram forçadas, simplesmente aconteceram. Foi dessa forma que a Alleged surgiu?

Aaron. Sim. Abrir uma galeria nunca fez parte do meu plano de vida. A coisa acabou caindo em minhas mãos porque eu era o cara que tinha o espaço. Eu nunca teria escolhido essa profissão. Algumas vezes as melhores coisas da vida acontecem por acidente.

Você fala que o plano não era ter uma galeria, mas sim "nós vamos dar uma festa nesse local". Você acredita que esse tipo de pensamento ajudaria o público em geral a ter maior contato e interesse pela arte?

Aaron. Eu acredito 100% nesta suposição. Eu fico constantemente desapontado com o mundo das artes. Ele se mantém isolado do público em geral, e nesse esforço e apego pela exclusividade o que acontece é que o círculo de influência diminui cada vez mais até se tornar uma situação em que a cobra morde o seu próprio rabo. Toda essa linguagem secreta que nenhuma pessoa sem um mestrado consegue entender. Eu sempre acreditei que um dos papéis mais importantes de um artista é contar a história da sua época, ser um historiador, e quando você faz arte que não possui nenhuma conexão com o público em geral você acaba não cumprindo seu dever. Eu penso que caso os artistas trabalhassem de maneira a construir uma ponte entre os mesmos e o público em geral todos seriam beneficiados.

A exposição "The Independents" na Alleged foi provavelmente um dos momentos mais importantes da sua carreira até agora. O que tornou esse momento tão especial?

Aaron. Eu não me dei conta disso naquela época. Nós estávamos somente realizando uma exposição. Pensando agora, eu acho que ela foi especial porque muitos dos artistas que participaram dela alcançaram carreiras notáveis.

Além disso, todos, incluindo a minha pessoa, estávamos nos tornando nós mesmos. Foi aquela época maravilhosa na qual estamos nos descobrindo, descobrindo o que podemos fazer, o que defendemos, etc. Parecia que

todos os artistas envolvidos estavam passando pelo mesmo momento e isso acabou refletindo na energia da exposição.

Algo como aquilo ainda pode acontecer hoje em dia?

Aaron. Claro! E pode acontecer todo dia! Talvez não para aqueles artistas, mas existem grupos de pessoas ao redor do mundo que estão sempre descobrindo coisas e fazendo acontecer.

O que o fez mudar de volta para Los Angeles?

Aaron. Tinha muita coisa acontecendo em 2001. Eu estava tendo problemas pessoais, a galeria estava em dificuldades, a Margaret Kilgallen faleceu. Eu simplesmente achei que precisava estar num lugar mais seguro. Além disso, Nova Iorque havia mudado muito. Era uma cidade totalmente diferente de quando me mudei pra lá em 1989. Ela se tornou muito corporativa. A razão pela qual eu amava NY era toda a liberdade que existia lá, e eu já não enxergava mais isso.

Margaret Kilgallen. Instalação Beautiful Losers. Foto cortesia Iconoclast

"Eu lutei por muito tempo contra o *establishment*, mas fiz isso de forma errada. Eu estava tentando me tornar igual a eles,

Você completou um curso de negócios na Universidade de Nova Iorque. Acha que isso era necessário para manter a Alleged viva e para poder competir com as galerias de arte já estabelecidas?

Aaron. Para falar a verdade, não aprendi muito nesse curso. Fiz isso como uma maneira de tentar tornar a Alleged algo mais "legítimo" quando comecei a perder artistas para outras galerias. Eu lutei por muito tempo contra o *establishment*, mas fiz isso de forma errada. Eu estava tentando me tornar igual a eles, e acabei aprendendo que isto era o oposto do que deveria ter sido feito. Eu deveria ter simplesmente continuado a ser eu mesmo.

Como era a vida na cidade nova?

Aaron. Los Angeles é uma cidade tão complicada quanto Nova Iorque, mas tive a sorte de voltar numa época em que Los Angeles estava entrando numa renovação. Hoje em dia podemos ver toda essa renovação e seus efeitos. Considero-me um sortudo por estar aqui todo dia. Eu pensava que minha experiência em Nova Iorque era algo que só acontecia uma vez na vida, mas agora estou passando novamente por isso numa cidade totalmente diferente, e com talentos totalmente diferentes.

Quando você percebeu que era hora de fechar a Alleged?

Aaron. Na época estávamos com um espaço em Chinatown. Era uma tarde de sábado e eu estava sentado com o Brendan. Já havia passado cerca de duas horas desde que a última pessoa tinha entrado no lugar, a gente se olhou por um tempo e então a ficha caiu. Mais tarde veio o aviso de despejo.

Vamos falar um pouco sobre a exposição Beautiful Losers. Antes de tudo, como esse show tomou forma?

Aaron. Na verdade, ele tinha que acontecer. Muitos dos artistas envolvidos já estavam expondo em museus, então tinha tudo a ver organizar uma exposição grande. Eu me juntei com um amigo, Christian Strike, e a gente organizou o evento juntos. O legal foi que a gente montou uma espécie de zine para apresentar o projeto e saímos à procura de parceiros. Para nossa sorte, os museus adoraram a idéia.

BARRY MCGEE AT ALLEGED TOKYO 1999. FOTO CHERYL DUNN

e acabei aprendendo que era o oposto do que deveria ter sido feito. Eu deveria ter simplesmente continuado a ser eu mesmo."

Depois disso, você começou a trabalhar como curador independente. O que mudou quando você deixou de ser dono de galeria e curador e passou a ser somente curador?

Aaron. A maior diferença é que você se livra da obrigação de ter que encontrar formas de como arcar com os custos que uma galeria tem. Você passa a somente entrar num espaço e fazer a sua coisa. Isso te dá muita liberdade. Entretanto, sinto muita falta do acesso direto ao público. Quando eu tinha a galeria, nós podíamos fazer algo sempre que desejássemos e o público aparecia no dia seguinte. Agora tenho que esperar seis meses ou um ano até poder chegar às pessoas com algo.

Você enxerga alguma tendência ou ética comum aos Losers ou a seus trabalhos?

Aaron. Na real, acho que é mais uma coisa de gerações. Existem muitas diferenças e semelhanças. Todos os artistas vieram da cultura de rua, quer seja do skate, punk ou hip-hop. Dessa forma, encontramos uma boa quantidade de referências culturais similares nesse grupo.

Mark Gonzales e Mac Ginness . Instalação Beautiful Losers . Foto cortesia Iconoclast

"Eu sinto que muitos jovens artistas hoje em dia perderam totalmente o ponto, e isso se reflete em seus trabalhos. Em minha opinião, a maioria dos trabalhos que vejo é uma grande chatice, não por falta de talento, mas sim pelo fato de que esses jovens estão seguindo regras que não deveriam".

Ed Templeton . Instalação Beautiful Losers . Foto cortesia Iconoclast

Uma das coisas que podemos observar é que muitos destes artistas misturam vídeo, fotografia, design gráfico e outras ferramentas.

Aaron. Muitos trabalhos nesse show são efêmeros por natureza. Skatistas e grafiteiros fazem coisas que podem viver somente nas mentes das pessoas que estavam no momento e no local como testemunhas oculares. Daí surgiu uma necessidade enorme de documentação, por vídeo ou fotos. Além disso, estamos falando da cultura do "faça você mesmo". Ninguém nos falou: você não pode fazer isso ou aquilo. Não existem regras, então por que não fazer tudo nós mesmos?

Você também está envolvido com um outdoor de arte em Los Angeles. Como esse projeto funciona?

Aaron. Eu trabalho nesse projeto com uma loja de tênis chamada Undefeated. A gente está com esse outdoor por mais de 3 anos e temos um apoio da Nike. O projeto é incrível, perfeito para Los Angeles, onde todo mundo passa o dia inteiro dentro de carros. Tantos artistas já tiveram suas artes lá em cima. Atualmente temos o Mike Mills. Já passaram por lá Barry McGee, KAWS, Raymond Pettibon, Dennis Hopper, Osgemeos... Foram muitos artistas ótimos!!!

Como você enxerga esta colaboração entre artistas e marcas? Você acha que isso se tornou uma necessidade?

Aaron. Eu não acho que ela seja algo necessário, mas é ótimo quando a coisa funciona bem. Os artistas precisam ser cuidadosos – se um projeto pode ser realizado de maneira que ambos os lados fiquem felizes, essa colaboração é sempre bem-vinda.

Você também faz uma revista gratuita com a RVCA, uma marca de roupas. Outra vez você está levando arte de graça para o público. Acredita que isto é algo que deve ser feito por ambos, artistas e marcas?

Aaron. Eu acredito muito nisso. Eu sinto a necessidade de inspirar e educar. Se não faço isso acabo infeliz. A revista é o veículo perfeito para isso, pois não existem regras sobre as coisas que escolhemos mostrar. É uma ótima chance de falar para as pessoas sobre coisas que achamos fabulosas, sejam elas do presente ou do passado. A RVCA é muito generosa quando estamos falando de artistas. Eles realmente apóiam a arte, e de forma honesta, enquanto outras marcas somente usam a imagem de um artista e a exploram para parecerem legais.

Qual o tipo de conteúdo da revista?

Aaron. Qualquer coisa que nos inspire, seja isso algo na moda ou não, passado, presente ou futuro. Além disso, mostramos trabalhos de jovens artistas que são completamente esquecidos pelos estabelecimentos educacionais.

Falando de educação, você não fica preocupado por muitas vezes as credenciais estarem se tornando algo mais importante que o ponto de vista de um artista?

Aaron. Respondendo em uma palavra, sim, mas na verdade essa seria uma resposta muito longa para o espaço que temos. Eu sinto que os jovens artistas hoje em dia perderam totalmente o ponto, e isso se reflete em seus trabalhos. Em minha opinião, a maioria dos trabalhos que vejo é uma grande chatice, não por falta de talento, mas sim pelo fato dos jovens estarem seguindo regras que não deveriam. Se eu nunca mais tiver que ver uma colagem de metais em uma cartolina neon, ficarei feliz da vida.

Ultimamente, quais trabalhos têm impressionado você?

Aaron. Eu amo o trabalho da Jane Xylor, Elliott Hundley, e recentemente tenho visto muita coisa do Chris Burden. Dash Snow é sempre bom. O Daido Moriyama, um fotógrafo japonês. Chris Johanson é simplesmente o melhor! Cara, dá para falar de muita gente!

O que podemos esperar para o futuro?

Aaron. Espero continuar a inspirar as pessoas e a minha pessoa.

Últimas palavras?

Aaron. "Stay Gold". ◂

▸▸ Conheça mais:
www.allegedpress.com
www.rvcaanp.com
www.rvcaclothing.com

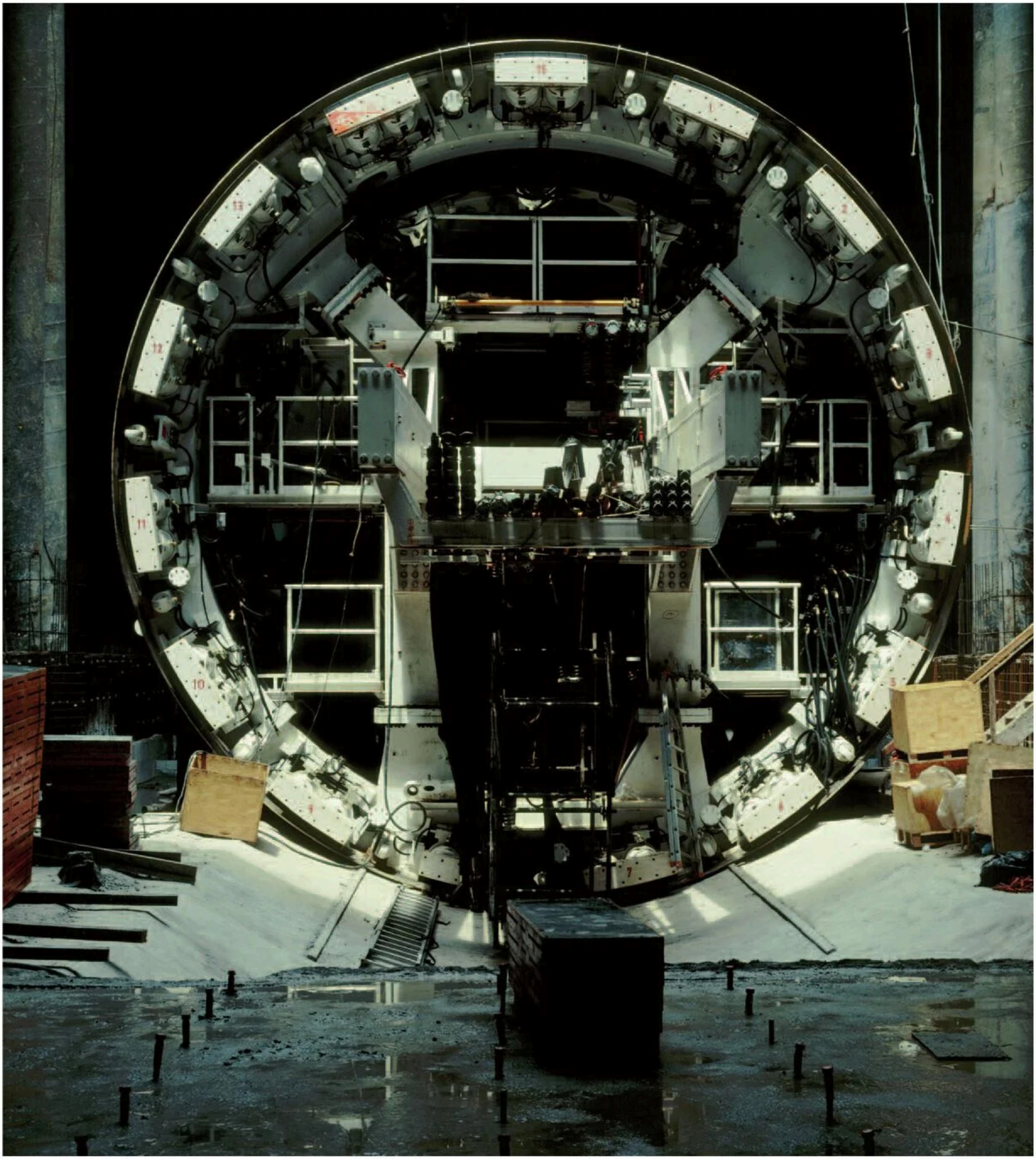
30m

No ensaio fotográfico “30m” Rogério Canella apresenta imagens de sua série de fotografias Linha 4, intitulada a partir da nova linha de metrô de São Paulo, que unirá a Estação da Luz à Vila Sônia, região sudoeste da cidade, e cujo percurso, segundo a Companhia do Metropolitano de São Paulo (Metrô), será todo feito de forma subterrânea.

Para criar as imagens, em sua maioria grandes formatos, Canella visitou mais de doze canteiros de obra (estações e túneis de ventilação), localizados sob grandes avenidas da cidade de São Paulo. O artista se concentrou apenas na primeira das três etapas que, ainda segundo o Metrô, dividem os trabalhos dessas grandes construções. Nela, o solo é preparado e estruturas são criadas para a entrada da SHIELD, escavadeira que perfura a terra e cria os túneis que ligam uma estação à outra. Como em séries anteriores, Canella fotografa esses espaços em transição, desprovidos da presença humana. No caso da Linha 4, o artista revela ao olhar a gigantesca transformação por que passa a cidade, mas que, por ocorrer no subterrâneo, escapa à visão. ⏩

ATENÇÃO

LINHA 4 #20



LINHA 4 #16

LINHA 4 #2

ESTAÇÃO FARIA LIMA
/ 13.11.2005

LINHA 4 #16

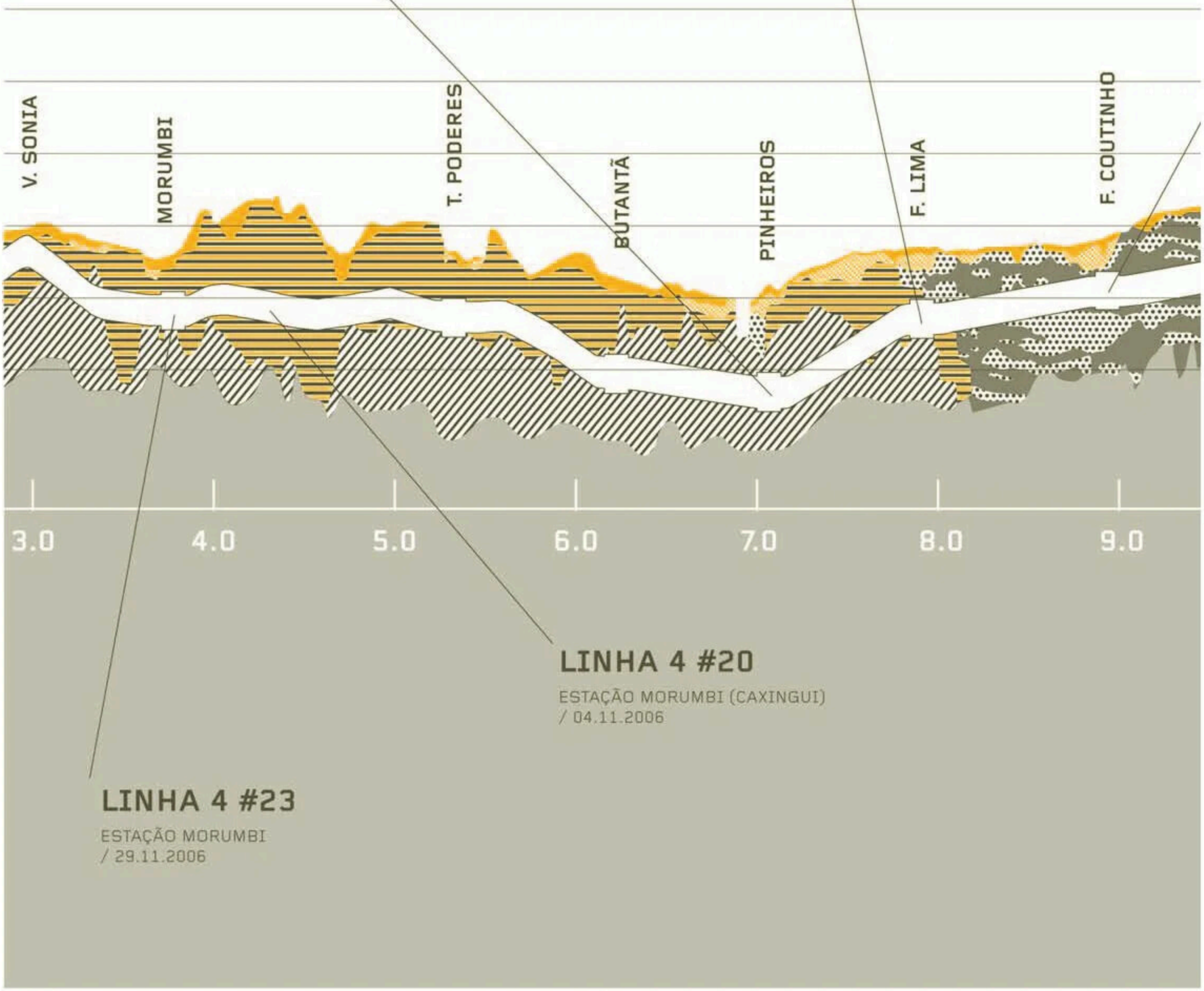
ESTAÇÃO FARIA LIMA
/ 21.10.2006

LINHA 4 #17

ESTAÇÃO FARIA LIMA
/ 21.10.2006

LINHA 4 #4

ESTAÇÃO PINHEIROS (FERREIRA DE ARAÚJO)
/ 16.12.2005



LINHA 4 #20

ESTAÇÃO MORUMBI (CAXINGUI)
/ 04.11.2006

LINHA 4 #23

ESTAÇÃO MORUMBI
/ 29.11.2006

ATERRO

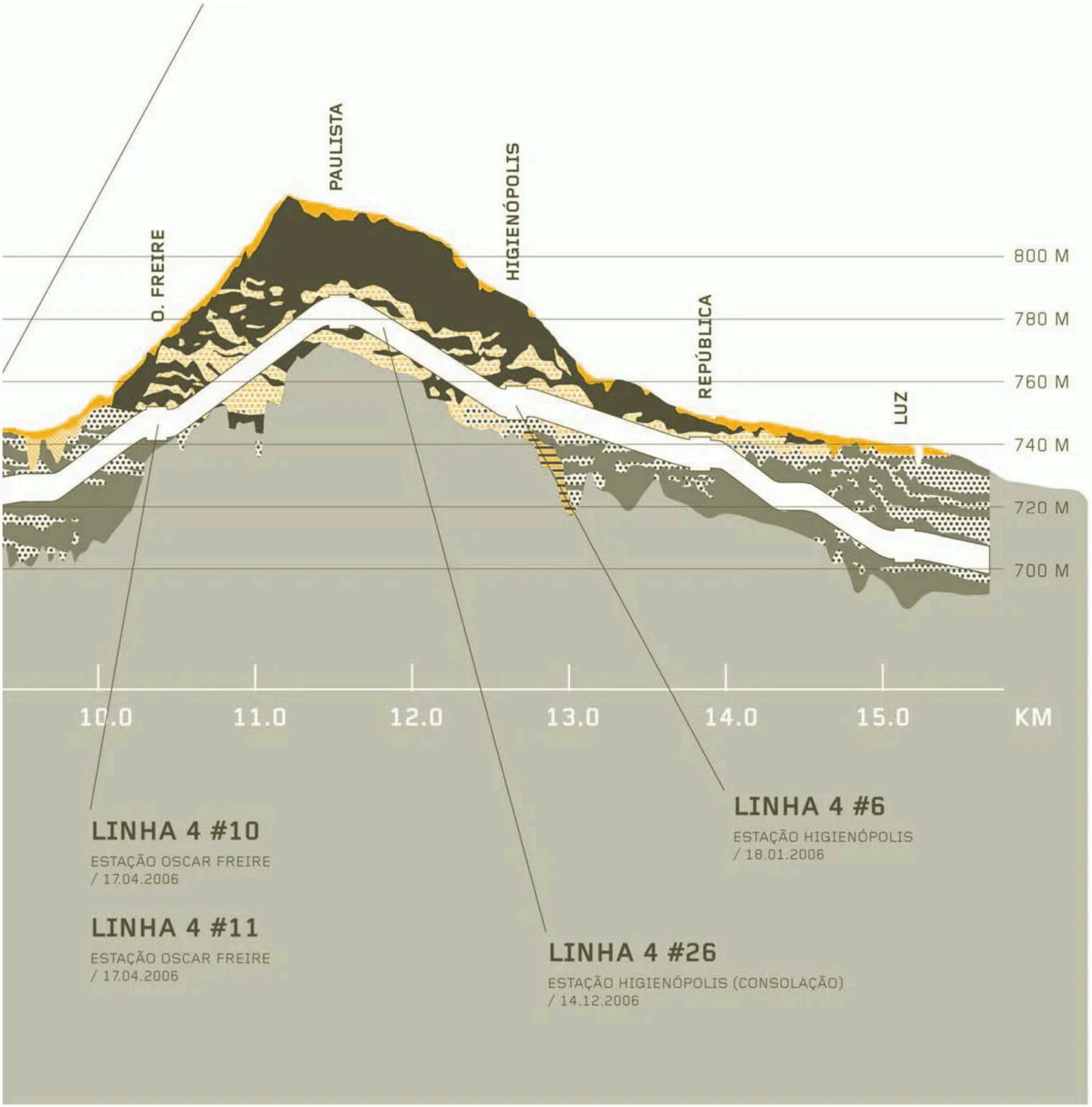
ARGILA ORGÂNICA E AREIA SILTOSA

ARGILA ARENOSA VARIEGADA

AREIA ARGILOSA VARIEGADA

LINHA 4 #3

ESTAÇÃO FRADIQUE COUTINHO
/ 27.11.2005



LINHA 4 #10

ESTAÇÃO OSCAR FREIRE
/ 17.04.2006

LINHA 4 #11

ESTAÇÃO OSCAR FREIRE
/ 17.04.2006

LINHA 4 #6

ESTAÇÃO HIGIENÓPOLIS
/ 18.01.2006

LINHA 4 #26

ESTAÇÃO HIGIENÓPOLIS (CONSOLAÇÃO)
/ 14.12.2006

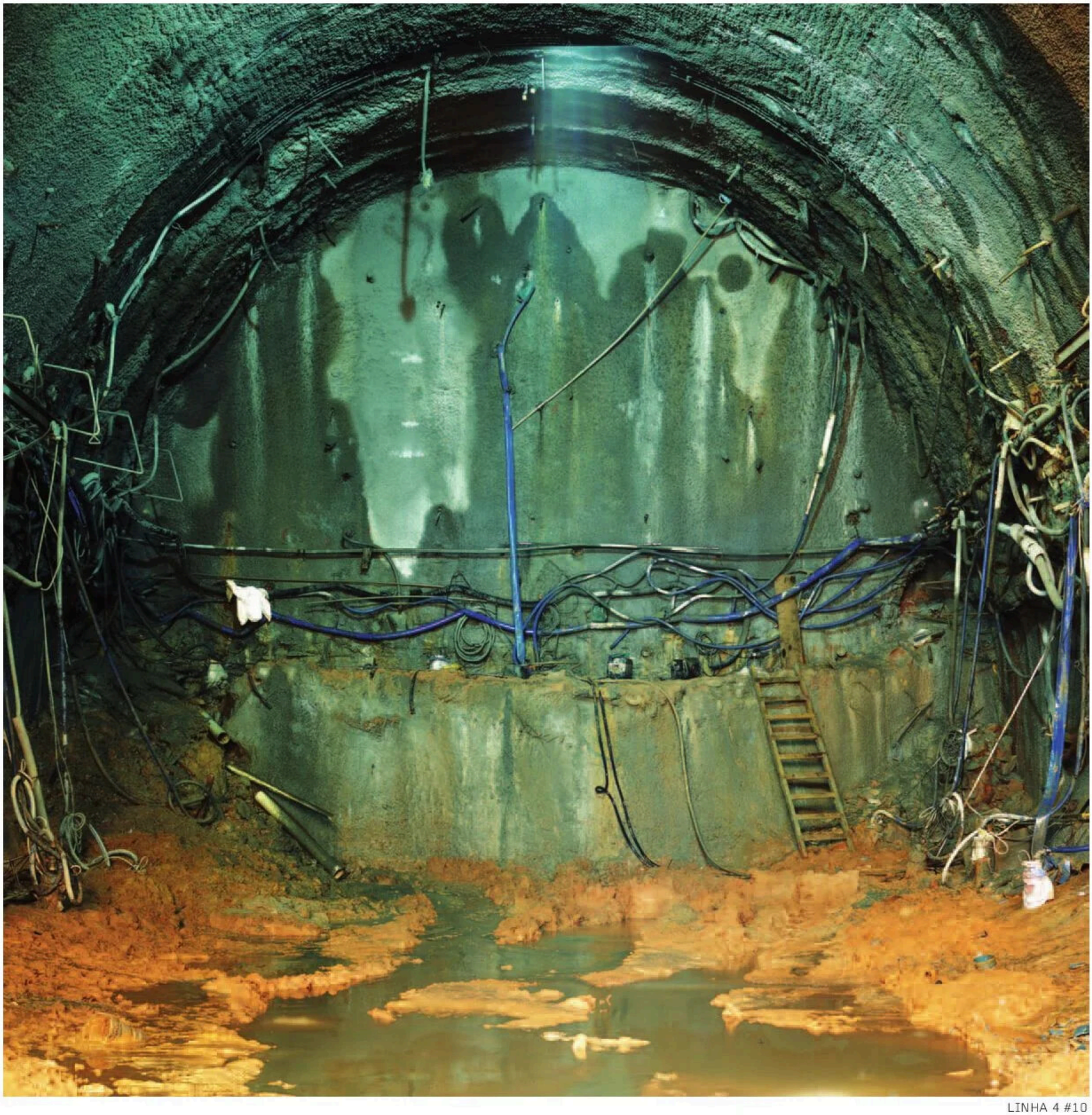
ARGILA SILTOSA CINZA

AREIA SILTOSA CINZA E AMARELA

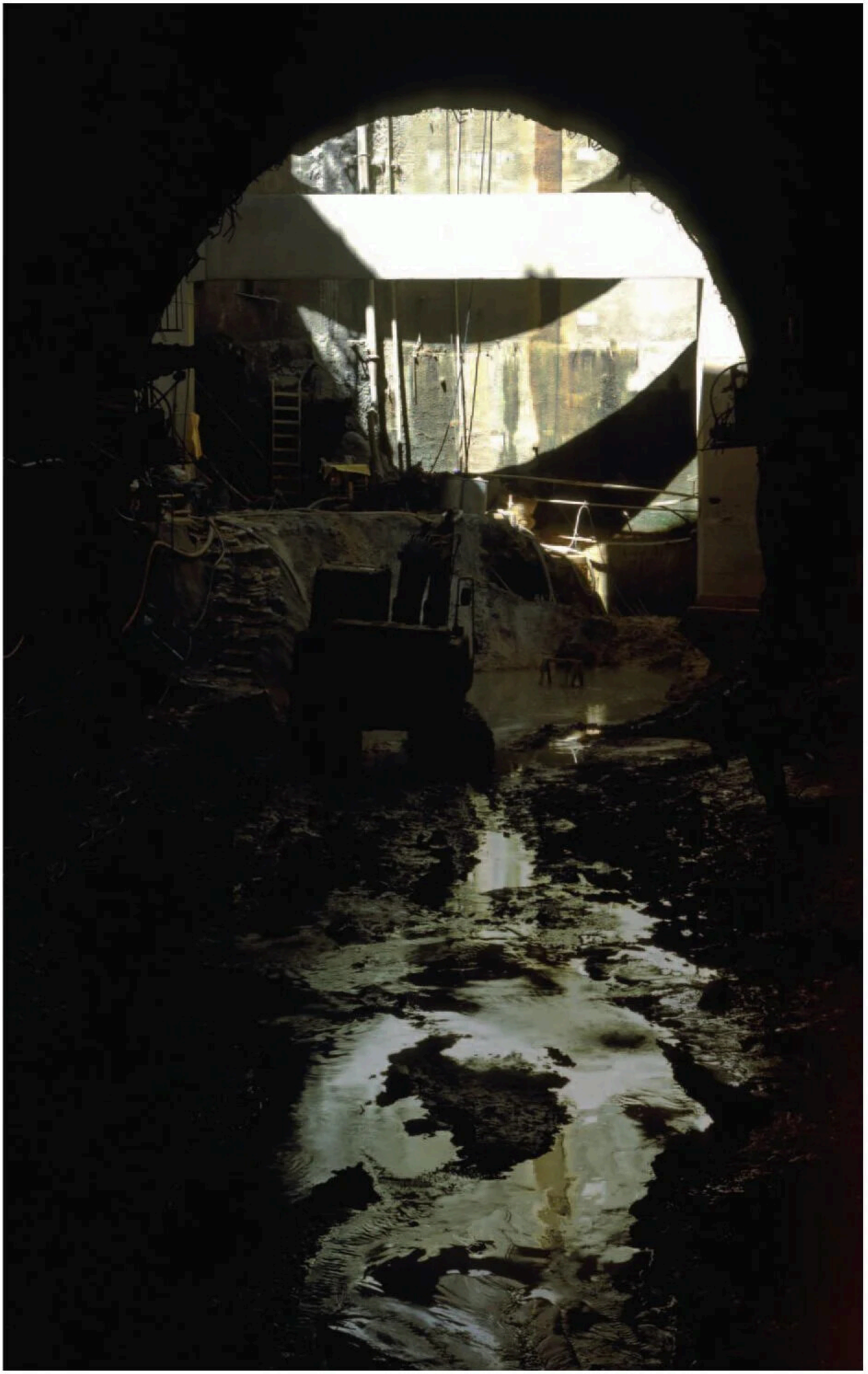
SAPROLITO DE GNAISSE

GNAISSE GRANÍTICO MEDIANAMENTE ALTERADO

LINHA 4 #3



LINHA 4 #10



LINHA 4 #11

AMPLITUDE

ENTREVISTA COM RODOLFO HERRERA

+SOMA. O que motivou a montar a Amplitude?

Rodolfo. O Sérgio começou a Amplitude em 2004 pela vontade de querer lançar as bandas que ele gostava, dentro da perspectiva que achava certa, como uma gravadora. A gente costuma se referir à Amplitude como uma gravadora, e não como um selo. Eu acho que faz grande parte da visão e talvez explique um pouco da intenção da Amplitude. Tem uma diferenciação que a gente faz, por acharmos que essa coisa de "selo" é uma denominação que as grandes gravadoras criaram para atingir um nicho específico. Nós não somos um "selo", somos uma gravadora. Temos um nicho, mas não é algo pensado.

+SOMA. Isso é legal. Mas qual o posicionamento da Amplitude? Dá para perceber que existe uma relação entre as bandas que a Amplitude lança ou assina, não sonoricamente, porque são até bem diferentes.

Rodolfo. A principal relação que existe é que são pessoas que realmente querem produzir música num sentido mais amplo, e não presa a uma estética determinada ou a algum movimento. Acho que isso fica claro em todas as bandas que a Amplitude já lançou. Se você pegar o Satanique Samba Trio, você tem uma mistura enorme, não consegue ver de onde vem aquilo, se é inspiração de samba, de John Zorn, Mahler... Sei lá, as influências são muitas. A mesma coisa com o Debate: talvez numa descrição mais preguiçosa das pessoas, as primeiras comparações são com Jawbox e outras bandas Pós-Punk, mas vai muito além disso, dá pra ver muitas outras influências. Acho que as bandas, quando estão compondo, vão um pouco mais longe. O que tem em comum nas bandas da Amplitude é a vontade de fazer música, de expandir os horizontes da música que eles produzem.

+SOMA. No release que recebi, vocês comentam sobre uma filosofia colaborativa. Fale um pouco mais sobre isso.

Rodolfo. Isso que você está vendo aqui é a maneira colaborativa como a gente trabalha. Oficialmente, a Amplitude é o Sérgio (Debate) e eu, mas já teve muita gente colaborando. Além do Sérgio, que é o dono e fundador do selo, e eu, que toco o dia-a-dia, sempre tem gente colaborando com o projeto. Por exemplo, hoje tem o Paulinho, que faz a assessoria de imprensa, a Gabi, que está cuidando da produção de shows, e o mais legal é a vontade dessas pessoas, não são pessoas que estão aqui só pela grana, mas por que se identificam com a proposta da Amplitude e suas bandas.

+SOMA. Acho interessante o fato de a Amplitude, apesar de ser uma gravadora paulista, lançar artistas de diversas regiões do país. Isso é uma preocupação de vocês, ou vem rolando naturalmente?

Rodolfo. Rola naturalmente, mas também existe uma intenção. Por que você vai querer vender algo que está sendo produzido aqui em São Paulo para alguém que mora em Sergipe, se lá existe uma produção local? Às vezes as pessoas de lá nem sabem dessas bandas, então vamos ver o que tem e trazer para cá. O Brasil é um país grande, tem muita gente produzindo música, não é possível que seja restrito só a São Paulo ou ao Sudeste. Desde que seja uma música boa e que seja interessante para gente, vamos lançar, independentemente do lugar. E no final das contas acaba sendo ótimo se pensar em integração, porque, se você lança uma banda de Brasília e tem outras de diferentes estados no seu catálogo, provavelmente alguém que, por exemplo, conhece o Satanique Samba Trio ou o PexbaA, de Minas, em algum momento vai acabar se interessando em ver as outras bandas do catálogo e que produzem música com o mesmo espírito em outros lugares do país.

+SOMA. Várias bandas do selo (Satanique, Fossil, Elma) são instrumentais. Estão faltando bons vocalistas no mercado ou é um novo movimento surgindo?

Rodolfo. Acho que é uma possibilidade a se pensar... que não existem bons vocalistas (*risos*)... Tem muita banda com vocalista ruim... (*risos*)

+SOMA. Sei que o Elma tentou vários vo-calistas, mas nenhum se encaixava na proposta da banda...

Rodolfo. Pois é, que tipo de vocal você vai querer colocar numa banda como o Elma?... Deve ser realmente complexo. E o interessante é que você ouve, por mais que seja uma banda instrumental, e não passa nem perto de ser uma proposta em que as pessoas vão ouvir e dizer "nossa, ficou faltando um vocal nessa música"... As músicas são realmente planejadas para ser daquela maneira. O Satanique Samba Trio, não sei, não consigo imaginar um vocal nas orquestrações que são feitas... (*risos*)

+SOMA. Só se fosse um Mike Patton da vida...

Rodolfo. É, talvez! (*risos*)

+SOMA. Como é a relação entre os artistas e a gravadora?

Rodolfo. O posicionamento da Amplitude em relação aos artistas é de complementar o trabalho da banda. É realmente colaborativo, nós queremos chegar num ponto a que talvez elas sozinhas não chegassem. Uma banda, por exemplo, como o Elma, já vem de um mundo, de um circuito, em que eles são íntimos dos lugares em que eles tocam. É um circuito em que a Amplitude não vai conseguir ser mais íntima do que o Elma. Por outro lado, como uma gravadora, conseguimos nos colocar em determinados cenários a que o Elma sozinho não conseguiria chegar, e é assim que a gente consegue colaborar com as bandas, em complementar o trabalho delas. Temos uma base de dados de onde podem tocar, onde podem divulgar os CDs, etc.. Nós não vamos chegar e fazer esse trabalho para as bandas, mas se ela quiser e falar "olha, a gente está a fim de tocar, onde a gente pode tocar?"... Está aqui, temos uma lista enorme de lugares, é só ligar, entrar em contato, se organizar e fazer acontecer. E, obviamente, promover os discos, vender os discos, que no final é isso que interessa se você é uma gravadora, vender a música.

+SOMA. Sei que no Brasil, para a maioria dos selos, gravadoras e bandas independentes, a maior dificuldade está na divulgação do trabalho, pois campanhas em revistas são caras e jabá de gravadora ninguém quer pagar. Como vocês lidam com isso?

"Acho que é uma possibilidade a se pensar... que ***não existem*** *bons vocalistas (risos)... Tem muita banda com vocalista ruim... (risos)"*

Rodolfo. Sobre a imprensa, não adianta insistir com a imprensa no Brasil. As pessoas são obtusas demais, burras e incompetentes, não sei se por vontade própria ou se pela estrutura em que elas estão envolvidas, em que tem que respeitar determinadas hierarquias de divulgação dentro dos jornais e das revistas. A gente tem o costume de enviar CDs para alguns jornalistas, mas não perdemos tempo com quem não quer fazer o próprio trabalho, sabe? Não vamos obrigar ninguém a ouvir nosso CD, e muito menos implorar pra escreverem algo sobre a banda.

As últimas resenhas que foram publicadas sobre a Amplitude acabaram partindo do interesse pessoal de jornalistas, alguns que realmente se interessam e falam: "Vou escrever sobre tal banda da Amplitude, por que eu gosto do som." E é assim que funciona, porque não faz diferença - por exemplo, por melhor que tenha sido a intenção do cara que escreveu uma resenha na Rolling Stone sobre o Satanic, isso não faz a gente vender um CD a mais, nem uma música a mais, nem um show sequer a mais... Porque aquilo não está dentro do contexto correto. Não sei qual o impacto que tem você falar que o CD do Satanique Samba Trio saiu na Rolling Stone, da mesma maneira que o CD, sei lá, do Evanescence saiu na Rolling Stone, ou o da menina da novela saiu na Rolling Stone, sabe? Tá tudo dentro de uma mistura ali que quando as pessoas pegam não faz muito sentido para elas. Então a imprensa não é de grande ajuda para a Amplitude. Acho que a maior divulgação que temos é a internet, sites como lastfm.com, o próprio site da Amplitude, myspace, comunidades, é assim que funciona e dessa maneira que eu acho que vai funcionar. Se os jornais e as revistas não se qualificam, alguém vai se qualificar e é a internet que está fazendo isso.

Sobre a divulgação, parte é responsabilidade das bandas e a única contrapartida que a gente exige da banda é tocar, fazer shows e que continuem desenvolvendo sua música. Se uma banda está ativa acaba aparecendo. E se ela está parada, não produz, que é normalmente o

estado da maioria das bandas do Brasil, são bandas que existem num plano existencial, existem mas não tocam, sei lá, há mais de um ano...

+SOMA. Acho que isso vem um pouco da necessidade, poucas bandas conseguem sobreviver no Brasil só tocando, muitos têm empregos e atividades paralelas...

Rodolfo. Sim, e a gente entende isso totalmente. Mas tem que compreender também o que faz parte do exercício de ser uma banda de verdade, que é tocar, continuar fazendo música. A Amplitude entra num segundo estágio, depois que a música está pronta e a gente entra lançando e divulgando o produto deles.

+SOMA. Sei que vocês não têm acordo com nenhuma distribuidora no Brasil. Como fazem a distribuição dos seus discos? E em outros países?

Rodolfo. A mesma postura que a gente adotou com a imprensa adotamos com a questão da distribuição. Para nós faz mais sentido ter o controle de todo o processo, lançar o disco e distribuir nas lojas que a gente acha que tem o perfil. É óbvio que é interessante ter nossos discos na Fnac ou na Livraria Cultura, mas sabemos que é mais fácil às pessoas procurarem os nossos CDs nos shows ou em lojas especializadas.

Também estamos investindo em um novo site que será um canal de distribuição mais direto, será nosso foco principal, que as pessoas tenham contato com a música da Amplitude pela própria Amplitude. Hoje a maioria das vendas que se faz pelo site é para fora do Brasil, Europa e Estados Unidos, e recentemente as vendas por internet no país têm crescido. Também trabalhamos com distribuição de música digital, estão no Itunes, no Emusic, na Fnac francesa e diversas outras lojas de arquivos digitais, mas por enquanto isso só fora do Brasil, aqui a gente não tem venda digital em nenhuma loja.

+SOMA. Por quê?

Rodolfo. Primeiro porque nunca existiu interesse em trabalhar com as lojas que vendem música digital aqui, principalmente pela questão do preço, que a gente considera abusivo. Mas pode ser que as coisas comecem a mudar, acho que as empresas serão obrigadas a trabalhar num esquema mais viável, não dá para querer vender arquivo digital por três reais sempre. Tem que ser mais barato, senão não faz sentido, as pessoas vão continuar baixando de graça, e na verdade a gente não liga muito que baixem, não nos importamos tanto com isso.

+SOMA. Todos os últimos lançamentos parecem ter uma preocupação a mais com o acabamento, usando embalagens diferenciadas, facas especiais e impressão de qualidade. Vê isso como uma forma de agregar valor ao produto e incentivar as pessoas a comprarem o disco? Ou é só uma extensão da criatividade das bandas?

Rodolfo. Acho que é uma junção desses dois fatores. A única entidade que tem a capacidade de oferecer um produto completo de uma banda é a gravadora – e a própria banda. Então investimos nisso, e achamos que é uma coisa importante. Também é uma exigência que a gente faz para as bandas: caprichem na arte, façam algo realmente bom, a gente realmente leva a sério isso. É uma extensão do trabalho da banda. Já é tão difícil as pessoas comprarem CD hoje em dia; então, se comprarem, têm que levar algo realmente decente, sabe? Que valha a pena.
Outro dia eu li numa matéria que a Universal está vendendo discos a nove reais, e eles estavam se vangloriando disso... Esses CDs vêm com uma capinha que é só uma lâmina impressa, só a frente, com um endereço de internet para você baixar o encarte em PDF e imprimir... Que diabos? Eles estão igualando o produto deles ao do camelô! Se alguém quiser comprar, pagar dez reais num CD que vem só com uma capa impressa toscamente, é só ir ao camelô que não vai fazer diferença.

É engraçado que todas as resenhas que falam das bandas da Amplitude no Brasil não falam nada sobre as artes. Ao contrário, nas que saíram fora do país é sempre a primeira coisa que eles comentam.

+SOMA. Sabemos que hoje é cada vez mais difícil conseguir vender um CD. Como a Amplitude tem feito para se virar nessa atual crise do mercado fonográfico?

Rodolfo. A gente procura desde as mais comuns até as novas formas de divulgação, como a distribuição digital, que ainda é fraca, principalmente no Brasil. Quanto mais as empresas demorarem para se conscientizar de que essa é a maneira de elas comercializarem música, mais difícil vai ser as pessoas aderirem, pois já está se criando uma noção de que música é um bem público, o que eu não acho ruim, mas a questão é que não está se dando a opção para se comprar algo diferente com qualidade.

“Não sei qual o impacto que tem você falar que o CD do Satanique Samba Trio saiu na Rolling Stone, da mesma maneira que o CD, sei lá, do Evanescence saiu na Rolling Stone, ou o da menina da novela saiu na Rolling Stone, sabe? “

Além disso, procuramos parcerias com outras empresas, assim como lugares. Porque a gente não faz questão nenhuma de passar numa MTV ou tocar numa rádio, então procuramos fazer ações para que nossa música chegue à maior quantidade de pessoas possível. Isso, é claro, sem descaracterizar o trabalho – a música. A gente acabou de fechar um acordo com a Pepsi, que montou um site com nossa curadoria, colocamos o catálogo da gravadora disponível. Então essa é uma maneira ótima, em que todo mundo ganha: as pessoas que baixam as músicas de graça, a Amplitude, as bandas que recebem por isso e a Pepsi, que promove sua marca, sem descaracterizar nossa música, nossa identidade. Acho que isso continua sendo uma forma de se manter independente, você negociando sua música da maneira que você entende que seja certa e que possibilita que a gente invista em mais bandas e lance mais discos. Também fechamos recentemente parcerias para distribuição de músicas por celular (Ringtones), mas não sabemos no que vai dar, não se sabe o tipo de público que compra isso, só sabemos que existe uma demanda, que existem pessoas consumindo isso. E o mais interessante é que, além de ser uma forma de primeiro contato, as bandas da Amplitude estão compondo músicas exclusivas para toques de celular.

+SOMA. Nos EUA existem bandas independentes que vendem mais de 250.000 cópias por álbum. No Brasil, o cenário é bem diferente, e uma banda independente esgotar uma prensagem de 1.000 cópias já é motivo de comemoração. O que está faltando para gente chegar lá?

Rodolfo. Cara, o que falta são uns 20 anos, é isso! (*risos*) Sério, se parar para pensar esse cenário independente, do jeito que se configura hoje, nos Estados Unidos ele acontece há no mínimo 25 anos, e para nós é novo, é muito mais recente. Eles já têm 25 anos de pessoas trabalhando e estruturando o mercado... E é por isso que eu falei no começo desta entrevista da questão de gravadora e selo, porque se é só pra você lançar um disco e colocar um nome ali, não faz sentido, o que faz sentido é o trabalho que se tem em torno do lançamento de um disco, do suporte que você dá, e são realmente poucas pessoas que estão fazendo aqui no Brasil. Talvez, no início, nos Estados Unidos, fossem poucas, mas no decorrer desses anos isso se multiplicou, foi criada uma base, uma cultura para esse mercado. Então acho que talvez a palavra seja cultura, criar uma cultura de que existe uma outra realidade que não é a do mainstream, sabe? Aqui a gente ainda está aprendendo isso. Nossa base é menor. Quando nossa base for maior, talvez a gente atinja esse mesmo nível, crie um circuito de bandas tocando, lugares para shows, gravadoras, mídias que são importantes também. Porque talvez as pessoas não tenham nem como se informar direito, sabe? Por isso que a gente investe tanto em comunicação direta. Se você pegar os selos de 20 anos atrás nos Estados Unidos, era exatamente isso que eles já faziam, vendendo através de mail orders, em shows, fazendo os próprios cartazes, fanzines e coisas do tipo, sabe? Hoje em dia a gente usa a internet para fazer isso, o que facilita bastante.

+SOMA. Bom, e para fechar, quais os próximos passos da Amplitude para o final do ano ou para o ano que vem?

Rodolfo. De lançamentos, o próximo CD que vai ser lançado é o novo do Debate, agora em setembro, que foi gravado durante a turnê da banda nos Estados Unidos, com o J. Robbins (Jawbox e Burning Airlines), e depois tem mais dois lançamentos com datas a confirmar, que são o disco novo do Fossil, de Fortaleza, e mais um disco que a gente ainda não sabe qual vai ser a banda, por que às vezes as bandas se enrolam (*risos*) – a gente quer lançar, mas às vezes elas acabam tropeçando nas próprias pernas (*risos*). Então, vai depender um pouco de quem entregar primeiro o disco (*risos*).

» Artistas:

Debate . EP Debate (SP)
Elma . EP Elma (SP)
Fossil (CE)
Lacertae . A volta que o mundo não deu (SE)
PexbaA . PexbaA (MG)
Satanic Samba Trio . Sangrou (DF)
Misantropicália (DF)
Sol . A Força (RS)
No descompasso do transe . Retalhos do meu silêncio (RS)

» Onde encontrar:

http://www.amplitude.art.br

SATANIC SAMBA TRIO

Por Alexandre Charro . Foto por Aline Tissot

POSSUÍDOS

Tem muita gente ficando possuída ultimamente. O mês de agosto em São Paulo é geralmente muito seco, e conversando com o Munha, regente da banda Satanique Samba Trio, quebrado samba jazz experimental da Asa Sul de Brasília, uma terra altamente árida, pude confirmar a teoria de que o clima pode influenciar na atitude e no comportamento, se abrir em chagas.

A SS3, que não é um trio, é formada por músicos eruditos: Munha (baixo e regência), Hideki (cavaco), RC (guitarra), Lupa (bateria) e Flávio Rubens (sopros) extraem a alma dos desapercebidos que escutam sua música. Lançaram este ano o 2º disco pela Amplitude, denominado "Sangrou". Gravado em oito estúdios diferentes, com instrumentos e ambiência próprios para cada faixa, os arranjos misteriosos e raros fazem os músicos conviverem próximos, mas em outra dimensão. Talvez neguinho esteja precisando da música "A alma boca a fora" para se exorcizar e alcançar.

Sobrevivendo no inferno

Como qualquer banda fora do estrelato no Brasil, a SS3 não sustenta o "leite das crianças" dos seus integrantes: "Para sobreviver, desempenhamos funções monótonas e infelizes relacionadas a música; alguns diplomas superiores em música e décadas em gangues de rua ajudam. Aulas de teoria e prática musical, produção de eventos, Bolero de Ravel em casamento de coroa, cachês mercenários em shows de axé music, essas coisas que nem merecem ser mencionadas... Eu mesmo trabalho como técnico de som em um estúdio de ensaio e gravação. Ontem tive que limpar vômito pela segunda vez no ano. Lidar com músico é foda."

Possuído no clima árido

"Definitivamente. Escrever uma partitura com o nariz vertendo sangue com certeza pode mudar os caminhos da música.

Possuídos pela dúvida de tocar ao vivo, isso sim! Eu mesmo vivo me perguntando se tocar ao vivo é mesmo um bom negócio..."

Ritual de composição e gravação

"Eu não tenho muita opção (para compor): estou sempre insone, debilitado fisicamente e completamente na pior... Geralmente eu faço as músicas e os temas, levo para os rapazes e arranjamos em processo coletivo. Não há nada peculiar ou satanicamente sensacionalista em nosso processo. O mais próximo que chegamos de um ritual supersticioso foi o sacrifício do diretório de mp3 do meu computador (por volta de 50 GB). Eu senti que PRECISAVA destruir algo de valor sentimental para de-terminar o ponto final das gravações. Como cães, gatos e pombas não prestam para nada, preferi sacrificar o que fosse me fazer falta para sempre.

No processo de gravação, até questões conceituais como Numerologia e Tarô importam em uma banda como o SS3. Levamos tudo em consideração e depois nos arrependemos. Nossa música está sempre mudando, de um jeito ou de outro, estou constantemente testando novas perspectivas dentro da proposta inicial de usurpação da MPB. Se alguém quiser pagar por isso, ótimo; se pedirem para tocarmos 'Brasileirinho' no Criança Esperança, levam bala."

3 influências

"Anton Webern e Gustav Mahler, por nos ensinarem truques de ilusionismo estrutural e harmônico, Oscar Niemeyer por ser Deus."

Samba Indie

O samba é antigo e ligado a raízes. E o "Samba Indie"? "É meio ofensivo, isso de 'samba indie'. Se você parar para pensar, provavelmente estão tentando nos associar àqueles garotos com cortes de cabelo horríveis e que têm medo de pobre. Talvez algumas pessoas entendam o SS3 como uma banda de samba ultra-acadêmico, coisa de calouro do curso de artes cênicas da USP ou algo assim, o que legitimaria esse rótulo de 'samba indie', na visão dos mais preconceituosos. É triste, mas o preconceito é o carimbo definitivo para a maioria. E nós somos vítimas."

Roda de Samba perfeita

"Quadrada."

Música erudita e black metal

Na capa do disco "Misantropicalia" você nota uma analogia com os discos das bandas de black/death Dark Throne e Impaled Nazarene: "No começo me pareceu engraçado. Achei que confundiria muitas pessoas, que naturalmente alguns lojistas catalogariam o disco na seção de heavy metal e isso seria o suficiente para convencer a todos de que se tratava de uma banda para metaleiros. Ficava imaginando os moleques levando o disco para casa e ficando putos ao ouvir o cavaco chorar. Como boa parte dos meus planos, este não deu certo. Pouquíssima gente reclamou. Provavelmente porque os metaleiros de hoje em dia estejam mais interessados em bandas com logotipos art-nouveau cheios de volutas ou prefiram lojas de cosméticos a lojas de discos."

A maioria dos músicos de metal, assim como músicos eruditos, também se preocupam com sua evolução técnica e harmônica.

"Acho reducionista para cacete isso de Black Metal da MPB. Ainda mais se você levar em consideração que o Black Metal é mais repetitivo do que as piadas do 'A Praça é Nossa'..."

Amplitude

"A Amplitude me salvou do suicídio, sou muito grato! E o Zepedro Gollo (o produtor do nosso primeiro disco) é o cara mais gente fina do mundo."

Formação:
Hideki . Cavaco
Munha . Baixo e regência
RC . Guitarra
Lupa . Bateria
Flávio Rubens . Sopros

Discografia:
Sangrou . 2007
Misantropicália .

Para ver e ouvir:
http://www.satanicsambatrio.net
http://www.myspace.com/satanicsambatrio

Debate

Por Tiago Moraes . Foto por Flávio Samelo

Debate, banda formada pelos ex-membros do Diagonal, Sergio Ugeda (guitarra e voz) e Richard Ribeiro (bateria), mais um fã assumido do Diagonal, Marcelo Mandaji (baixo), acabam de voltar de uma turnê de seis semanas pelos Estados Unidos.

De lá trouxeram na bagagem uma experiência de 22 shows, um número maior de apresentações do que já haviam feito desde que a banda foi formada em 2004 no Brasil. Mais do que isso, trouxeram também dois novos EP's gravados e mixados, um com J. Robbins (Jawbox, Burning Airlines), que já havia mixado o primeiro EP que leva o nome da banda, e outro ainda sem previsão de lançamento, gravado com ninguém menos que Steve Albini, figura lendária que já gravou bandas como Nirvana, Pixies, Fugazi, além de tocar guitarra e cantar no Shellac. Com Albini, sentindo o peso de entrar no estúdio alguns dias depois do Iggy Pop and The Stooges terem gravado lá o seu novo álbum, gravaram e mixaram seis músicas ao vivo em apenas 12 horas, e saíram de lá com a sensação de dever cumprido.

Uma característica importante da banda é o excessivo cuidado que tomam com tudo, seja composição, na produção de um disco ou de um show, seja na qualidade impecável da arte e impressão do encarte de um disco. Para eles, está tudo ligado: a arte é uma extensão da mensagem que se propõem a passar com a música - e fazer um show com equipamentos ruins é desrespeitar o público que pagou para entrar e assistir à banda.

Foi-se o tempo em que era considerado "bacana" se entupir de drogas e bebida antes de subir ao palco para tocar.

No Brasil, dizem que sentem mais dificuldades para fazer um tour como a que fizeram nos EUA. Criticam a falta de infra-estrutura da maioria das casas de shows, a falta de palavra na hora de cumprir o combinado, além dos produtores dos grandes festivais do país, que insistem em pagar todo mundo menos os artistas que são o motivo que fazem as pessoas comprarem o ingresso. Resumindo, falta respeito. Por isso, sempre que aparece uma oportunidade decente eles tocam por aqui, mas já planejam um novo tour nos Estados Unidos no segundo semestre.

Nos shows do Debate a energia é intensa. Eles tocam alto, gritam, dão tudo o que podem e é por isso que constumam agradar a um público diverso, que vai desde fãs de bandas de punk/pós punk, passando por fãs de classic rock, até o metaleiro mais xiita. Não importa se a platéia está lotada de gente interessada ou se só tem um bêbado chato que, entre uma música e outra, grita "rage! rage!". A entrega é a mesma.

Um som maduro e consistente, que te pega logo nos primeiros acordes, com uma levada marcante que mescla pós-rock com influências de música brasileira e dose certa de experimentalismos. Sérgio parece bem à vontade na guitarra gritando pra quem quiser (e quem não quiser) ouvir no bom e velho português, enquanto Marcelo dispara linhas fortes e melodiosas com seu baixo que abre caminho para a levada do bateirista Richard que com a experiência de quem tá no jogo há bastante tempo dá um show à parte. Fugindo de qualquer tipo de rótulo, pedem para deixar claro: "Debate é Rock!"

» Formação:
Sergio Ugeda . Guitarra e voz
Richard Ribeiro . Bateria
Marcelo Mandaji . Baixo

» Discografia:
EP Debate (SP)

» Para ver e ouvir:
http://www.myspace.com/debaterock

Na

Stephan **Doitschinoff**

Entrevista por Tiago Moraes . Fotos divulgação Stephan Doitschinoff

Stephan Doitschinoff, também conhecido como Calma",
nasceu em 1977 na cidade de São Paulo. Artista autodidata e nômade
convicto, atualmente não possui endereço fixo, tendo passado
os últimos três anos morando entre São Paulo, Bahia, Londres,
Manchester, Madri e Barcelona.

Sua arte traz elementos da arte sacra, da alquimia e da psicologia,
além de ter influências mais contemporâneas, como da arte urbana e da
cultura pop. Assinando com o pseudônimo de "Calma",
atacou com sua arte durante alguns anos as ruas de São Paulo pintando
murais, colando pôsteres e adesivos como integrante do coletivo "Faca", ao
lado de Carlos Dias (ASA). Depois passou um tempo viajando,
quando participou de diversas exposições individuais e coletivas nos
Estados Unidos, Inglaterra, Espanha e Alemanha.

De volta, cansado da vida em São Paulo, se mandou para a Bahia
em busca de concentração, inspiração e paz para criar.
Chegando lá, encontrou muito mais do que isso. Nesta entrevista,
Stephan conta como foi sua última estadia na Bahia, há alguns meses,
que acabou rendendo uma série de murais espalhados por vilarejos
pitorescos como Tomba Surrão e Alto da Estrela.

O que te motivou a fazer esses murais?

Stephan. Na verdade, minha intenção inicial quando decidi ir morar um tempo em Lençóis (BA) era para ficar isolado mesmo, produzir uma série de telas para duas exposições, além de mais alguns projetos que eu não estava conseguindo focar estando em São Paulo. A cidade me distrai muito, é muito Exú, muita alienação. E lá eu conseguia trabalhar até 12 ou 14 horas num dia. Minha rotina era acordar às 8h30 e, lá pelas 9h30, eu já começava a pintar e ia embora, até meia-noite. Lá comecei a caminhar e fazer um reconhecimento das áreas em volta, e descobri vilarejos como o Tomba Surrão e o Alto da Estrela, antigos quilombos, onde moradores na maioria são descendentes de escravos e garimpeiros, que hoje moram em casinhas decadentes, deterioradas pelo tempo, de pau-a-pique e adobe, todas muito detonadas, mas ao mesmo tempo lindas em termos de textura e de riqueza de cores. E teve uma em especial que eu pirei e imaginei: "Nossa, imagina só pintar essa casa!" Então eu comecei a conversar com o pessoal e perguntei se eu poderia fazer alguns murais na comunidade.

No começo ninguém entendeu nada, queriam primeiro saber se era comercial, ou campanha política, se eles iriam precisar dar algum dinheiro. A maioria ali nunca teve contato nenhum com arte e muito menos com alguém que fosse lá doar alguma coisa para comunidade. Depois que eu comecei a primeira pintura, que eles viram que eu estava indo lá, todo dia, pintar de graça sem nenhum interesse, não era nada comercial, eles piraram, me paravam na rua e pediam para pintar suas casas. Comecei a receber um monte de pedidos, convites, e então comecei a pintar essas casas.

E em relação aos temas que você costuma pintar, como religião, morte e alquimia, qual foi a reação dos moradores locais ao verem as suas pinturas acabadas?

Stephan. Algumas vezes a reação foi bem intensa, como no caso do mural "As Sete Dispensações", que tem um anjo e duas igrejas afundando...Tinha gente que via e achava que era o capeta, o belzebu. Naquela rua mesmo tinha uma igrejinha evangélica, e no dia que cheguei para terminar a pintura havia um monte de buracos na parede, e me falaram que foram crianças evangélicas que saíram do culto e começaram a apedrejar o mural, gritando: "sai, belzebu! sai, satanás!", tentando arrancar o reboco da parede com a mão. Foi até engraçado, porque esse é o mural mais bíblico, inspirado na profecia apocalíptica do anjo da morte que vem derrubar as igrejas de satã.

B
CAS
TIGO
A
SAI
CALMA

Além do significado bíblico, ainda existe um outro significado maior para mim: que a igreja de satã são, na verdade, fazendo uma análise psicológica, as alienações do mundo, aquilo que tira você do seu caminho. Isso é que é o diabo, é você não aproveitar sua vida, não desenvolver seus dons e ficar perdendo seu tempo com idiotice, maledicência, intriga, sei lá. E o anjo, na verdade, são aquelas pessoas na vida que você encontra e te fazem relembrar quem você realmente é, ou que te ajudam a largar alguma coisa que está te atrapalhando, pode ser até a própria religião mesmo, a bebida, ou a mídia, que é uma das piores alienações - preocupadas em se manter bem informadas sobre tudo, as pessoas acabam não olhando para si mesmas.

Mas teve alguns casos também em que mudei o rumo do que eu estava fazendo em função do que eu vi ali. Como aconteceu quando pintei a "Judith" na casa de uma mulher que, na verdade, tinha uns 25 anos, mas aparentava quase 40 e tinha uns cinco ou seis filhos. Era uma mãe solteira, morava numa casa pequena de um cômodo, de condições precárias. A minha idéia inicial era fazer uma caveira com três olhos pendurados, mas aí parei e pensei, vi a história daquela mulher, de sofrimento, era uma vibe meio triste, então resolvi pintar uma coisa mais bonita, uma mulher, não tinha como fazer nada muito pesado.

Teve também uma história engraçada - *quando estava pintando uma casa com palmeiras, veio uma senhora falando das caveiras, do mar de sangue, querendo me evangelizar.* Comecei a ficar atrapalhado com aquela senhora falando na minha orelha, aí fui dar um passo para trás e sem querer chutei uma lata grande de tinta preta, formando uma poça enorme no chão. Na hora, a mulher parou de falar, correu para casa e veio arrastando pela rua duas enormes cadeiras de metal, pegou meu rolinho do chão e falou: "É bom aproveitar, né?" - e começou a pintá-las com um sorriso enorme no rosto, aproveitando a tinta que eu tinha derramado...

Qual foi a diferença entre pintar nesses lugares e as pinturas que você costumava fazer nas ruas da cidade?

Stephan. Foi bem diferente, porque lá eu estava pintando praticamente dentro da vida dessas pessoas. Muita gente ali passa o dia na janela, ou sentada na frente de casa olhando o movimento, tomando uma pinga, fumando um cigarro de palha. Então você acaba participando dessas vidas intimamente. Comecei a conversar bastante com os moradores enquanto eu pintava, as pessoas até me convidavam para almoçar ou para tomar uma meota, foi uma vibe muito boa.

Lá é outra realidade. A galera em geral não tem nem acesso ao básico, quanto mais a arte. E ainda por cima são bombardeados pelo que se denomina "cultura baiana", tipo porno-axé, Rede Globo, só lixo. Eu percebi que, por trazer alegorias e temas arquetípicos, mesmo que a pessoa não entenda, ela reconhece. A morte, um anjo, uma fechadura, são elementos simples e as pessoas conseguem se identificar, mesmo inconscientemente.

Cada mural desses, você levou quanto tempo para pintar?

Stephan. Depende. O que mais demorou foi o "Garimpo", que levou uns três ou quatro dias. Graças também à Sonia, que ajudou bastante (Sonia Oñate, fotógrafa de San Francisco, responsável também por algumas dessas fotos). Os outros levaram de um a dois dias, em média.

Como foi o seu dia-a-dia lá?

Stephan. Dia-a-dia de trampo, de acordar cedo e sair. Mas numa vibe leve. Por exemplo, eu fiz 106 ilustrações para Corbis em umas duas ou três semanas, mas não pesou como se eu tivesse morando aqui em SP, com o lance de parar e ir dar um rolê no mato ou cair no rio. Mas em geral piravam de ver como eu estava sempre trampando. O esquema na Bahia é mais lento e todo dia eu estava pintando em algum lugar, e se não estava pintando estava andando com as latas de tinta para cima e para baixo, ou pintando umas telas.

E algum morador das casas que você pintou não gostou do resultado final?

Stephan. Acho que sim, né? Sempre tem. Naquela casa em que eu pintei o Jesus, logo que eu terminei a pintura o dono da casa saiu, locão de cachaça, e disse: *Ei, não dá pra tirar esses espinhos, fazer um black power assim, e uma barbicha? Ia ficar a cara do Raulzito!" (risos).*

Teve também a história da cruz, que foi meio estranho. Alguns dias depois que eu terminei, arrancaram a pintura da cruz com uma pedra, cavando a madeira à força, tá ligado? Rasparam e arrancaram lascas da madeira tentando arrancar a pintura, arrancar o diabo da cruz (*risos*). Arrancaram as fitas e tal, mas minha irmã passou lá outro dia e falou que as pernas e os braços ainda estão lá (*risos*). Provavelmente deve ter sido a galera da igreja, neguinho devia estar com muita raiva mesmo.

E o mural do garimpo, rolou alguma situação desse tipo?

Stephan. Eu comecei a fazer esse mural pintando aquele homem de nove metros deitado. Aí vieram algumas pessoas me perguntar se eu tava pintando um morto (*risos*). Fiquei meio cabreiro, achei que o pessoal estava levando a mal essa pintura, então pensei: "Eu vou sair daqui e vão apagar isso na seqüência." Além disso, os caras passam o dia inteiro lá, eu quero fazer meu trabalho mas não quero que fique algo tão desagradável, quero que eles curtam, porque afinal é a casa deles. Daí veio a idéia de fazer uma homenagem aos garimpeiros, pois lá era uma área de garimpo e morreu muita gente ali. Além disso, eu trabalho muito com elementos da alquimia, e, fazendo um paralelo, o garimpo e a alquimia têm uma relação direta, que é aquela coisa de você ir lá no fundo buscar o elemento mais precioso.

Em Lençóis, o garimpo era dentro da água, que está simbolizada na barriga do morto. Na época do garimpo, quando tentavam roubar um diamante, eles engoliam. E quando havia suspeita de roubo, a barriga era aberta na hora para procurarem. *No final todo mundo o curtiu muito, veio até uma senhora, daquelas baianas mesmo, tradicionais, toda de branco, fumando um cachimbo, e contou para mim que seu pai era garimpeiro, e falou da vida dura que eles levavam na época. Ela se emocionou e agradeceu a homenagem, queria me abraçar, rolou um momento emo (risos).*

Quais suas maiores influências na arte?

Stephan. Minha influência maior é a arte devocional, principalmente as gravuras de alquimia e do Ars Moriendi e Memento Mori do século 14 ao 16. Outra coisa que tenho estudado e tem me inspirado bastante são os livros dos mortos das diferentes culturas. Os mais famosos são o tibetano e o egípcio, que contam como funciona o trajeto da alma a partir do momento que você morre. Então, por exemplo, no egípcio, você morre e vai se encontrar com Osíris e Anúbis, que é aquele personagem com a cabeça de Chacal; eles pegam uma balança e colocam de um lado seu coração e do outro uma pena. Se o coração for mais leve do que a pena, significa que você tem um coração limpo de pecados, você é aceito e fica na companhia de Osíris. Se o coração for mais pesado, você é devorado por uma terrível divindade híbrida. Mas existem também livros dos mortos das mais diferentes culturas, como os das culturas nórdica, Inca e Maia.

E quando você começou a se interessar por esses assuntos?

Stephan. Meu pai era pastor de igreja evangélica, então eu praticamente cresci na igreja. Quando eu era criança, tinha que ir a acampamentos evangélicos, tipo passava o verão rezando... Meus amigos da rua iam para Itanhaém ou pro Guarujá, e eu ia pro acampamento da igreja, aquela coisa de culto de manhã, à tarde e à noite...

Devia ser bem legal isso, hein? (*risos*)

Stephan. Porra, legal pra caralho! (*risos*) Todos os meus amigos na praia e eu lá... E mesmo em São Paulo eu também tinha que ir para igreja direto, meu pai era o pastor e minha mãe trabalhava com ele, então era aquela coisa... Acho que para as minhas irmãs, que eram mais velhas, foi ainda pior, não podiam ver TV, ouvir som, sobrava até para minha mãe: teve um dia que ela chegou em casa com um disco do Frank Sinatra e meu pai fez ela devolver na loja.

Mas aí, quando eu tinha uns 13 anos, comecei a andar mais na rua com a galera do Planalto (*Planalto Paulista - SP*), comecei a curtir punk, ir aos showzinhos, formei uma banda e andava de skate. Então a minha salvação daquilo lá foi o hardcore e o skate. Foi aí que eu virei as costas para igreja e fiquei meio revoltado (*risos*)... mas, normal, né? Adolescente, não queria ler nada nem saber de nada sobre religião, achava tudo uma merda.
Acho que foi com uns 18 ou 19 anos que através do hardcore comecei a me interessar pelo vegetarianismo, me tornei macrobiótico e comecei a estudar a macrobiótica zen. Depois veio o zen budismo e a psicologia, chegando à interpretação de mitos e contos de fadas, que me levaram de volta aos textos religiosos, que nada mais são do que mitos sacralizados. Foi aí que percebi que eu tinha uma base considerável de conhecimento religioso, que estava vindo à tona em meus trabalhos naturalmente.

Você chegou a estudar arte?

Stephan. Não. Eu até cheguei a tentar. Quando era moleque tentei fazer um curso de história em quadrinhos, mas aí desencanei... Mas minha formação na arte, o que me deu uma boa base, foi trabalhar com o Zé Carratu (cenógrafo). Eu tinha uns 16, 17 anos e fazia uns freelas, ajudei a fazer cenários pro Mosters of Rock, Hollywood Rock, vários festivais de bandas, como Black Sabbath, Suicidal Tendencies... O Zé desenvolvia o tema e a gente fazia a produção, pintava cenário, pano de fundo, decorava o backstage. Foi aí que comecei a ter um pouco mais de confiança.

E quando você começou a fazer trabalhos comerciais, como ilustrações para revistas e discos?

Stephan. Eu já tinha feito umas coisas com bandas, arte pro disco do Dominatrix, Polara, Againe... Mas era sempre com amigos. Nada mais comercial, não ganhava uma grana, ficava em casa desenhando o dia inteiro, só fazendo as coisas para mim mesmo, aí um dia cruzei com o Tomás (Spicolli) e ele falou que estava fazendo ilustrações para revistas, e me disse para ir lá, me passou uns contatos e disse que era só chegar. E eu achando que devia ser algo de outro mundo... *Lembro que fui à redação da Bravo, com o meu portfólio embaixo do braço, e um cara me encomendou ilustrações para três páginas duplas. Eu pensei: "Caralho! É fácil mesmo!" Lembro que fiz com um puta cuidado, tudo à mão, no tamanho real das páginas mesmo.* Isso me deu mais autoconfiança para ir a outros lugares, e dali em diante começou a rolar melhor.

Eu me lembro que a primeira vez que vi alguns trabalhos seus em uma exposição foi naquele evento na Funarte, que tocaram umas bandas também... Quando foi isso? Aquela foi sua primeira exposição?

Stephan. Acho que foi em 2000, mais ou menos... Eu estava querendo organizar um evento que unisse arte e música com as bandas e os artistas que eu curtia. Era para ser uma parada pequena, mas acabou ficando bem grande. Tocaram o Againe, The Butchers Orchestra, Dominatrix e Space Invaders e a expo foi minha, do Carlos Dias e da Ana Mazzei.

E quais as exposições de que você já participou foram mais relevantes?

Stephan. Com certeza, uma delas foi a primeira vez em que eu fui expor nos Estados Unidos, em 2005, na Space Gallery, em Pittsburgh. Foi uma expo coletiva de pesos pesados e me jogaram lá no meio (*risos*). Eram o ESPO, Maya Hayuk, Delta, Other e eu. Esses dez dias lá foram um puta aprendizado, ficar pintando e dando rolê com toda essa galera. Também foi classe a minha individual no ano passado na This Way Up Gallery, em Londres, por ser uma galeria bem underground e meio lendária, que já fez exposições do Banksy, do Faile, entre outros.

E dos artistas contemporâneos, quais os que você mais curte?

Stephan. No momento acho que o topo da minha fan list é Raimond Pettibon, Matthew Barney, Mauricio Cattelan e Gilvan Samico.

E essa história que está rolando com a Corbis, como aconteceu?

Stephan. Eu conheci o Tristan (Eaton) em 2005, em Nova Iorque. Fomos apresentados por uma amiga e ele já conhecia meu trabalho e eu o dele. A gente estava numa festa no Brooklin e decidimos sair para pintar. Como estava complicado pintar na rua, por causa da re-

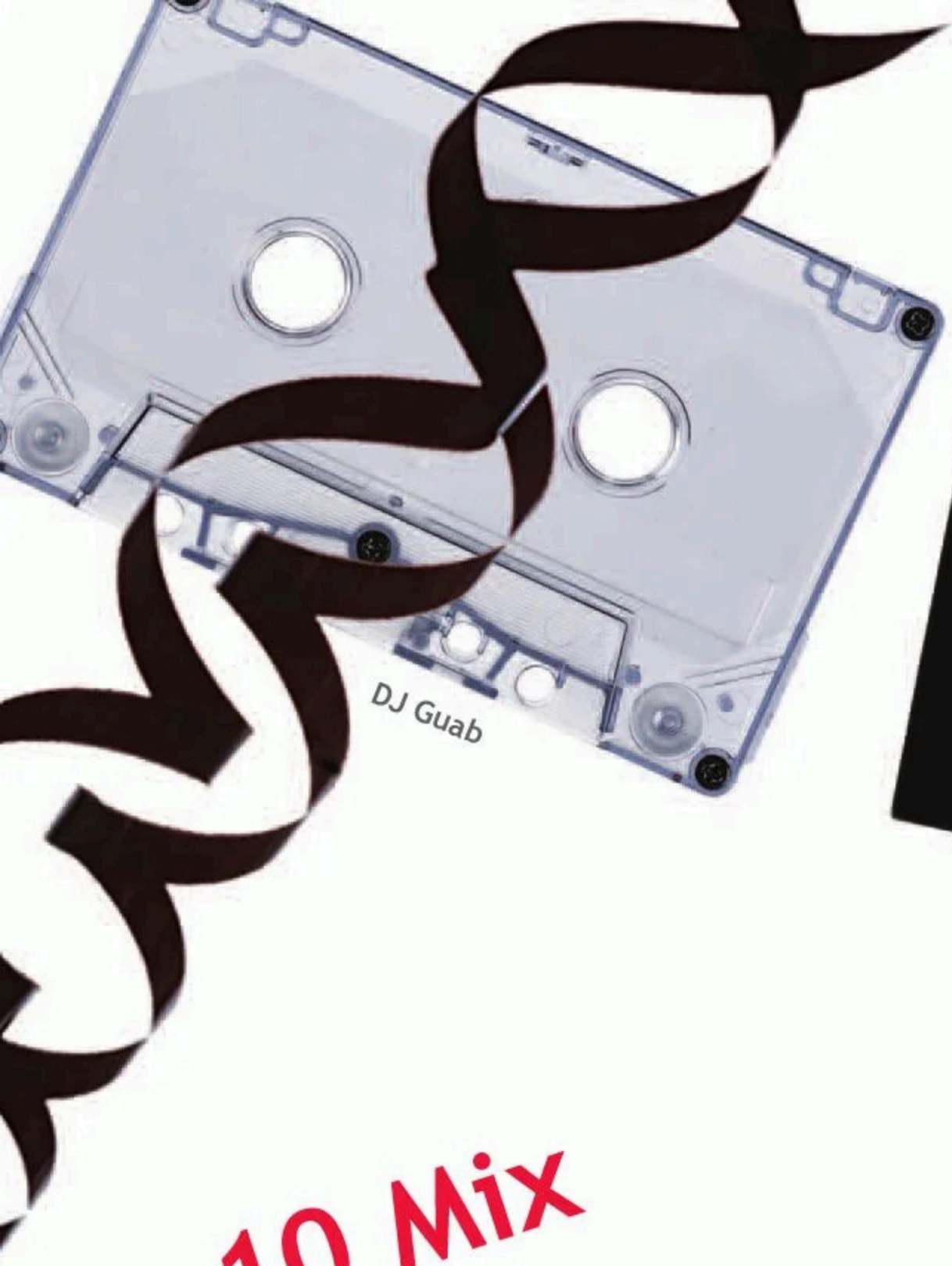
pressão, fomos pintar no topo de um prédio ao lado da Brooklin Bridge. Ele me disse que o esquema era pintar os prédios perto das pontes, assim quem passava de trem podia ver... Quase congelei lá em cima, naquele frio do inferno! (*risos*).

Hoje ele é um cara que tá foda, garoto prodígio, virou celebridade, ainda mais agora, com esse boom de Toy Art (*Tristan é o artista responsável por todos os maiores sucessos da Kid Robot*). Ele foi convidado para ser curador de arte da Corbis, que é hoje a maior agência de representação de fotógrafos do mundo, criada pelo Bill Gates em 1989 e que, a partir desse ano, passou também a representar artistas e ilustradores. Tristan então criou um coletivo de ilustradores, o Thunderdog Collective. Convi-dou 20 artistas, gente do mundo inteiro, do Japão, França, eu do Brasil... O legal é que, como ele também tem voz ativa na Corbis, os contratos são muito bons para os artistas também, a gente recebeu na hora pelos trabalhos desenvolvidos; e, quando um trabalho é escolhido para ser licenciado por alguma empresa, os artistas recebem de acordo e têm poder de negociação.

E o que mais está vindo pela frente?

Stephan. Bom, agora em Setembro vai rolar minha primeira exposição individual no Brasil, na galeria Choque Cultural, onde vou expor a série "A Divina Comédia", que foi comissionada pelo Sepultura, além de uma série de outras telas, desenhos inéditos, gravuras e também uma instalação. E no início do ano que vem vai rolar a minha primeira individual nos Estados Unidos, na Anno Domini. Eu tô muito feliz, porque a Anno Domini é lendária. Os caras lançaram nomes como Shepard Farey, Dalek, Richard Colman, vários artistas que eu gosto e considero para caramba, além, é claro, do Bruno 9li. Então para mim é uma puta honra.

» http://www.stephandoitschinoff.com.br



DJ Guab

Carlos Dias

10 Mix

A **+Soma** convidou dez artistas para gravar cada um uma coletânea de músicas em fita K7 e criar uma arte que a representasse.

Em comum, todos esses artistas têm uma relação forte com a música, já que todos tocam ou tocaram em alguma banda. Além disso, todos os convidados viveram a época de ouro das fitas cassete nas décadas de 80 e 90.

Confira a seguir as fitinhas de:

DJ Guab (Labo),
Carlos Dias (Polara, Caxabaxa, Albertinho dos Reys),
Stephan Doitschinoff (antigo Nenê Vudu),
Silvana Mello (antigo No Violence e Lava),
Parteum (Mzuri Sana),
Marinho (Hurtmold, Polara),
Sesper (Garage Fuzz), Carlos Issa (Objeto Amarelo),
Tomás Spicolli (Tilda Flipers)
Michael Arms (Orna).

Quem quiser conferir o conteúdo das fitas acesse www.maissoma.com e baixe os podcasts na íntegra!

LUIZINHO E SEUS DINAMITES - CHQUE QUE QUEIMA -
D.R.H.F. - VÊ SE NÃO ME DEIXA - EU QUERIA
SLAYER - BLACK MAGIC
AGAIN E UNRELEASED - TERMO
MAYSA - VC E EU(?)
FUN PEOPLE - NEVER SAY DIE
DEMÔNIOS DA GAROA - INÊS
DANIE JOHNSTON - ?
SYD BARRET - CLOWNS & JUGGLERS
TAREE - SWANN STREET
JETSTO BRAZIL - 2 MUSICAS
JOSUÉ - TRATANDO O ASSUNTO
TRILAMBDA - GOOD MEMORIES
SONIC YOUTA - CAMPFIRE
JAW BREAKER - KISS THE BOTTLE -
DUBLICA (DEMO)

bucal; 2.°, por la parte anterior del espacio maxilofaríngeo (fig. 229), que se descubre por medio de una incisión hecha sobre el borde anterior del esternocleidomastoideo, detrás del ángulo de la mandíbula, o, mejor, por una resección de la rama del maxilar inferior.

6.° Vías de acceso. — La amígdala puede ser atacada: 1.°, por la cavidad

La vía de acceso por la cavidad bucal *(vía natural)* no es aplicable sino a las afecciones benignas de la glándula. Cuando se trata de una lesión maligna (cáncer), es necesario utilizar la segunda vía de acceso *(vía artificial)*, la cual proporciona un camino suficientemente ancho para que el cirujano pueda operar cómodamente: recordaremos que pasando entre los músculos estiloideos y el vientre posterior del digástrico, de una parte, y el pterigoideo interno de otra, se evita el paquete vasculonervioso del cuello.

4. REGIÓN FARINGEA

La región faríngea no es más que la parte profunda de la cara y del cuello que está ocupada por la faringe. La faringe, como es sabido, es un conducto vascular membranoso de dirección vertical, que continúa las cavidades nasal y bucal y que va a parar por abajo, detrás una parte a la laringe y tráquea, de otra parte al esófago.

Encrucijada en la cual se cruzan la vía aérea y la vía digestiva, la faringe paso a la vez alimenticio, aire de la respiración; forma, además, caja de resonancia que contribuye en gran parte, a dar a la palabra sus caracteres musicales, de lo que resulta que, por regla general, las afecciones de este órgano se manifiestan a la vez por trastornos de la deglución, de la respiración y de la fonación.

Después de algunas consideraciones generales sobre la situación, los límites, las dimensiones, la forma general, los medios de sujeción de la faringe, estudiaremos sucesivamente, de un modo exclusivo en el punto de vista anatomoquirúrgico topográfico: 1.°, la *exofaringe*, es decir, la región anterior de la faringe, por la cual entra en relación con los otros órganos del cuello; 2.°, la *endofaringe*, es decir, su superficie interior y sus *vasos y nervios*; 3.°, su *constitución anatómica*; 4.°, sus *vías de acceso*.

1.° CONSIDERACIONES GENERALES

La faringe, órgano impar y perfectamente simétrico, está situada delante de la columna vertebral, detrás de las fosas nasales, de la boca y de la laringe, inmediatamente por debajo de la apófisis basilar del occipital, por dentro de las carótidas y cigomáticas.

1.° Límites. — La faringe, por arriba, continúa la abertura posterior de las fosas nasales y se inserta en la base del cráneo; por debajo, se continúa con el esófago. El límite respectivo entre los dos es decir, el límite inferior de la faringe, corresponde a un plano horizontal que pasa por el borde inferior del cartílago cricoides, punto de referencia siempre fácil de reconocer en el individuo.

Este plano encuentra por detrás de la parte inferior de la 6.ª vértebra cervical, vértebra que lleva el *tubérculo de Chassaignac*, tubérculo importante sobre el cual veremos, puede ser comprimida la carótida primitiva. Sin embargo, este último es absolutamente fijo, porque la faringe durante la deglución se acorta de arriba

CORTOCAFTA
TELEMAR
II RALLY ROTA DO FRIO
CURITIBA - BLUMENAU
ODOM REFERÊNCIA VEL TEMPO OBSER
27,32
28,21
36

subiendo entonces hasta la parte media de la 5.ª vértebra cervical. La distancia que separa la extremidad inferior de la faringe de los arcos dentales es de 15 centímetros según las mediciones de Mouton; de 13 centímetros en la mujer, de 15 centímetros y medio en el hombre, según las de uno de nosotros (Testut). Estos datos pueden ser utilizados en clínica para precisar el sitio exacto de una estrechez del esófago reconocida por medio del explorador. Basta leer a qué distancia de los arcos dentales queda detenido el explorador y restar de 13 a 15 centímetros y medio, según se trate de una mujer o de un hombre, para saber si la estrechez radica en el origen o en otro punto del conducto esofágico.

2.° Forma general. — Si se examina la faringe después de haber practicado el corte llamado *corte de la faringe* es decir, el corte verticotransversal del cuello y de la corteza que pasa inmediatamente por delante de la cara anterior de las vértebras cervicales, figura gularmente in-
fundibuliforme, suspen por del cráneo,
y continuándose hacia argo, como lo
demuestran claramente or, este con-
ducto infundibuliforme en este sitio
desembocan en la cavi inge. Resulta,
pues, que la faringe, e va concavidad
mira hacia delante y o en su parte
terminal al continuars

3.° Dimensiones ermino medio,
de 14 centímetros en e el momento de
la deglución, es decir, lud disminuye
de un cuarto, por el h el que volve-
remos a ocuparnos des centímetros en
su diámetro transversa a nivel de la
porción nasal; alcanza en el ántero-
posterior, en la parte lmente, en la
porción laríngea, a 3 s de diámetro
transversal y 2 centím

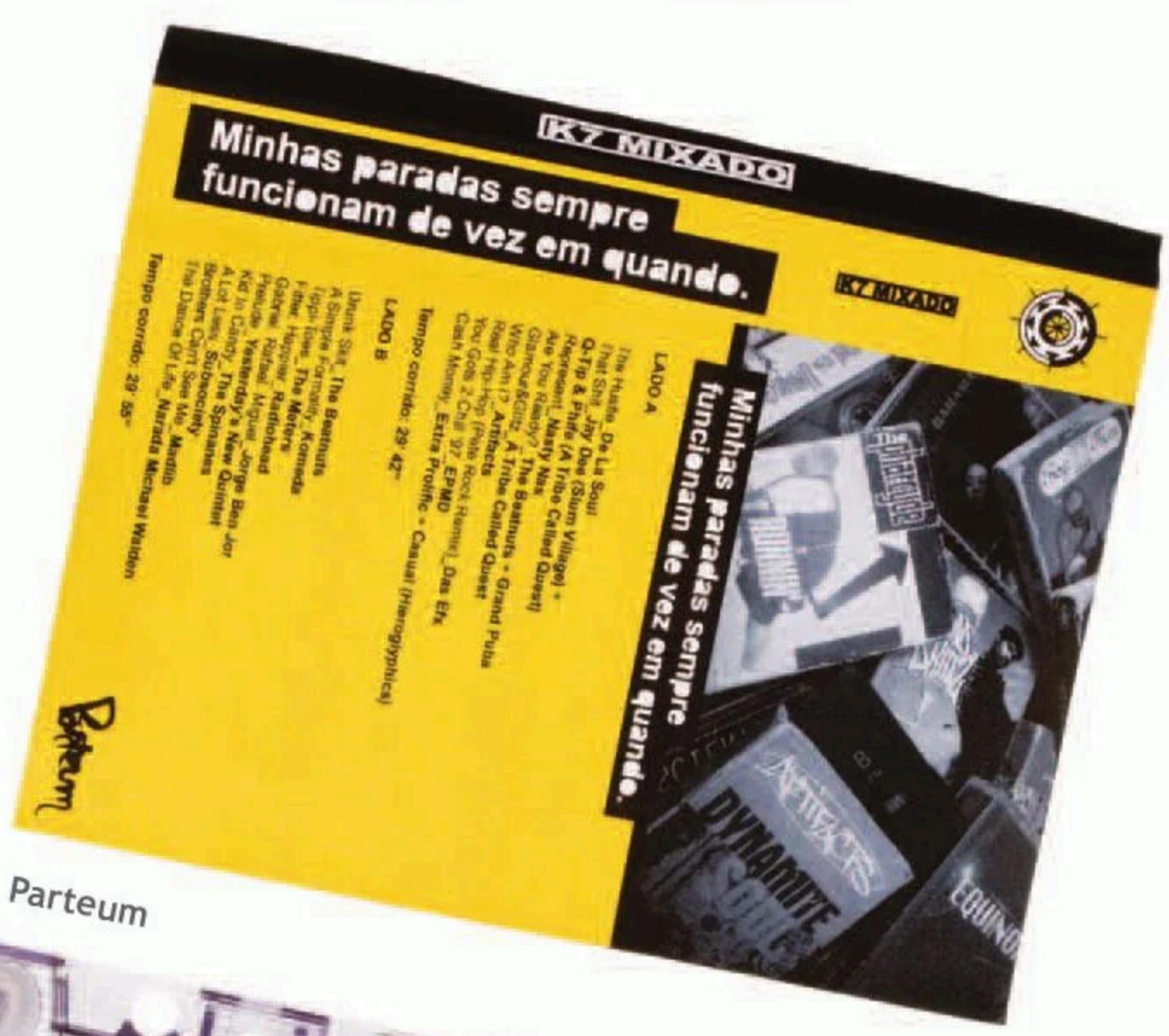
4.° Medios de fi 1.°, a la base
del cráneo por su extr macizo facial
por sus bordes; su ext exactamente,
se continúa con el esó

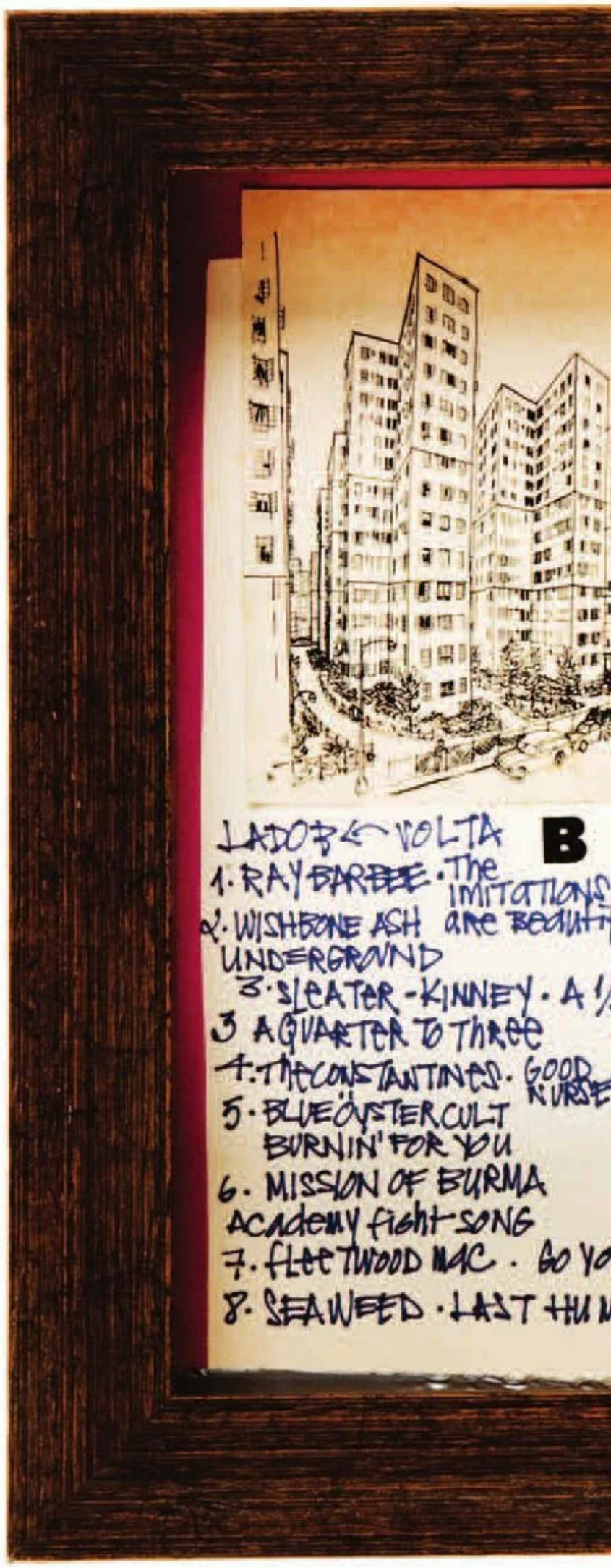
a) El *extremo su* cráneo de la
manera siguiente: 1.°, ie basilar que
está un poco por delan a la pequeña
eminencia media conocida con el nombre de *tubérculo faríngeo;* más adelante vol-
veremos a ocuparnos en el 4.° sus inserciones laterales tienen lugar en la cara
inferior del peñasco (desde el lado anterointerno del agujero carotídeo hasta el
vértice del hueso) y en el borde posterior de la interlínea de la apófisis pteri-
goides.

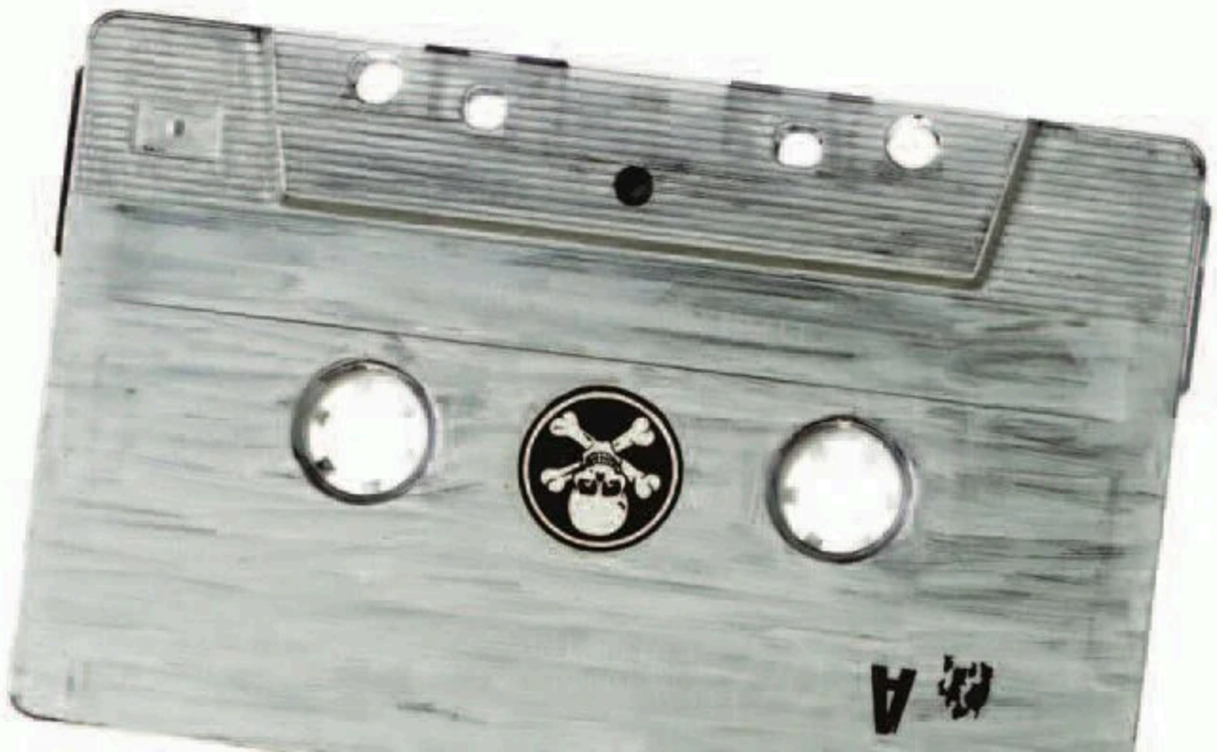
β) Los *bordes* de la faringe se insertan en las partes óseas, fibrosas o cartilaginosas del macizo facial o del aparato laringotraqueal, en las que pueden tener inserciones sólidas. Son, yendo de arriba abajo: 1.°, el borde posterior del ala interna de la apófisis pterigoides; 2.°, el ligamento pterigomaxilar, que une el gancho de la pterigoides a la parte más posterior del borde alveolar del maxilar inferior 3.°, la extremidad posterior de la línea milohioidea; 4.°, el ligamento estilohioideo 5.°, las astas mayores del hueso hioides; 6.°, el ligamento tirohioideo lateral; 7.°, el borde posterior del cartílago tiroides; 8.°, la cara posterior del cartílago cricoides.

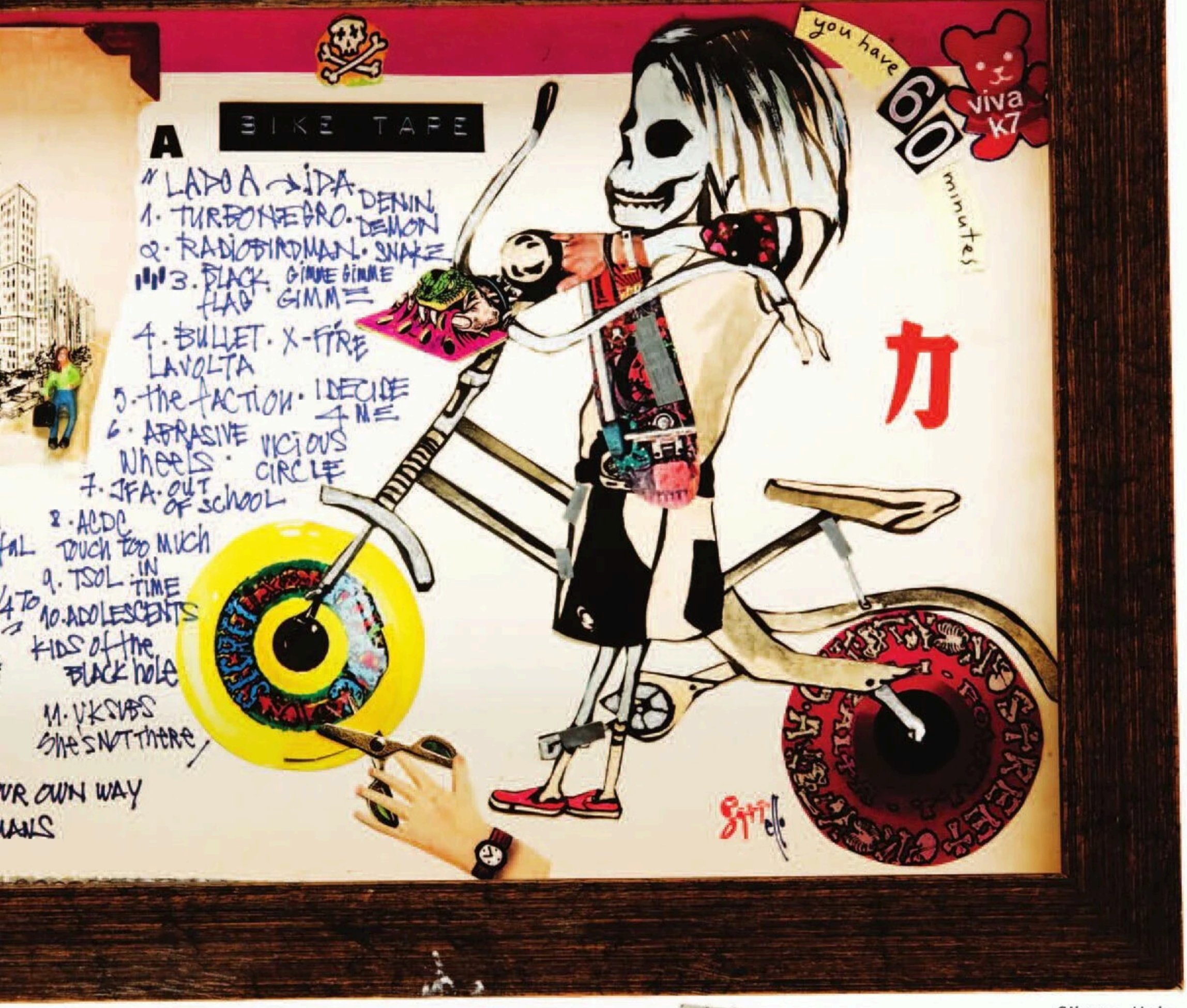
Stephan Doitschinoff

BIKE
TAPE!

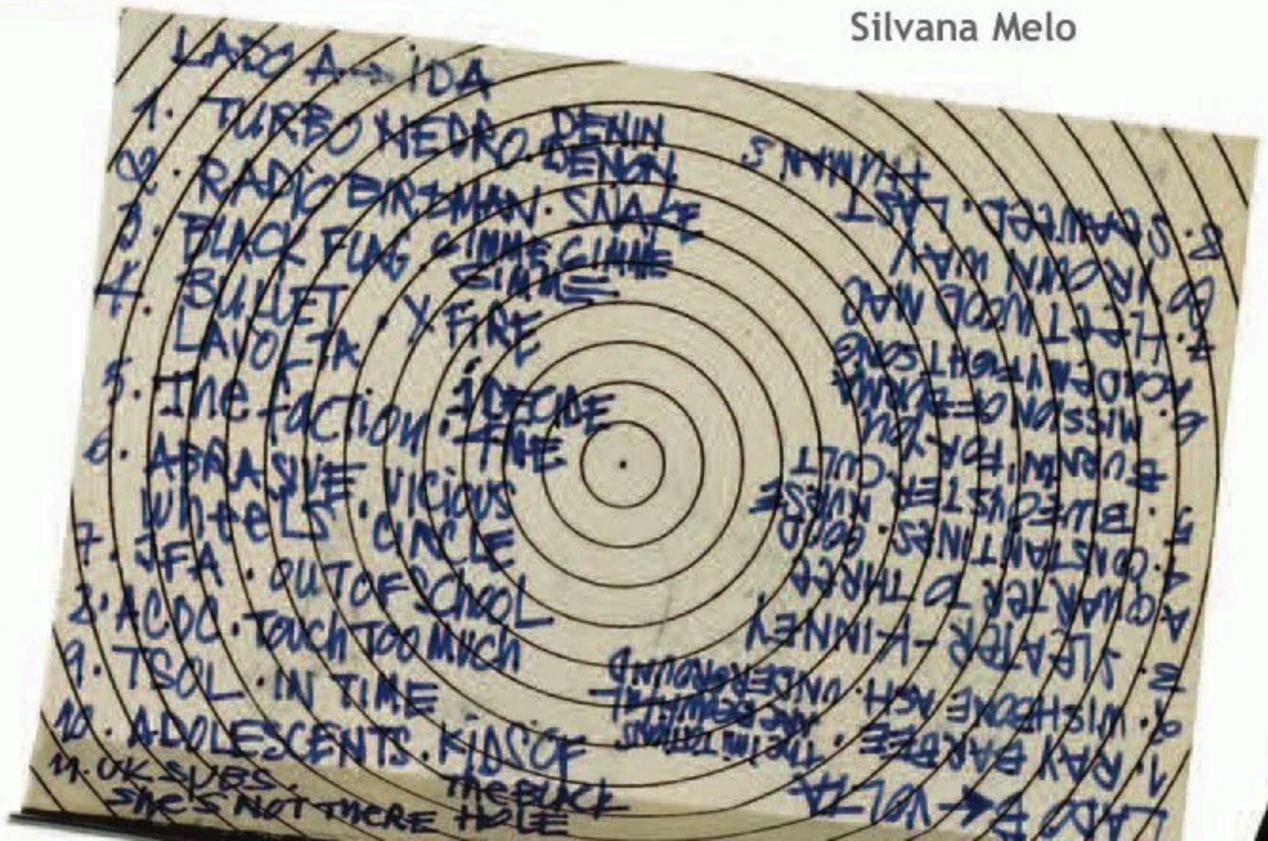

K7 MIXADO
Minhas paradas sempre
funcionam de vez em quando.
K7 MIXADO
Minhas paradas sempre
funcionam de vez em quando.
LADO A
The Hustle_De La Soul
That Shit_Jay Dee (Slum Village) -
Q-Tip & Pete (A Tribe Called Quest)
Reexistent_Nasty Nas
Are You Ready?_The Beatnuts - Grand Puba
Glamour&Glitz_A Tribe Called Quest
Who Am I?_Artifacts
Real Hip-Hop (Pete Rock Remix)_Das Efx
You Got 2 Chill 97_EPMD
Cash Money_Extra Prolific - Casual (Hieroglyphics)
Tempo corrido: 29' 42"
LADO B
Drunk Shit_The Beatnuts
A Simple Formality_Komrade
Fitter, Happier_The Mortem
Gabriel_Rjurbel_Radiohead
Prelude_Yesterday's New Quintet
Kid In Candy_Jorge Ben Jor
A Lot Less_The Spinanes
Brothers Can't See Me_Massio
The Dance Of Life_Narada Michael Walden
Tempo corrido: 29' 55"
Parteum


LADO B ← VOLTA
B
1. RAY BARBEE · The IMITATIONS
2. WISHBONE ASH are BEAUTI
UNDERGROUND
3. SLEATER-KINNEY · A 1/
3 A QUARTER TO THREE
4. THE CONSTANTINES · GOOD
5. BLUE ÖYSTER CULT
BURNIN' FOR YOU
6. MISSION OF BURMA
ACADEMY FIGHT SONG
7. FLEETWOOD MAC · GO YO
8. SEAWEED · LAST THU


A



Silvana Melo



Marinho

lado a:
alice coltrane:journey in satchidananda
art ensemble of chicago: theme de yoyo
bob marley:: natural mystic
cartola:o mundo é um moinho(ao vivo)
cymande:brothers on the slide

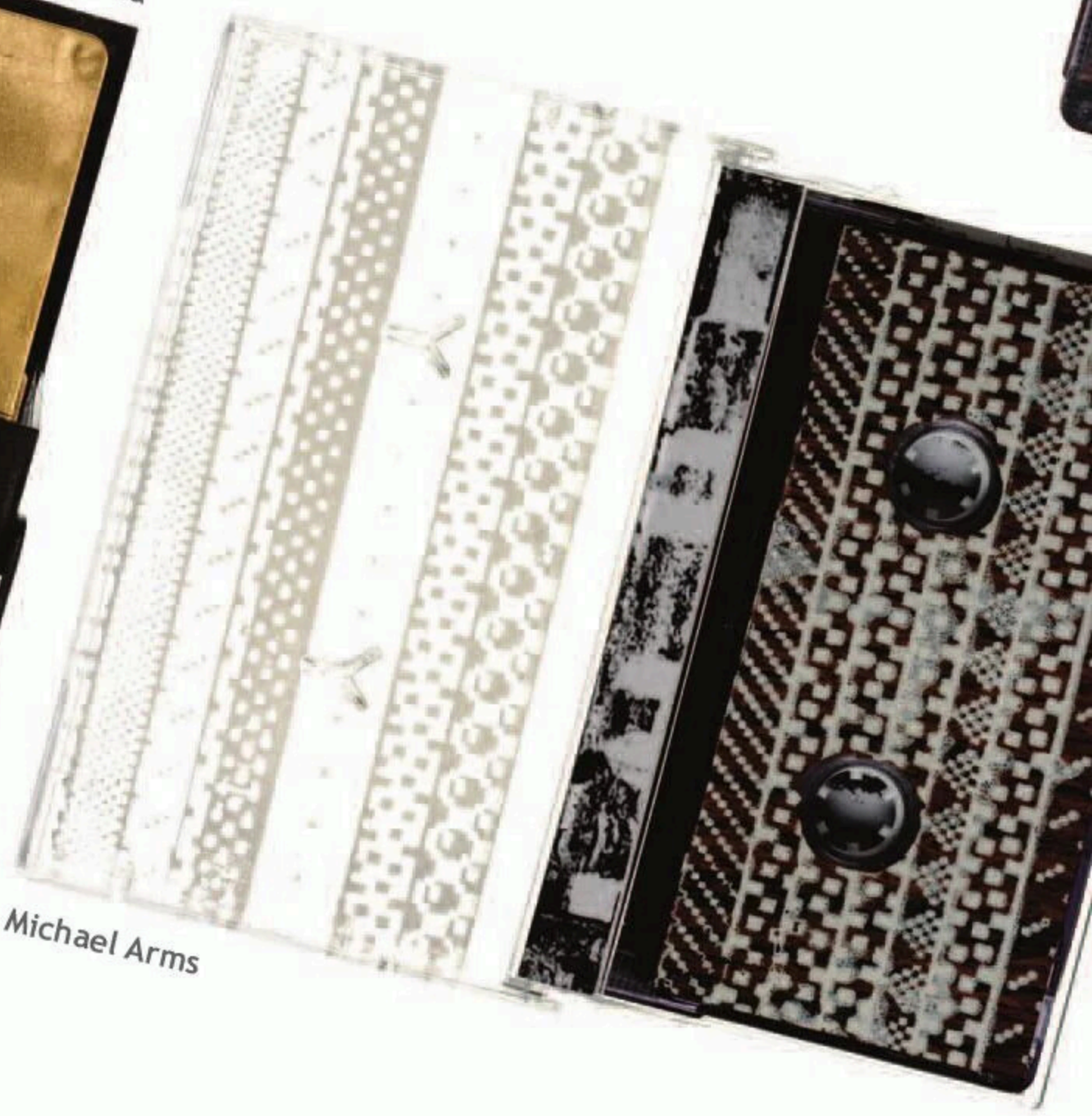
lado b:
digable planets: graffiti
mulatu astatke:yerkemo sew
new age steppers:my whole world
the specials:gg
afghanwhigs:bg
exploding star orchestra: string ray and the beginning

Sesper

Carlos Issa

Tomás Spicolli

Carlos Issa



Michael Arms

Apoio

NIKE

賞味期限
'08.1.22

RING

La Arena estaba de bote en bote

Texto e fotos por Guillermo Rivero
Tradução e adaptação por Arthur Dantas

A história da luta livre no México é um itinerário entre o bem e o mal. É uma viagem entre o que há de mais místico e santificado em nossa sociedade e os piores e mais infernais males de nossa vida cotidiana.

No fim, tudo se reduz (se é que se pode dizer assim) a três palmadas na lona do ringue. A vitória ou a derrota. Tudo se reduz ao momento no qual um dos lutadores se rende, perde a máscara ou o cabelo[1], sai carregado nos ombros ovacionado ou é esquecido para sempre. Simplesmente, a luta livre é uma luta constante da dualidade mexicana, é a diferença entre o ser e o estar, entre o bem e o mal. ⏩

A bondade na arena

Se existisse um super-herói no México, teria que ser um lutador Técnico[2]: eles são ágeis, voadores, puros, são os que lutam pelo bem. Os Técnicos são os grandes ídolos da sociedade mexicana. Carregam máscaras limpas e elegantes, têm nomes como El Místico, El Celestial, Solar ou Máscara Sagrada. Os lutadores Técnicos são os que ganham os corações do público e as batalhas nas telas das TVs e dos cinemas. Vencem os cientistas loucos, os marcianos, zumbis, políticos corruptos, vampiros, bruxas, ganham os corações de todas as protagonistas femininas, participam das novelas de TV e *reality shows* - e aí também ganham. Os Técnicos representam a luta de classes, a aventura, a vitória, o desengano: são o próprio sonho mexicano. Não há mistério que um Técnico não possa resolver, não existe mal que não possa vencer, não há força que possa detê-lo. Os Técnicos obedecem às regras, lutam em equipe, mostram-se amáveis com o público.»

Los Rudos, Los Rudos, Los Rudos!

O mal encarnado no homem, os inimigos de tudo o que é bom e sagrado: os Rudes – los Rudos – são os inimigos naturais dos Técnicos. Como monstros que lutam sem piedade, os Rudes cometem infrações, dão golpes baixos, jogam o adversário contra as cordas do ringue, sua luta é fora-da-lei. Ponzoña, El Nazi, Destructor, Cuerno de Chivo, El Hijo del Diablo, La Parka, El Hijo del Perro Aguayo são alguns dos Rudes do tablado. Eles machucam os Técnicos, golpeando com cadeiras, cuspindo, rasgando suas máscaras, agarrando em suas partes "moles". Os Rudes são especialistas em ganhar com ciladas, distrair os árbitros para que não vejam o que acontece no tablado. Os Rudes têm fãs fiéis. A paixão do público Rude se inunda sob o ringue e faz-se ouvir mais que nenhuma outra paixão. Os Rudes são paixão e valentia, os Técnicos são simplesmente técnica e elegância. Os lutadores Rudes são fiéis ao seu público, gritam, se retroalimentam, vivem um para o outro. "Chinguen a su madre los putos Técnicos", grita um seguidor Rude. Somente ele sonha mais que toda a arena; o público dos Técnicos se limita a responder com assovios e vaias. O Rude ganha. Os Rudes ganham nas arquibancadas, os Técnicos nas telas e nos corações.

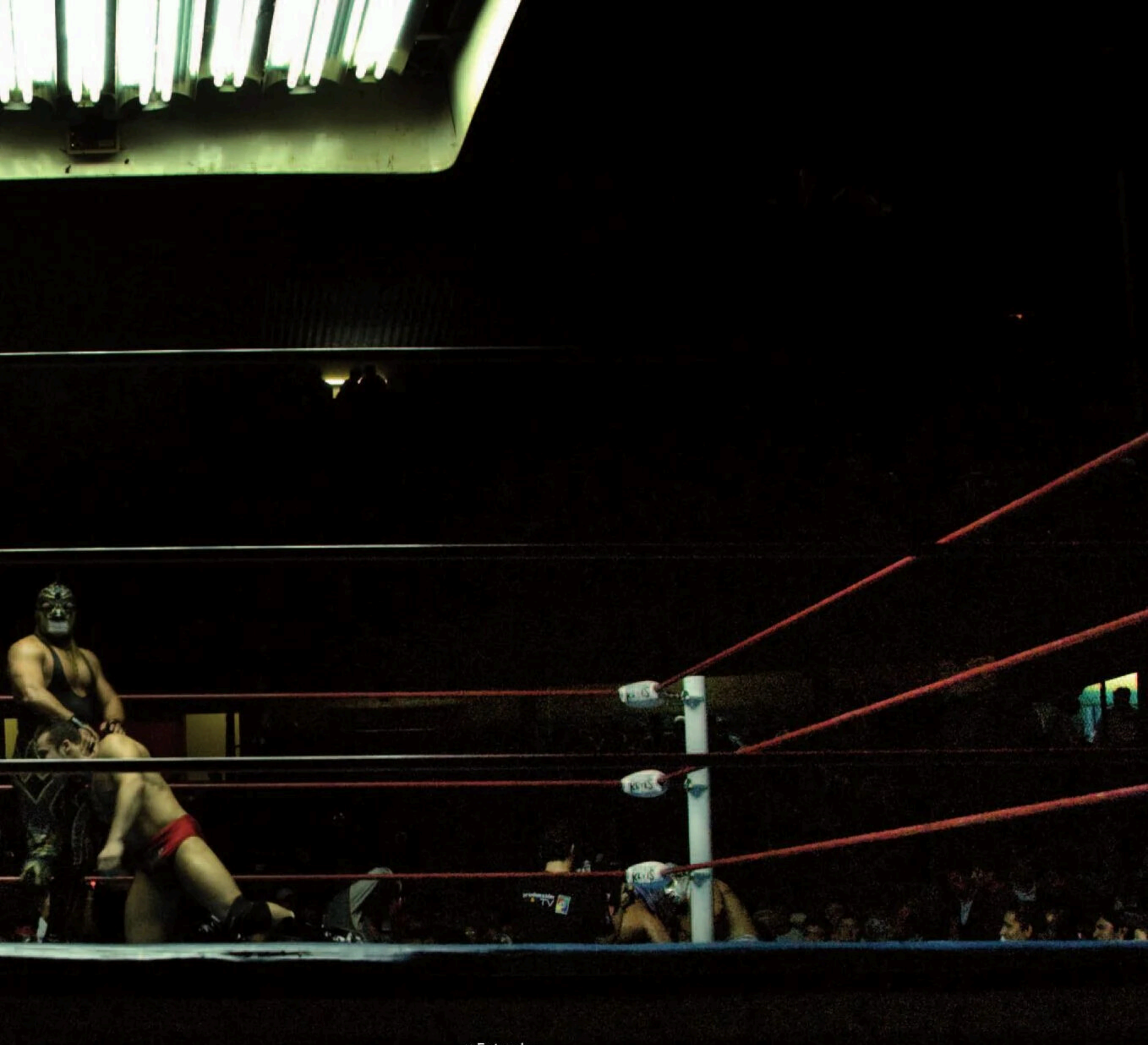
A Máscara

O maior tesouro na luta livre mexicana é a máscara. Esse curioso objeto que protege a identidade do lutador representa a luta livre. É o segredo do qual nascem mitos e lendas. Por detrás dela, um homem simples; com ela, um mítico lutador. A máscara identifica a luta livre mexicana, a torna especial em função do mito sobre-humano que constrói e a separa da luta japonesa e da americana.
A máscara protege uma identidade e cria uma realidade mágica.
Um carpinteiro pode converter-se em ídolo ao colocar a máscara e subir ao ringue. Por exemplo, Fray Tormenta comanda dois tipos de cerimônia: a primeira no ringue, a segunda na missa dominical, e em ambas aparece mascarado. As máscaras convertem os seres humanos em monstros coloridos, demônios chifrudos, e fazem realidade os pesadelos das crianças. ⏩

As máscaras são usadas por Técnicos e Rudes, por mulheres, estrangeiros e anões. Poucos são os lutadores que iniciam suas carreiras sem máscara, alguns deles são também grandes ídolos. Porém, os que perdem suas máscaras em apostas nunca voltam a ser os mesmos, perdem seu legado. A máscara é o maior fetiche da luta livre, é o desejo de triunfo em um objeto. A máscara é o legado dos antigos guerreiros astecas, a pintura de guerra, a forma de induzir respeito e medo; respeita-se e leva-se a tradição adiante. A luta livre evolui, torna-se comercial, muda, mas a máscara segue presente em cada arena, em cada cenário. Crianças, adolescentes e adultos as compram e usam, convertendo-se eles mesmos em ídolos; com a máscara somos todos lutadores.

Dificilmente se pode imaginar um México sem luta livre ou uma luta sem máscaras e ídolos populares. Ainda que a história da luta livre mexicana tenha menos de um século, parece que sempre esteve entre nós, em nosso sangue e cultura; desde antes da Conquista ou durante a Independência e a Revolução.
A luta livre é parte do México de tal forma que é impossível imaginar um sem a outra. Só existe uma instituição social com maior popularidade que a luta livre: o futebol. Porém, quando El Santo (o ídolo máximo da luta livre) morreu em 1984, muito mais gente saiu às ruas para lhe dar um último adeus do que a qualquer outra figura da cultura popular ou política deste país. E ninguém o superará: com ele um pedaço do México morreu. A última vontade do Santo foi que o enterrassem vestindo sua máscara prateada. Essa máscara é a lenda maior do México moderno.

El Santo é, sem dúvida, o símbolo do México para os mexicanos, mais do que qualquer outra figura. Todos somos El Santo e todos somos Blue Demon, seu inimigo e aliado. O México tem super-heróis de carne e osso, tem ídolos nas arenas capitalistas e nos tablados dos povoados. Tem monstros, gladiadores, demônios e anjos lutando toda semana entre o bem e o mal. Todos nós mexicanos somos parte da luta livre e ela é parte de nós. ⏩



Entenda:

[1] Os lutadores consagrados usam máscaras, os novatos não. Quando um novato desafia um mascarado, se perder, perde o cabelo; se ganhar, o mascarado perde sua máscara.

[2] Técnico seria o mocinho na luta livre brasileira ou o *baby face*, na equivalente estadunidense. Já os Rudes (Los Rudos) seriam os vilões, ou os *heel fighters* dos Estados Unidos. São classes bem definidas dentro do jogo e dificilmente um passa de um lado para o outro.

50¢
PER RIDE

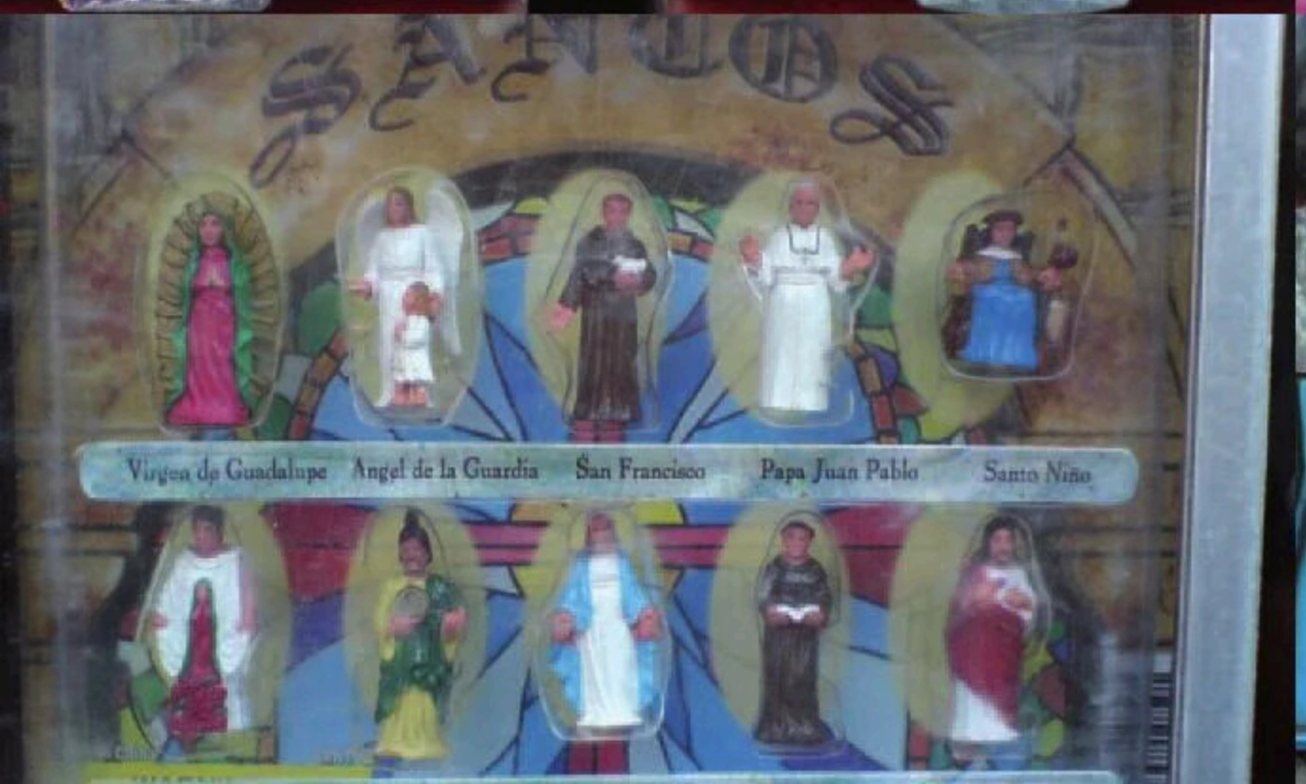
DEPOSIT
50¢
QUARTER
QUARTER

Krazy Kolls
CHROME ZONE
50¢

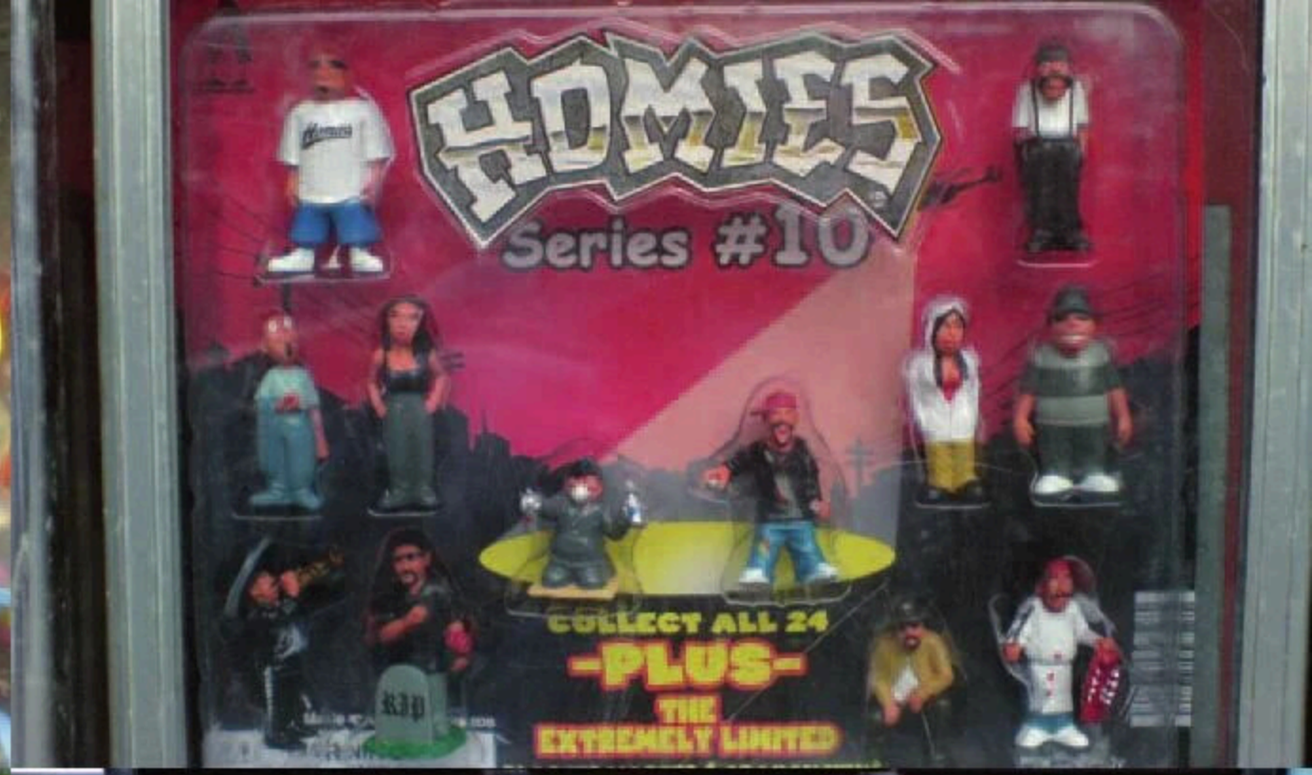
CHICLE
LYPC

THANK
YOU

Figurines


Virgen de Guadalupe
Angel de la Guardia
San Francisco
Papa Juan Pablo
Santo Niño

WARNING
TWO
QUARTERS
50¢



Low_res nyc vending machines mobile cam shots por Keke Toledo e Lu Krás

moda por outros

Pensar em um editorial de moda é sempre muito delicado: a palavra "moda" carrega inúmeros significados, que vão desde o efêmero até o eterno, do glamouroso ao "frívolo"; entretanto, é inegável pensar que a moda atravessa suas denominações: sua história a revela como um reflexo de comportamentos e necessidades, responsável por disseminar padrões, propulsora da criatividade e da "reinventabilidade" da imagem do homem. A moda é meio de comunicação.

A fim de fugir do tratamento convencional dos editoriais, a +SOMA mostra "diferentes olhares". Profissionais de diversas áreas - não fotógrafos de profissão - reforçam a idéia de buscar esses olhares inusitados e criativos sobre o tema.

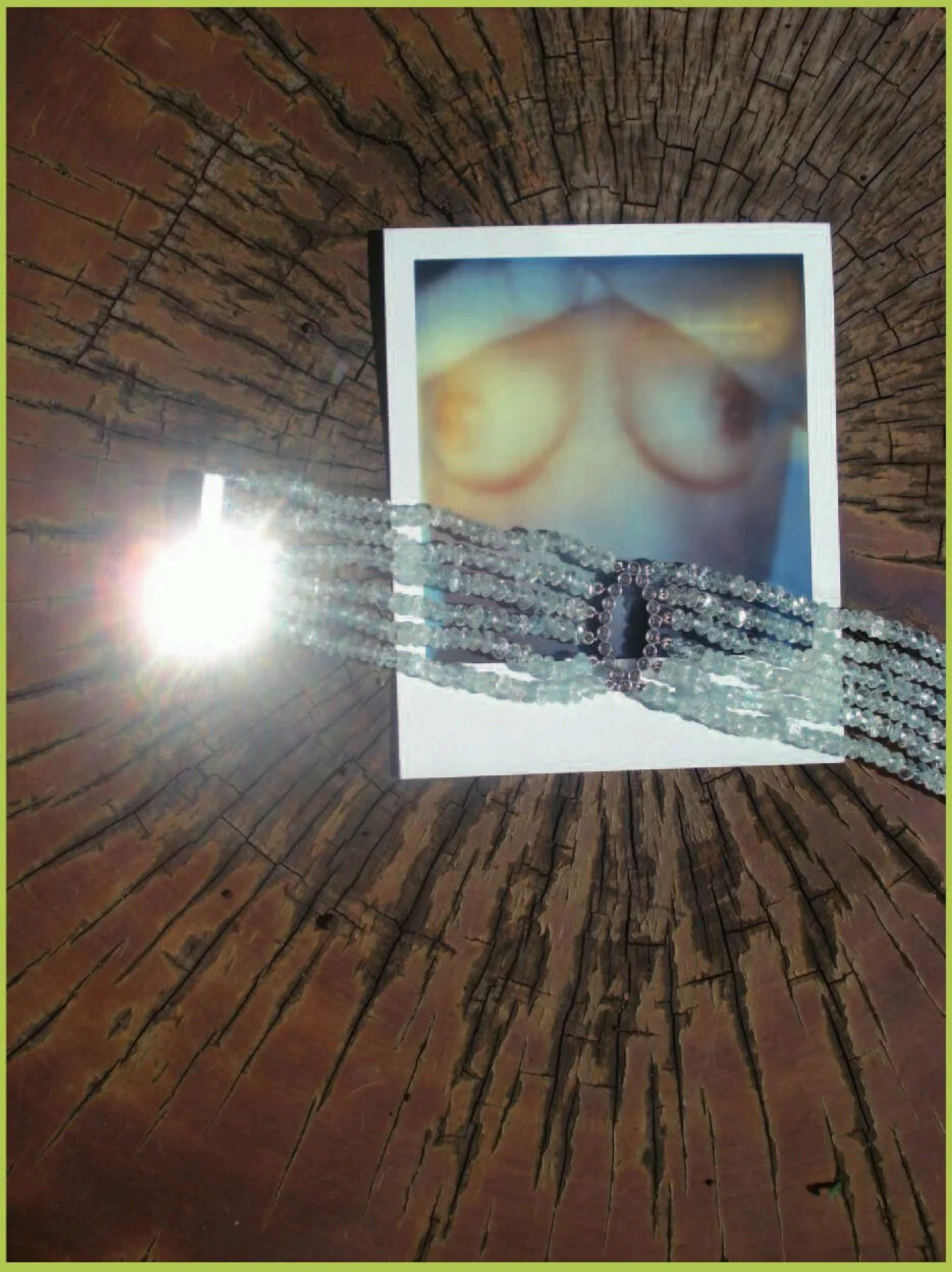
Nesta edição convidamos oito personalidades para retratar a moda dos paetês e tons fluo. Cada convidado recebeu um look pré-editado para, a partir dele, expressar seu olhar - através da câmara, do ambiente e da forma.

Enjoy it! »

Marcelo Sommer . Estilista

Câmera . Leica MP 3 0.72 LHSA Special Edition

Isa usa vestido Alexandre Herchcovitch e viseira acervo pessoal.



Fernando Costa Neto . Empresário

Câmera . Polaroid . Pós-produção

Colar acervo pessoal.

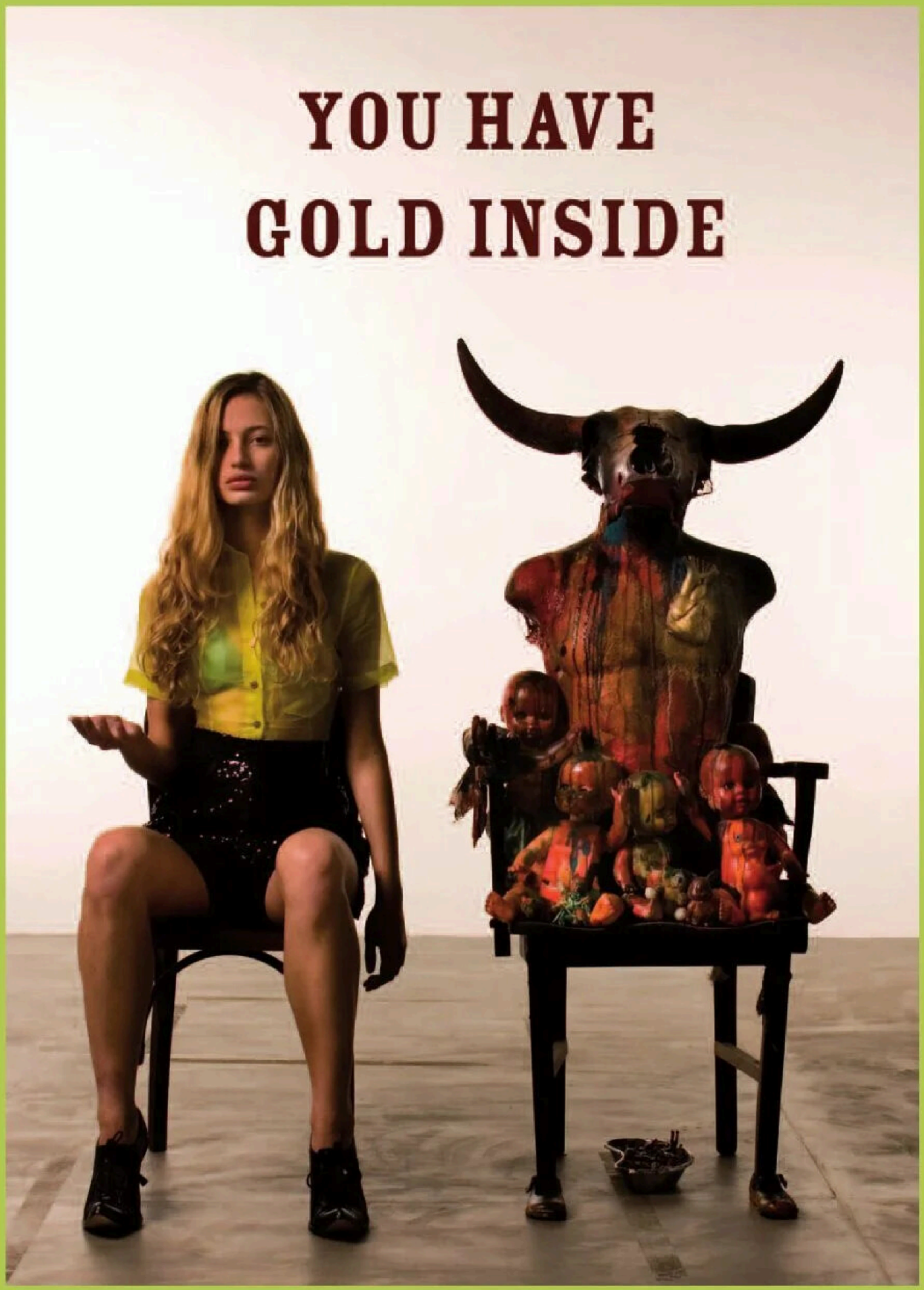
Maurício Ianes . Artista Plástico e Stylist
Câmera . Sony Digital

Loris veste shorts Volcom sobre collant brechó Minha Avó Tinha. Tênis Cavalera.

João Perassolo . Jornalista

Câmera . Lomo LC-A . Film Kodak Ektachrome 100 vencido, processado negativo (processo C-41)

Vestido Do Estilista.



Roger Basseto . Artista Plástico e Diretor de Arte
Câmera . Cânon Digital

Loris veste top Brechó Minha Avó Tinha sob camisa Jefferson de Assis. Short Dindi e sapatos Alexandre Herchcovitch.

Avelino Los Reis . Arquiteto e cenógrafo
Câmera . Roleiflex

Taciani veste camisa P`tit e salopete Jefferson de Assis.

Kléber Matheus . Diretor de Arte
Câmera . Digital . Pós-produção

Da esquerda para a direita: colar Andréa Mader, todos os óculos brechó Minha Avó Tinha, broche Wave para P˙tit, punho Alexandre Herchcovitch, colar Wave para P˙tit e tênis Cavalera. Neons por Kléber Matheus.

Ana Fortes . Designer Gráfica
Câmera . Digital . Pós-produção

Vestido Forum/Tufi Duek sobre camiseta Alexandre Herchcovitch. Óculos brechó Minha Avó Tinha.

Moda por outros

Idealização . Cia de Foto e Helena Sasseron

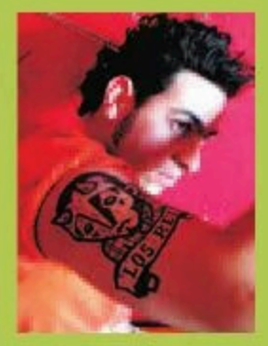
Edição de moda . Helena Sasseron

. Convidados

Ana Fortes

Diretora de arte e designer gráfica, formada na Universidade do Rio de Janeiro, atualmente toca seu próprio estúdio de design, onde realiza projetos para a área cultural, editorial e comercial. Recentemente foi convidada para fazer a direção de arte da edição especial sobre a Amazônia da revista Colors.

Avelino Los Reis



Arquiteto por formação, trabalha há mais de dez anos com cenografia. Já participou da cenografia de diversos projetos ao lado de Zé Carratu, como Acústico Ira, Paulinho da Viola e Prêmio Multi-show de Música Brasileira. Comanda o Estúdio Ácido Plástico, coletivo que une técnicas mistas, conceitos e soluções de atitude.

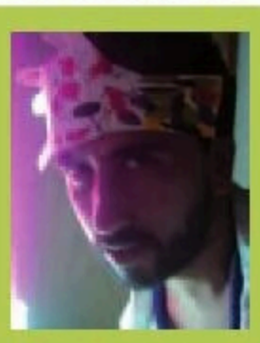
Fernando Costa Neto - Dandão

Fez parte da equipe que fundou a revista Trip em 86, e ainda fundou a BOOM e a Venice na década de 90. Como repórter, cruzou mais de 30 fronteiras. Atualmente, é sócio da empresa ProCine, desenvolve o CineBoteco e faz parte do conselho editorial da revista Rolling Stone.

João Perassolo

Jornalista, acompanhado por seu felino de três patas, trocou Porto Alegre por São Paulo há menos de um ano. É adorador de Clarice Lispector, câmeras Lomo e mostardas.

Kléber Matheus

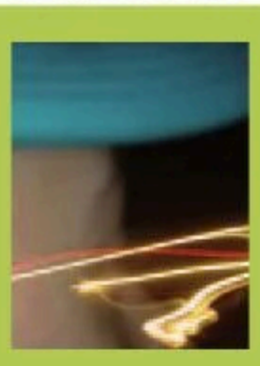


É diretor de arte e editor do 2 Fanzine. Com a proposta de empregar a arte em diferentes suportes, encontramos seu trabalho com Neons. As linhas abstratas e iluminadas complementam seu universo gráfico.

Marcelo Sommer

É considerado um dos grandes nomes da moda brasileira, principalmente pelas suas criações autênticas e inusitadas. Atualmente vive para os projetos de housewear "Oliveira Lar" e de vestuário da marca "do Estilista", que desfila na SPFW.

Maurício Ianes



Santista formado em Artes Plásticas pela FAAP, participou de exposições nacionais e internacionais se especializando principalmente em performances, vídeos e instalações. Começou a trabalhar com moda ao lado de Herchcovitch em 94, e desde então atua como stylist e consultor para diversas marcas e meios.

Roger Basseto

Diretor de arte e artista plástico. Há um ano e meio abriu a POP, Galeria e Livraria especializada em artes visuais e cultura pop.

. Agradecimento Especial

Aos Convidados / **Modelo Loris** . Ten Models / **Isa** . Showroom Do Estilista / **Modelo Taciani** / **Fabiana Mina** / **Bar Geni**

Gustavo e Otávio Pandolfo

Janelas Abertas

OSGEMEOS se abrem

Por Renato Silva . Retratos CIA de Foto . Fotos arquivo pessoal

Foi com alguma surpresa e estranhamento que conheci Otávio e Gustavo Pandolfo. Era uma manhã qualquer e eu ainda trabalhava numa galeria de arte, quando fui chamado para uma reunião corriqueira. Produção. Definir os passos para a realização da próxima exposição a ser feita. Ao entrar na sala, fui apresentado a duas figuras que me pareciam bem inquietas, questionando tudo o que se referia aos processos ligados à sua mostra. Detalhes, quaisquer que fossem, e eles estavam ali, em marcação cerrada. Caras engraçados, esses gêmeos. Sua "fama" chegara antes. Não somente por sabermos de antemão sobre sua entrada na galeria, sobre sua bem trilhada história no exterior, mas também por tropeçarmos em bonecos com cabeças gigantes e amarelas pela cidade de São Paulo. Inconfundíveis.

A convivência com OSGEMEOS (como gostam que a grafia de seu nome seja exposta) foi se intensificando com o tempo. Foram meses numa produção que envolveu desde viagens ao litoral de São Paulo, à procura de um barco (velho, tem que ser detonado), passando por diversas negociações com os verdadeiros "caiçaras" do litoral, até a finalização de uma das exposições mais bem sucedidas (em se tratando de público) na Galeria Fortes Vilaça. A partir de então, essa convivência se estendeu por outros caminhos, passando por tentativas de entrevistas, "rolês" pelas ruas da cidade para acompanhar o processo "in loco" e conversas sempre alegres até chegar à realização dessa matéria. OSGEMEOS são caras simples. Quem os conhece verdadeiramente sabe disso. E isso você perceberá nesta entrevista, que busca retratar um pouco da história desses dois irmãos que, quando moleques, "causavam" nas ruas da vizinhança no bairro do Cambuci e que, tempos depois, saltaram então por uma janela para viver uma nova história. Nesse caminho os muros ainda são pulados, os telhados ainda visitados, mas com uma nova proposta: gravar seus nomes e suas artes nas paredes do mundo todo.

Vocês têm toda uma vida ligada ao bairro do Cambuci e suas raizes. Falem um pouco dessa história...

OSGEMEOS. O Cambuci sempre foi um lugar especial. Era um Bairro de Família. Apesar de ter muitas gráficas e fábricas, a rua em que crescemos tinha muito daquela coisa de os moradores ficarem sentados à porta de suas casas, as crianças brincando, ou melhor, detonando a rua! Era uma época divertida, em que vivíamos 24 horas na rua, "causando", queimando o lixo dos vizinhos, quebrando as janelas das casas. Também soltávamos bombinhas nas caixas de correios e de esgoto. Nós procurávamos coisas para fazer... Se não dava para jogar taco, invadíamos uma "laminação de ferro" que ficava em frente à nossa casa, só para quebrar as telhas. Entrávamos nos forros das casas... e por aí vai. Foi uma época mágica. Foi aí que conhecemos o "graffiti". Vivíamos na rua e, no início dos anos 80, o movimento hip-hop aqui no Cambuci era muito forte. Ficávamos com os caras mais velhos e aprendíamos sempre coisas novas. Uma delas foi o gosto pela cultura importada dos Estados Unidos, que nessa época estava em moda e todos estavam alucinados em aprender a dançar e a pintar os nomes nas paredes dos vizinhos.

Nesse tempo tinha muito desta coisa de "turma de bairro". Aqui essa turma levava o nome de Portal, que significava: "Perfeita Organização Respeitada por Todos Aqueles Laranjas". E tinha sempre aquela coisa das "tretas", de uma turma não poder encontrar a outra, coisa territorial.

Muitos que hoje conhecem sua arte não sabem que na verdade esse pilar do movimento hip-hop não é o primeiro por vocês visitado. Como foi que tiveram o primeiro contato com o Break e o Rap?

OSGEMEOS. Existia um grupo de dançarinos aqui que se chamava "Fantastic Break", e dentro desse grupo existiam dois ou três caras que faziam grafitti. Eram Bulldog, Mancão e Edu. Eles pintavam pelo bairro e

Projeto Wholetrain . São Paulo . 2006

a gente saia para olhar eles pintarem. Na verdade, começamos a desenhar desde muito pequenos, e então víamos os caras pintando e queríamos fazer o mesmo. Natural que isto acontecesse. Lembro que atravessamos a rua, o muro da laminação, e eles estavam lá pintando um mural e perguntamos se poderíamos pintar. Eles nos deram um pouco de spray para pintar no mesmo muro, foram super bacanas. Nós fazíamos os desenhos e eles faziam as letras, mas era aquela coisa de pintar "rádios gravadores", tênis Puma, coisas ligadas à cultura hip hop mesmo... Era divertido! A gente roubava energia das campainhas dos vizinhos para ficar tocando o rádio até tarde. Então ficávamos dançando e pintando os muros, e a fogueira ali acesa na rua. Nos finais de ano, fazíamos uma grande bagunça na rua, com música. Jogávamos água em todos os que passavam. Era bem divertido.

Quando começamos a freqüentar o Metrô São Bento, a cena no Cambuci já estava se dispersando. Íamos lá e nos encontrávamos com turmas que saíam de seus bairros pra encontrar outras pessoas que tinham o mesmo propósito, de trocar informações e se divertir. O engraçado era que quem vivia em uma parte da cidade não achava que existia a mesma cultura na outra parte. Na São Bento todas as zonas estavam presentes. Turmas da Zona Sul, Leste, Norte e Oeste. Foi aí que o movimento foi ficando mais forte. Quando saiu o primeiro disco de RAP (Cultura de Rua), a região central acabou se tornando uma espécie de "point". Tinha cara que dançava o "break" e também cantava RAP, fazia "graffiti" e também tocava.

Existia muita união. Até nós mesmos chegamos a cantar rap numa época (*risos*). Eram poucos os que pintavam... Rooney, Bad, Def Kid, Zelão, Guerra de Cores, Kase, Vitché, Marron e alguns outros. Até o DJ Hum fazia "graffiti". Uma época mágica e muito divertida, que achávamos que nunca iria acabar. No final dos anos 80 conhecemos o Speto, o Tinho, o Binho e o Cícero (RIP). Artistas que vieram do skate. Lembro-me que estávamos na São Bento e um amigo chegou e disse: Tem uns grafiteiros pintando lá no nosso bairro. Voltamos correndo, curiosos. Houve uma grande troca de informações e aprendemos muito com o Speto, principalmente diferentes maneiras de desenhar. Depois deste encontro a coisa ficou mais forte e começamos a sair do bairro para pintar na região central.

Vocês ainda mantêm contato com o pessoal daquela época?

OSGEMEOS. Sim, ainda mantemos. Não sabemos o paradeiro de todos, mas o primeiro cara que nos mostrou o "graffiti" ainda vive aqui no bairro e o pai dele tem um bar onde sempre almoçamos. Às vezes nos encontramos, mas houve muitos que seguiram outros caminhos. Alguns por caminhos tristes e ruins, outros no caminho do bem. Sempre que nos encontramos é bacana bater papo e relembrar aqueles tempos. Temos saudades de muitas pessoas boas que fizeram parte dessa época.

São Paulo . 2007

Tempos atrás, em uma de nossas conversas, vocês deixaram transparecer um forte sentimento de decepção com a cidade de São Paulo. Na verdade, um contraponto com relação a tudo o que já fizeram por aqui. Como está isso?

OSGEMEOS. Na verdade, tudo se resume à tristeza de ver que muitas obras estão sendo ou já foram cobertas, sem critério, pelo cinza da prefeitura atual. É uma história de mais de 20 anos que São Paulo está perdendo. Uma enorme falta de respeito.

Pensam realmente em sair definitivamente daqui?

OSGEMEOS. Acho que isso tudo, na verdade, pertence a Deus. Se um dia tiver que sair, assim será. Nós temos alguns "links" aqui, que nos confortam. Mas acho que ficar aqui por muito tempo fica difícil. Quando você também não encontra seu ponto de equilíbrio, pode viajar o mundo todo e não vai ficar bem com você mesmo. Mas quando encontra consegue ficar bem em qualquer lugar. O fato de viajarmos bastante nos ajuda a dar um respiro daqui. São Paulo sufoca e te consome sem você perceber.

Onde seria o lugar ideal para se viver e também produzir?

OSGEMEOS. Dentro de nossa cabeça mesmo.

Algum outro lugar, fora do país, poderia facilitar a sua produção?

OSGEMEOS. Se for para comparar, ficaríamos loucos, porque existe tanta diferença social e cultural... Todos os lugares têm seus pontos bons e ruins. Depende muito do que você busca como ser humano. No Brasil existem muitos lugares bacanas para se viver, mas, com certeza, esse lugar não é São Paulo. A Europa também te oferece muita coisa e nos sentimos bem quando estamos por lá.

Vocês fazem graffiti junto com outros caras. Uma turma... Como é essa convivência?

OSGEMEOS. É como uma família, uma irmandade. Amigos de verdade. E é engraçado como o graffiti tem o poder de separar pessoas e também de uni-las. Algumas, que conhecemos através do graffiti, consideramos como irmãos. É engraçado ver que em algumas turmas as pessoas competem entre si e não existe união. É divertido sair entre amigos para pintar e, depois de um rolê bacana, todos sujos de tinta, ir jantar em um restaurante japonês...

Esse processo de dividir muros é tranqüilo ou já houve problemas?

OSGEMEOS. É tranqüilo, nunca houve problemas. Acima de tudo existe o respeito, e dentro do graffiti existem algumas regras que devem ser seguidas e respeitadas. Quem conhece o jogo sabe.

Siba e a Fuloresta . Itaú Cultural 2006

São Paulo . 2007

Quais seriam então essas regras?

OSGEMEOS. É simples. Onde existe uma pixação ou um graffiti, não se atropela. Tem que fazer onde não existe nada e respeitar a história que já foi escrita antes. Tem aquela coisa de altura. Quanto mais alto, maior o "ibope". Estilo também é muito importante. Ser original e ter quantidade de trabalhos nas ruas.

O graffiti manifesta em vocês a expressão clara de liberdade. Ser livre para criar. Como isso se manifesta em vocês?

OSGEMEOS. A verdadeira liberdade só encontraremos quando aprendermos a voar. Como nos nossos sonhos. Existe um pouco dela, sim, quando saímos para pintar. O fato de enxergar a cidade como um suporte, de ser livre para pintar onde estiver a fim. Muitas vezes a liberdade vem depois que pintamos. É como se tivesse alguma coisa presa dentro da gente que depois de pintar sai, e então nos sentimos leves. São os momentos em que estamos em completa harmonia conosco. Existem janelas que por alguns segundos, minutos, nos levam à pura liberdade. Pensar nos traz uma grande liberdade. Acho que só a morte traria uma liberdade eterna.

A arte de vocês traz elementos que muitas vezes são carregados de simbolismos e não necessariamente ligados ao seu cotidiano. Como entraram, por exemplo, as personagens do folclore nordestino?

OSGEMEOS. Isso veio da vontade de sair do graffiti tradicional. Começamos a buscar outros caminhos, a procurar outras influências. Não tivemos medo do que iríamos encontrar. Filtrávamos as coisas com total liberdade e acho que todos estes elementos só ajudaram a enriquecer nosso trabalho.

Sabe, fomos abrindo portas, era algo excitante e que nos fazia ir cada vez mais longe. Isso é bom. Conforta. Vemos as coisas à nossa volta de maneira mais clara. Estamos bem com o que temos e felizes. Sabemos que o que pintamos é algo que vem de dentro, que realmente precisamos colocar para fora, para continuarmos filtrando a vida que respiramos.

Algumas vezes nota-se também um lirismo muito grande em suas composições. Isso vem de onde?

OSGEMEOS. Vem de "Tritrez".

O que vem a ser "Tritrez"?

OSGEMEOS. É um lugar que existe para nós. Muitas vezes pintamos cenas de lá, que encontramos faz muito tempo e onde nos sentimos em paz.

O que mais os inspira, algo da literatura?

OSGEMEOS. Os momentos mais simples da vida. Estar com pessoas verdadeiras e seguras de si. E também os sonhos que temos todos os dias e de que conseguimos lembrar. Depois de um tempo, percebemos que as coisas mais simples são as mais belas e verdadeiras. São coisas que sentimos, ouvimos, falamos e que fazem com que possamos refletir. Coisas do nosso cotidiano. Isso tudo faz com que possamos estar mais transparentes para absorver informações e filtrá-las para a nossa arte. Viver já é uma fonte de inspiração. Acho que chegamos num estágio em que tudo hoje faz parte de nossa criação. Tudo. Até as coisas ruins. É como se estivéssemos num filme ou numa peça de teatro, encenando, e o texto nunca terminasse e, mesmo não tendo público, tivéssemos que encenar. Quanto à literatura, houve uma época em que líamos mais. Agora precisamos escrever, ou seja, ilustrar nossa história. Faz muito tempo que estamos compondo, juntando pedacinhos para realizar isso. Agora é hora de pintar essa história. Mas tem muita coisa boa ainda para ser lida.

Acompanhando a montagem da primeira exposição de vocês, da Galeria Fortes Vilaça, percebi que a música esteve ali com vocês o tempo todo. Vocês também fizeram um projeto com o músico e compositor Siba. A música é também uma grande fonte de inspiração?

OSGEMEOS. Entendemos que existam níveis, ou melhor, freqüências, e achamos que as pessoas os vivem em caminhos diferentes. Estando numa mesma freqüência, é como se tivessem a mesma sensibilidade para a vida. O percurso da vida faz com que essas pessoas, cedo ou tarde, se encontrem. Quando se unem e sabem fazer dessa união uma coisa positiva, sem cair na mesmice, só têm a acrescentar. Na primeira vez que ouvimos "Vale do Juca", essa obra prima do Siba e a Fuloresta, isso nos fez sentir bem novamente. A vida de todos oscila, né? Existem coisas que parecem já estar escritas, como num grande livro com personagens ilustrados por Deus. O Siba, a Fuloresta, o Bill Rock, tudo é uma fonte de inspiração para gente. Nós os ouvíamos quase todos os dias, e ter descoberto este outro mundo, chamado Nordeste, fez com que tudo se concretizasse. Trabalhar com eles foi genial. Com o novo projeto dele (Toda vez que dou um passo o mundo sai do lugar), fomos pela primeira vez para Nazaré da Mata, no interior de Pernambuco, a terra do Maracatu. Lá vimos como as coisas estão conectadas, como pessoas extremamente diferentes umas das outras estão em tamanha sincronia. Aprendemos muito com o povo brasileiro, especialmente o do Nordeste. Essas pessoas que, com vontade de se expressar, improvisam da forma mais simples e linda do mundo. Ver o universo do Maracatu de perto, o quanto eles foram além... Mesmo longe da sua realidade, nos fortificamos em nosso "mundo paralelo". É como se todos tivéssemos encontrado um só destino, mas em caminhos diferentes. Eles também criaram seu mundo, sua linguagem, suas vestimentas. Um universo lúdico, mágico, criado com a simples vontade de fugir.

Nada vale mais que ver o sorriso no rosto das pessoas, todas elas dançando ciranda, na rua, até tarde da noite, sem diferença de cor, raça, classe social, pelo simples fato de estarem felizes.

O terceiro da dupla.

Arnaldo Pandolfo está construindo um carro. Ele já tem pronto o chassi, feito com barras de ferro conseguidas através de trocas. O motor ele conseguiu num desmanche. O modelo é inspirado no velho Ford Série A. Ele trabalha em seu carro num galpão velho e estropiado que fica próximo à sua casa. **É o irmão mais velho de Otávio e Gustavo, ou melhor, OSGEMEOS.** Assim como vem construindo esse veículo, também já fez um avião com técnicas extraídas de um livro sobre aviação, comprado de um carroceiro. **Com seu avião, participou do 1° Redbull Flugtag,** concurso esse que escolheu dentre vários projetos enviados, de alguns que tentaram a "sorte" de fazer suas máquinas decolarem. **Criar e fuçar é o seu passatempo preferido.** Uma bicicleta velha pode facilmente se transformar em material útil para suas criações. **Responsável pelas "traquitanas"** que faziam movimentar a instalação dos irmãos em na exposição realizada **na Galeria Fortes Vilaça**, Arnaldo trabalha como assistente deles para tudo. Como se um terceiro componente do time. **Sujeito de traços caricatos**, que lembra algum personagem perdido em ilustrações dos anos 30, com seu rosto afinado e sua risada generosa. O sotaque não deixa dúvidas de que ali, em meio às gráficas do Cambuci, o **descendente de italianos** muito "causou", assim como seus irmãos vêm fazendo. "Eu não consigo ficar parado, preciso sempre estar mexendo com alguma coisa, fuçando...". **Gentil, o "tio Arnaldo" não hesita em consertar as bicicletas quebradas da molecada do seu prédio,** fazendo a alegria dos pequenos. "Às vezes é um parafuso, uma porquinha que soltou e o pai não olha, não cuida e o filho tá lá, triste. Vou lá e conserto, é simples. Faço o moleque mais alegre e isso nada paga, né?" Arnaldo é isso, um sujeito que insiste em enxergar as complicações de maneira simples. **Leva a sua vida assim, sem pressa. Um sábio.**

Muitos de seus personagens trazem traços de alguma ação de rebeldia e até mesmo de confronto... Até onde isso se manifesta em vocês?

OSGEMEOS. Estas coisas são os frutos de viver em uma grande cidade como é São Paulo. É difícil você viver aqui e ficar quieto. Acho que, ou você se engana, ou bate de frente. O Brasil já teve mais "vozes ativas", mas hoje os avanços da globalização e das comunicações fizeram com que as pessoas se tornassem mais acomodadas. Você atinge o mundo rapidamente hoje e se conforma. Cala-se e dorme mais cedo. Aceita as coisas mais facilmente. Sabemos que somente pintar não muda o mundo, mas estamos fazendo pouco a pouco a nossa parte.

Vocês viajam sempre. Conhecem muitos lugares no mundo onde o confronto aparece em forma de manifestação e cobrança. Vocês fazem algum juízo do porquê o povo brasileiro pobre e oprimido não enfrenta assim tão de frente aquilo que os oprime?

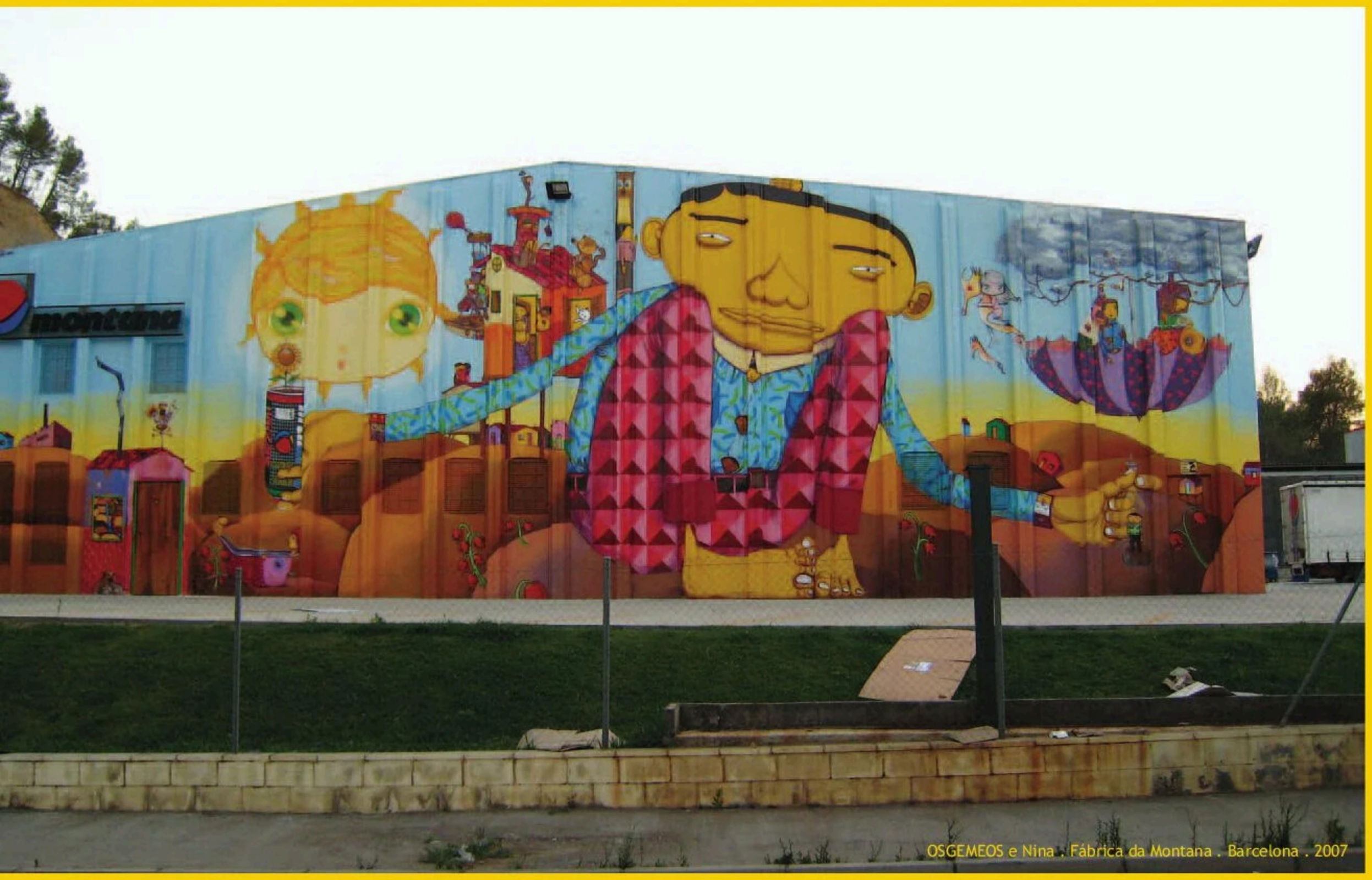
OSGEMEOS. O Brasil é muito novo e ainda evolui lentamente. A Europa passou por várias guerras. Eles cruzaram os mares e encontraram uma terra com pessoas desarmadas e simples em muitos sentidos, ricas em receptividade, alegria e companheirismo. Tudo ali, de mão beijada, para ocupar, usufruir e se lambuzar. Parece que, depois de 500 anos, quase nada mudou, ainda se faz o mesmo. O povo brasileiro sempre foi um povo feliz, aberto, com várias qualidades e com muitos defeitos também. Como vai reivindicar alguma coisa se você nem sabe que é explorado? Como pedir aumento do salário, sendo que nem tem emprego? Como conhecer seus direitos se não aprendeu a ler? Quem sabe, quem aprendeu, vive em uma bolha, em uma "ilha blindada" com vidros filmados, olhando para frente. Existe muita diferença social no Brasil, de um extremo ao outro. Não existe um equilíbrio, um controle, uma ordem. As pessoas apenas sobrevivem. Quer exemplo maior do que o que acontece agora? Todos esses problemas, na política, na rede aérea, fome, saúde, a manchete ali mostrando uma tragédia e o povo ainda aparece na TV dando risada. Tudo aqui cai no esquecimento muito rapidamente. É engraçado ver a energia do povo só em Copa do Mundo, no Carnaval. Os problemas sérios viram piada para ser contada na mesa tomando cerveja.

E seus personagens de alguma forma traduzem alguma vontade de que haja mudanças?

OSGEMEOS. Às vezes. Através dos personagens pintados nós queremos mostrar nossa indignação, mas acho que na real não muda muito. O graffiti passa despercebido.

O slogan "faça você mesmo" foi um propulsor do punk rock e pode aplicar-se ao graffiti. Assim como no punk existem aqueles que apontam alguns como "vendidos" por se tornarem mais comerciais, o graffiti também está sujeito a isso. Vocês já foram em algum momento taxados de "vendidos"?

OSGEMEOS. Acho que a partir do momento que você está expondo seu trabalho, seja lá onde for, até em um simples palco de madeira velho e sujo, você já está acima de alguns. Suas peças podem passar a ser requisitadas. E isso traz certos custos.



OSGEMEOS e Nina . Fábrica da Montana . Barcelona . 2007

Mesmo se você usar do "faça você mesmo", ainda assim vai precisar de "combustível" pra continuar seguindo. Nem que seja uma cerveja ou um simples cigarro. Não acreditamos ser possível viver desse lema numa cidade grande. Estamos falando de 100% mesmo. Seria muito bacana se todos pudessem viver fazendo tudo por si próprio. Seria louco. Mas não dá. Você vai precisar de matéria-prima, de um sapato, uma jaqueta, uma lata de spray, nem que seja para modificá-la depois. Quanto a sermos vendidos, nós sabemos o que podemos e o que não queremos vender em nosso trabalho. Existem coisas que não vendemos por dinheiro nenhum no mundo. Tivemos algumas experiências na Fortes... Nas duas exposições, houve algumas obras que não estavam à venda. Existem coisas que estão mais além e graças a Deus temos consciência disso. Sentir-se feliz e em paz e não passar por cima de ninguém é o que importa. Ser você mesmo já vale por tudo.

Quem vocês destacariam como sendo artistas que fazem um trabalho de respeito, tanto nas ruas quanto nas galerias?

OSGEMEOS. Existem muitos artistas bons no mundo. Slava (snow show), Mestre Siba & Fuloresta, Barry McGee, Nunca, Peter Michauski, Vaughn Bode, Fogos Caramurú, Michel Huisman, Robert Parkeharrison, Patric Woodrofe, J.Borges, Zé Lopes, Mestre Barrachinha, Hayao, Miyazaki, Blu, Mode2, Arthur Bispo do Rosário, Roger Wasters e outros tantos.

O que os deixa alegres?

OSGEMEOS. A nossa família, e saber que Deus guia nosso caminho. Acreditar em nosso mundo e viver nele.

O que mais os decepciona hoje?

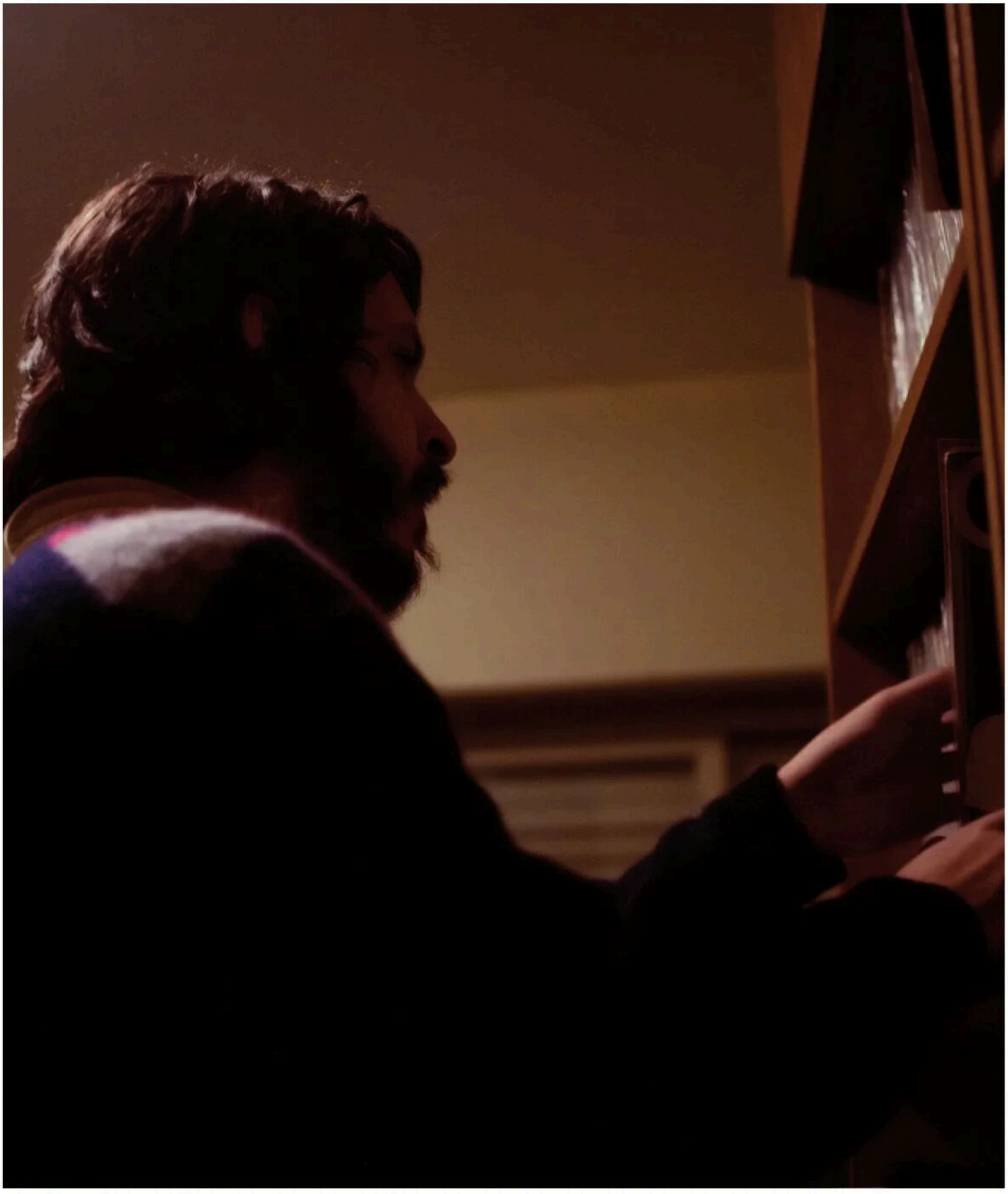
OSGEMEOS. Ver o nosso país sendo destruído, corrompido, vendido, a fome, a violência, e também a inveja e a falsidade nos olhos das pessoas.

O sonho maior?

OSGEMEOS. Acho que o maior sonho já estamos vivendo, graças a Deus. Tem uma história: um dia Deus nos mostrou uma janela e disse que poderíamos abri-la. Estava um céu bem alaranjado e um clima de pós-chuva, uma neblina leve no ar. O mais legal foi pular em direção a essa janela, não olhar para trás, e ter a certeza que tínhamos que seguir por aquele caminho. Meu irmão pegou a minha mão e disse que tava na hora de ir...

Para ver mais

http://www.thegraffitiproject.net
http://www.lost.art.br/osgemeos.htm



BODES & ELEFANTES

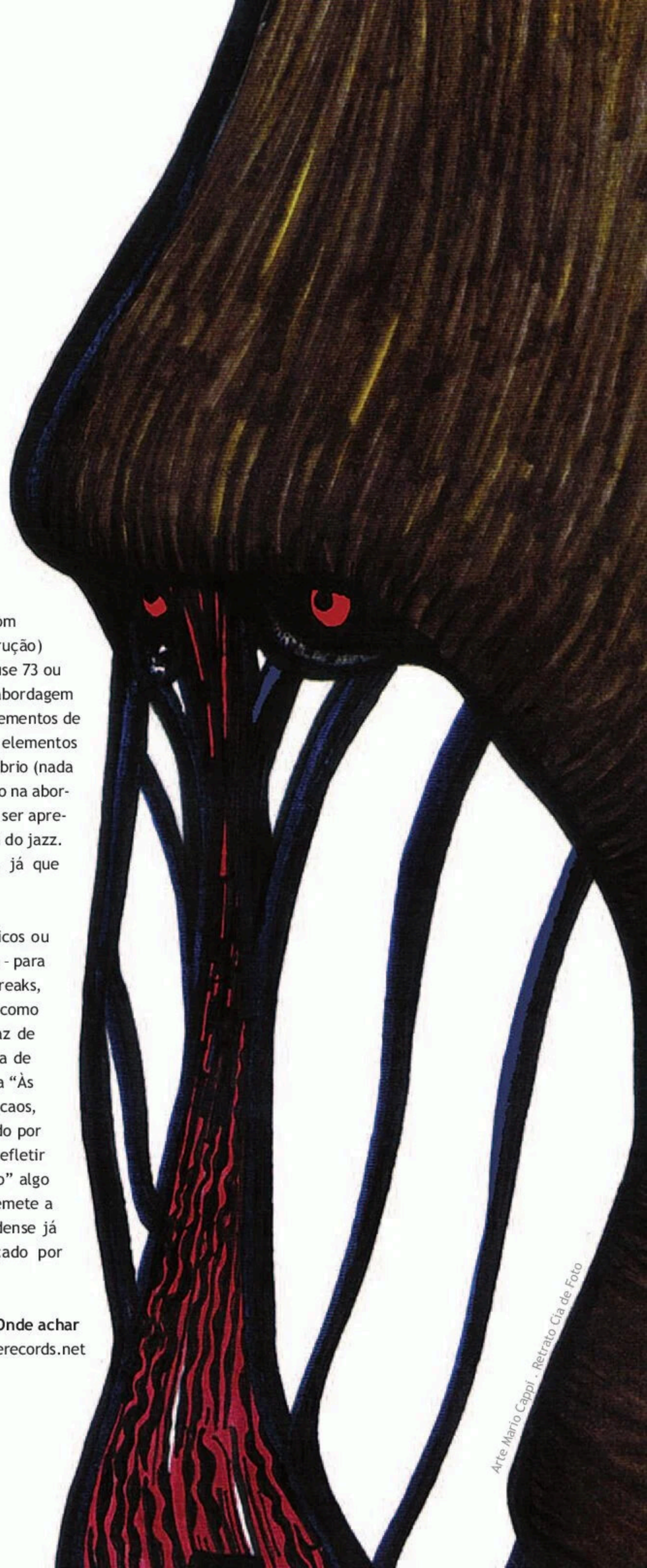
Por Arthur Dantas

O Bodes & Elefantes de Guilherme Granado (Hurtmold/SP Underground) mantém certo parentesco com as experiências solo de seu parceiro de Hurtmold, Maurício Takara, na medida que realiza uma leitura mais intimista e livre de elementos que são comuns a ambos – já que no Hurtmold há sempre um diálogo mais estreito e possível com linguagens e tendências estabelecidas. Dessa forma, essa des(construção) presente no primeiro trabalho me remete ao trabalho inicial de um Prefuse 73 ou um Daniel Givens, não pelo resultado final propriamente dito, mas pela abordagem dos elementos usados. Todos os artistas citados escolhem a tônica em elementos de estilos de suas predileções, e no caso do Bodes & Elefantes ficam nítidos elementos de free jazz (mais especificamente, a escola de Chicago), tanto no equilíbrio (nada a ver com "tranqüilidade", diga-se de passagem) e fluidez da música como na abordagem propícia ao relaxamento ou aguçamento dos sentidos: o que pode ser apresentado como uma busca pela atmosfera mais "mística" de certa parcela do jazz. Fica a expectativa, também, da reconstrução de tudo isso ao vivo, já que Guilherme opera mais de 15 instrumentos/equipamentos no álbum.

Assim como não há uma hierarquia na escolha de elementos orgânicos ou eletrônicos, ou seja, a música se movendo na horizontal, seria complicado – para não dizer risível – colocar o trabalho em um gênero específico. Mesmo os breaks, que em momentos-chave remetem a um rap mais anguloso, soam mais como meio do que mensagem. A eletrônica aqui é usada com o intuito sagaz de propiciar combinações inusitadas de elementos, beirando a experiência de uma improvisação livre, como no som "Daqui Não Vejo Pirâmides". Na faixa "Às Vezes é Melhor Sumir", o baixo tenta colocar certa ordem/harmonia no caos, enquanto que na faixa de encerramento um solo de melodia entrecortado por vários ruídos corrobora tal idéia e, assim, o disco por natureza parece refletir um estudo musical de caso – e lamento os que vêem na palavra "estudo" algo chato, cabeça. Guilherme disse em entrevista que o nome do projeto remete a uma crítica antiga de disco de Albert Ayler (jazzista-monstro estadunidense já falecido). Acho que só essa ligação já dá pistas do "caso" esmiuçado por Guilherme. O que já dá pistas do que está por vir. ◂

▸▸ Onde achar

http://www.submarinerecords.net



Arte Mario Cappi . Retrato Cia de Foto

2	Avestruz	01-02-03-04
3	Águia	05-06-07-08
4	Burro	09-10-11-12
5	Borboleta	13-14-15-16
6	Cachorro	17-18-19-20
7	Cabra	21-22-23-24
8	Carneiro	25-26-27-28
9	Camelo	29-30-31-32
10	Cobra	33-34-35-36
11	Coelho	37-38-39-40
12	Cavalo	41-42-43-44
	Elefante	45-46-47-48

13	Galo	49-50-5
14	Gato	53-54-5
15	Jacaré	57-58-5
16	Leão	61-62-6
17	Macaco	65-66-6
18	Porco	69-70-7
19	Pavão	73-74-7
20	Perú	77-78-7
21	Touro	81-82-8
22	Tigre	85-86-8
23	Urso	89-90-9
24	Veado	93-94-9
25	Vaca	97-98-9

O E R T A D O A L E M Ã O, candidato à presidência do CENTRO

DEMICO XI DE AGOSTO

IDENTIDADE

Fotografia 3x4)

"Envelhecido 13 anos"

» Rua de Baixo

Saca quando você coloca um som, um disco novo prá ouvir, e bate aquela sensação de que você já ouviu aquilo em algum lugar? Rola aquele *déjà vu* e, quando você vê, já está balançando a cabeça e cantando junto.

Isso aconteceu quando coloquei o disco novo do Rua de Baixo pra tocar, grupo de hip-hop paulistano formado pelo MC/B-Boy/Beat maker Espião e pelo DJ Duensssa. Na verdade não é um disco novo, e sim o primeiro disco do grupo, que finalmente, após 13 anos de estrada, inúmeros shows, participações em discos de amigos e coletâneas colocou na rua o "Envelhecido 13 anos".

Rua de Baixo faz parte da banda Rhima Rhara, composta pelos grupos Mzuri Sana, Elo Da Corrente e Ascendência Mista - extinto grupo do Kamau, que hoje faz parte do Simples, de Munhoz, atualmente tocando seu projeto solo, e Venom, integrante do Projeto Manada. Foi ali no porão da casa do Espião que tudo começou, um verdadeiro laboratório de produções de batidas e rimas de artistas que hoje integram o primeiro escalão do hip-hop underground brasileiro.

"Envelhecido 13 anos" é praticamente um resgate histórico, não só do Rua de Baixo, mas também do hip-hop underground paulistano, pois conta com diversas participações, mais que especiais, de todos os integrantes do Rhima Rhara. O disco traz registros de diferentes fases e em diferentes estúdios, que vão desde produções mais simples e caseiras, feitas há mais de dez anos - como a clássica "Não mudou nada" -, até algumas produções refinadas mais recentes como "Prioridades" e "A Firma".

É hip-hop puro, original, positivo, contestador e espontâneo. Ao ouvir o disco dá pra perceber que é som de quem está no jogo há muito tempo, de quem respira hip-hop, de quem é hip-hop.

» Para ver e ouvir
http://www.myspace.com/ruadebaixo

» Contato
ruadebaixo@gmail.com

	Dezenas
1	01-02-03-04
2	05-06-07-08
3	09-10-11-12
4	13-14-15-16
5	17-18-19-20
6	21-22-23-24
7	25-26-27-28
8	29-30-31-32
9	33-34-35-36
10	37-38-39-40
11	41-42-43-44
12	45-46-47-48
13	49-50-51-52
14	53-54-55-56
15	57-58-59-60
16	61-62-63-64
17	65-66-67-68
18	69-70-71-72
19	73-74-75-76
20	77-78-79-80
21	81-82-83-84
22	85-86-87-88
23	89-90-91-92
24	93-94-95-96
25	97-98-99-00

ACA-

3.a 9½ ás 10.1⁵

4.a ..... ás .....

5.a ~~9½ ás 10.15~~

6.a 9½ ás 10.15

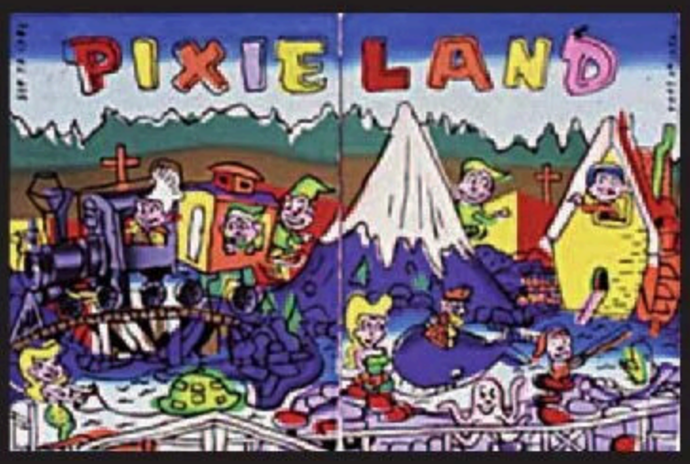
Sáb. ½ ás .....

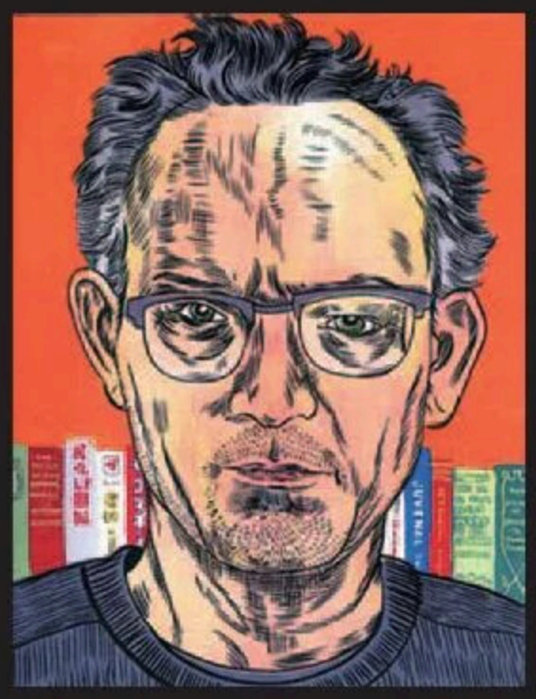
ENVELHECIDO 13 ANOS!

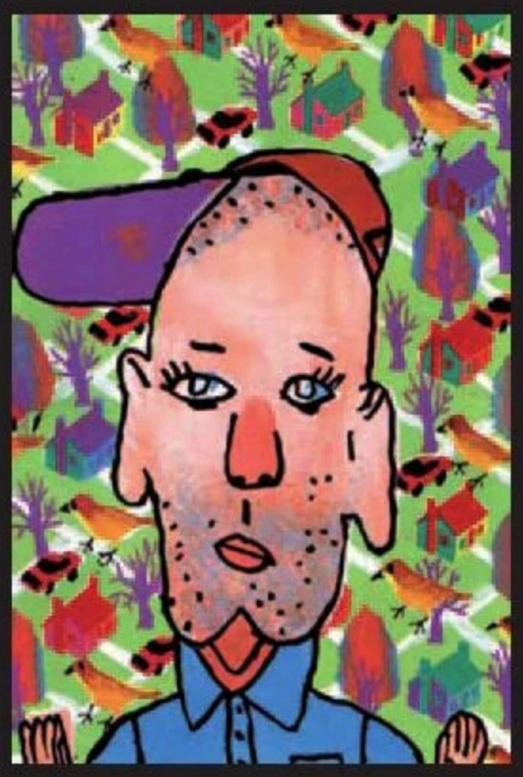
Referência N. 17.737 40.

QUADRO ELUCIDATIVO E FOLCLÓRICO DO "JOGO DO BICHO"

Grupo	Bichos	Dezenas
1	Avestruz	01-02-03-04
2	Águia	05-06-07-08
3	Burro	09-10-11-12
4	Borboleta	13-14-15-16
5	Cachorro	17-18-19-20
6	Cabra	21-22-23-24
7	Carneiro	25-26-27-28
8	Camelo	29-30-31-32
9	Cobra	33-34-35-36
10	Coelho	37-38-39-40
11	Cavalo	41-42-43-44
12	Elefante	45-46-47-48
13	Galo	49-50-51-52
14	Gato	53-54-55-56
15	Jacaré	57-58-59-60
16	Leão	61-62-63-64
17	Macaco	65-66-67-68
18	Porco	69-70-71-72
19	Pavão	73-74-75-76
20	Peru	77-78-79-80
21	Touro	81-82-83-84
22	Tigre	85-86-87-88
23	Urso	89-90-91-92
24	Veado	93-94-95-96
25	Vaca	97-98-99-00







"Mass media is eating everything"

Por Arthur Dantas e Sávio Vilela

Gary Panter, um dos maiores nomes dos quadrinhos estadunidenses, infelizmente é quase um desconhecido por aqui (teve algo publicado na finada Animal, e só!). Quando de sua visita ao Brasil em 2005, durante o Festival Internacional de Quadrinhos (FIQ) de Belo Horizonte, fizemos essa entrevista na esperança de torná-lo mais conhecido no Brasil, oferecendo para algumas publicações de então. Foram quase dez tentativas e nada! Até que a +Soma abriu as portas para nós.

Gary Panter começou sua produção em 1971 fazendo fanzines, e nunca mais parou. Sem contar que o cara joga nas 11! Publicidade, design de produtos, cenários de programas televisivos (para a série Pee-Wee Hermam, ganhando dois Emmy), quadros, quadrinhos, música, show de luzes, capas de discos e ilustrações para revistas. Aliás, através dessa última "especialização", vendeu por uma pequena fortuna para Bono Vox uma ilustração do próprio feita para a revista Rolling Stone. Apesar disso, ainda não se sente confortável com seus trabalhos comerciais ("os editores dizem: 'queremos algo bem lôco! Go crazy!' Eu tenho que imaginar o que eles realmente querem. Porque se eu fizer algo louco de verdade, eles não publicam.").

Foi durante uma bad trip de ácido em 1972 que sua visão de arte mudou ("caguei nas calças de medo quando vi carros gigantes sendo vendidos a cinco bilhões de dólares pela TV. Achei que minha alma estava vendida para a TV"), e, desde então, sua arte retrata constantemente uma visão hiperbólica do progresso tecnológico, dando cor e vida ao que de melhor foi feito na literatura de ficção científica recente. Misturando elementos do quadrinho underground dos anos 1960, pop art inglesa, Jack Kirby e muita influência da cultura de massas japonesa ("Godzilla me fez estudar o Japão. Na cultura japonesa, o filme é um clássico"), Gary Panter tem hoje uma posição de destaque no cenário internacional.

Seu personagem Jimbo ("um trabalho sobre a liberdade individual") virou o maior ícone do punk nos quadrinhos e lhe conferiu o título de King of Punk Art ("Isso foi apenas um pequeno rótulo reproduzido de alguma publicação e acabou sendo perpetuado...").

Atualmente leciona quadrinhos numa Universidade em NY, e faz performances que chama de "light shows", além, é claro, de continuar a produzir suas Hqs e ilustrações.

Eu li em algum lugar um jornalista comparando você Basquiat. Você concorda com isso?

Gary . Sabe, eu sou mais velho que Basquiat. É muito louco dizer isso, mas meu trabalho apareceu em 1977, e isso foi uma influência sobre Basquiat e todos esses caras. Um pouco, ao menos.

Então você acha que influenciou Basquiat?

Gary . Sim.

Você sabe se ele teve algum tipo de contato com o seu trabalho?

Gary . Meus trabalhos saíram na Slash Magazine (*fundada em 1977, a Slash foi um dos primeiros fanzines punk publicados nos EUA. Depois se tornaria a Slash Records, uma importante gravadora que lançaria X, Gun Club, THe Blasters, Germs, Los Lobos, Faith No More, etc.*). Ela estava em todo lugar. Mas não ligo prá isso. Talvez seja verdade, talvez não. Eu nunca o encontrei, mas eu nunca fui influenciado por Basquiat. Em 1974, eu estava fazendo pinturas como Basquiat, e eu pensei: "Hmmm... Eu não quero fazer isso. Farei outra coisa." Eu pensei que alguém acabaria fazendo isso. E Basquiat o fez.

Os trabalhos dos anos 1960/70 da geração da Zap Magazine (*maior revista de HQ underground da história, com Robert Crumb, Gilbert Shelton e outros mestres*) e dos anos 1980 da Raw (*comandada por Art Spielgeman*) são muito influentes nas belas artes e nas artes gráficas. Hoje os quadrinhos não têm tanta influência quanto tinham nas décadas de 1960 e 70 nesses meios...

Gary . Atualmente, várias pessoas estão trabalhando juntas. Você sabe, os franceses, como o pessoal da Bazooka. Esses caras estão trabalhando em grupo para produzir publicações. Eu tenho visto mais disso ultimamente. Há mais garotas hoje em dia. Quando eu comecei a lecionar quadrinhos não havia menina alguma nas salas, agora é quase que meio a meio. Isso é ótimo. Tem alguns grupos que trabalham juntos, como o Fort Thuder. São uns caras de Rhode Island que têm bandas, fazem camisas, roupas e cartazes (*entre as bandas do grupo Fort Thunder está o Lighting Bolt)*. Eu não estou interessado no tipo de quadrinhos que são influentes atualmente. Todo verão um filme baseado em HQ aparece. Então, ainda há uma influência forte. Eu acho que os anos 1960 eram muito loucos, as pessoas estavam sempre procurando pelo que havia de novo, pelo que viria depois e depois... Daí veio o ano 1970: nada! Mas logo em seguida veio o punk, e de novo as pessoas foram atrás do que viria depois e depois... Tem que haver um período de pausa, mesmo. Talvez vocês pudessem ser "the next thing" (*risos*).

Você disse, na sua palestra durante o evento, que a cultura japonesa não estabelece distinção tão clara entre belas artes, alta cultura, arte trash e cultura pop. Você acha que o fato dos mangás e animes estarem se tornando cada vez mais populares e mainstream muda o jeito que o mundo vê a separação entre belas artes e arte trash? Outra pergunta: você acha que está mais próximo do mundo japonês devido ao fato de eles não fazerem tantas categorizações e hierarquias?

Gary . Esta é uma pergunta difícil. Eu não entendo totalmente o sistema japonês. Sou um fã de arte japonesa. Se eu disse isso foi algum tipo de má tradução. Disse que a "arte inferior" japonesa me levou a estudar o Japão em geral e tentar entender sua história e todos os outros tipos de arte japonesa. Falei que a "arte baixa" pode levá-lo a outros lugares. Para mim, a distinção é sobre idéias. Eu penso que existe um pensamento

coletivo, uma mente única - como Jack Kirby (*gênio por trás de vários personagens Marvel*) costumava dizer -, pela qual passam a alta arte, a arte baixa e qualquer outra coisa que transmita a mensagem às pessoas. Não estabeleço muito uma distinção. Minha única distinção é para arte pessoal e arte comercial. Quando faço arte comercial não sou eu quem manda, sou apenas um servo. Tento fazer um bom trabalho, mas não é a mesma coisa. Um amigo meu mora em Paris, e ele me dá alguns bons conselhos de vez em quando. Ele diz: "Faça a arte que só você pode fazer." E eu: "Ah, ok. Que tipo de arte que só eu, ninguém mais, consegue fazer?" Sobre a distinção entre arte erudita (high art) e arte popular (low art)... Em relação à arte erudita, seria excelente se alguém me desse muito dinheiro para pintar. Mas eu amo pintar quadros, de qualquer forma. E outra, eu ganho dinheiro fazendo as coisas estranhas que faço, eu posso desenhar as coisas que desenho em meus livros. A influência do Japão... O mangá tem sido bastante influente. Garotos e garotas nos EUA são tão influenciados que estão fazendo mangás americanos. Onde está o mercado? Não estou bem certo se há. Mas eles estão publicando as coisas deles. E isso muda percepções.

Você acha que, com a cultura japonesa se tornando mais mainstream, o jeito que as pessoas vêem arte muda?

Gary . Eu acho que o Japão foi muito influente nas artes. Meu trabalho é muito influenciado pelo Japão. Acho que a razão pela qual me tornei popular no Japão é que os japoneses estão sempre procurando por algo interessante pelo mundo inteiro. Eles gostariam de achar alguém interessado neles também.

Sobre as capas. Como calhou de você desenhar essas capas? Frank Zappa, Red Hot Chilli Peppers, Screamers... Isso foi um trabalho pessoal ou comercial para você? Ou ambos?

Gary . Eu venero Frank Zappa. Sempre quis fazer as capas dos discos do Zappa. Eu levei meu portifólio para as gravadoras e um dia eu recebi uma ligação: "Você quer fazer a capa para um disco do Frank Zappa?" Mas eu descobri depois que eram para discos não autorizados pelo Zappa. Frank Zappa processou a Warner Bros. por esses discos. Mais tarde fiquei sabendo que ele gostou das capas, mas eu nunca estive com Frank Zappa. The Screamers eu conhecia. Os Chilli Peppers também. Mas tudo aconteceu por intermédio de gravadoras. Foi um diretor de arte que me ligou. Mas as gravadoras chegaram até mim por causa de todo o trabalho que fiz de graça: flyers para shows de bandas, pequenas ilustrações...

Parece que os críticos acharam "Jimbo in Purgatory" (um de seus trabalhos mais importantes) incrivelmente hermético, apesar de o considerarem um ótimo trabalho de arte e design. Tem gente falando que o livro é um amontoado de citações e referências a temas que vão da cultura pop à filosofia, o que torna o livro quase ilegível. O que você pensa disso?

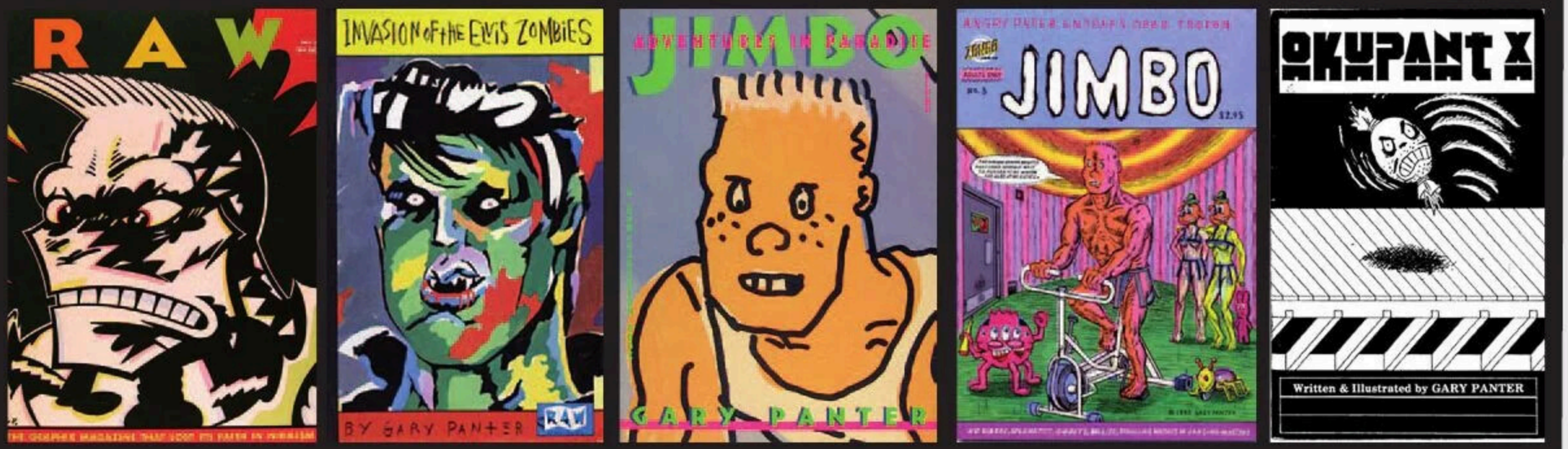
Gary . Eu construí o livro de maneira tão metódica e processual que o fez parecer um mosaico repleto de pequenos ladrilhos; então, sim, é difícil tirar um sentido literal dali. O leitor em geral pode simplesmente aproveitar as sensações que tem lendo o livro e também usar as notas de rodapé com uma lista de leitura. Muitos dos livros aos quais fiz referências serão inspiradores para quadrinistas e cartunistas e também para amantes de literatura. É pessoal e experimental.

Como funcionam seus shows de luz? Eles são similares de alguma forma às performances de luz que acompanhavam bandas psicodélicas nos anos 60? Além do Yo La Tengo, quais outras bandas você acompanhou com seus shows de luz?

Gary . O show de luz é uma performance ao vivo não-computadorizada, e é um desenvolvimento das "luzes líquidas" dos anos 1960. Usamos projetores suspensos e outras fontes de luz, e interagimos com a luz por meios de grandes stencils, rodas de cor e espelhos flexíveis. A inovação é que nós também usamos vídeo-projetores como fonte de luz, coisa que não existia antes.
É uma colaboração com Joshua White, que fazia os mais famosos shows de luz dos anos 1960 no Filmore East, em Nova Iorque. Ele é muito gente boa e tem um monte de idéias parecidas com as minhas. Já nos apresentamos com Alan Licht, Bardo Pond, Plate Tektonics, Yo La Tengo e Balloon Knot.

Você diz no livro "We've Got the Neutron Bomb" que o logo do The Screamers adquiriu vida própria. Como é para um artista quando seu trabalho rompe certos limites e passa a ser um tipo de "propriedade pública"?

Gary . Bom, é bem legal. Meio que por isso tem gente bacana no Brasil, Noruega e Indonésia que acompanha meu trabalho. É bem legal. Os Screamers detêm o direito autoral do logo, só me resta pirateá-lo também.



Uma das grandes experiências pessoais de Gary Panter, que o ajudou a quebrar preconceitos e criar uma linguagem que invariavelmente transita entre a alta cultura e a chamada cultura trash, talvez tenha sido sua vivência na cena punk de Los Angeles. Ele acompanhou em primeira mão o nascer de uma das cenas mais malucas e inventivas do punk estadunidense. Foi a cerejinha do bolo que faltava para Panter desenvolver uma linguagem particular, única. O espírito do "faça você mesmo" sempre o acompanhou ("qualquer um pode desenhar. Os trabalhos de pessoas que não sabem desenhar sempre me atraem. Talvez isso explique o meu traço primitivo"), e fez com que, além de famosos flyers de shows, capas de disco, etc., criasse seu personagem mais famoso, Jimbo.

Gostaria de saber sobre a sua experiência com essas pessoas naquele tempo. Quando você foi para Los Angeles?

Gary . Foi em 1976. Bem, eu fui para Los Angeles e era um tempo pouco produtivo na música. Eu gostava de ouvir Brian Eno, Sparks, Todd Rundgren, Roxy Music... Eu estava à procura do que rolava e achei a Slash Magazine em uma banca. Então, fui até o escritório deles, levei meus quadrinhos e eles gostaram. Eles falaram: "Ok, você pode fazer uma página todo mês." Isso foi no final de 1977.

Então a razão de você ter ido a Los Angeles foi a Slash?

Gary . Não, eu só vi a Slash por acaso. Eu fui pra L.A. porque eu não conseguia trabalho no Texas. Eu estava trabalhando como porteiro, trabalhei numa gráfica... Não podia ir muito além disso. Então pensei que se pudesse ir para Nova Iorque ou para Califórnia... Mas, antes, tenho uma pequena história sobre Nova Iorque. Eu fui uma vez para lá em 73 e estava pensando em me mudar para lá, mas era muito caro. Procurando nos jornais eu achei um apartamento por US$ 300,00. Então, eu fui com um amigo e batemos na porta de um apartamento no Village. Duas garotas atenderam à porta. Carecas, sem cabelo algum, cobertas de tatuagens azuis. Falamos: "Este apartamento parece legal." E elas disseram: "Não, não é este quarto. É lá atrás." Fomos para o quarto dos fundos, abrimos a porta, e no meio do quarto havia uma jaula imensa com um gorila dentro. E merda por todos os lados, no teto, nas paredes. Elas disseram: "O gorila não está feliz. Estamos nos livrando dele e vamos alugar este quarto." Então pensamos: "Talvez não nos mudemos para Nova Iorque." Daí fomos para Los Angeles...(*risos*)

O editor da Slash, Claude Bessy, tinha uma banda...

Gary . Catholic Discipline. Ele tinha essa banda. Ele morreu há poucos anos. Ele era o editor, escrevia metade da revista. Era uma pessoa maravilhosa. Mudou-se para Barcelona. Ele também trabalhou com os Virgin Prunes, dos quais eu gosto bastante.

Virgin Prunes...

Gary . Um banda irlandesa. Dois caras que ficavam super bêbados e "uaoorrghbleerrghagaah"! Algo assim. Eles eram meio gays. Totalmente loucos. Eu adoro. A primeira geração dos punks de Los Angeles era formada por estudantes de arte, talvez em seus 25, 26 anos. Uns dois anos depois, a garotada das praias apareceu. Caras loucos e musculosos que arrastavam pessoas atrás de carros, subiam e pulavam nos sinais de trânsito.

Você acha que a música tem alguma influência sobre seus desenhos, suas pinturas, sobre seu trabalho artístico em geral?

Gary . Sim, tem alguma influência. Mas música punk como Ramones (*faz barulho de metralhadora*). Eu não curto muito punk rock.

Digo música em geral, a música da qual você gosta.

Gary . Sim, eu escuto música estranha, noise music, art music. Minha coleção de discos é muito estranha. Agora, eu não posso conhecer tudo... Esses caras me deram algumas coisas, aí eu posso conhecer mais (*fazendo referência aos CDs que uma rapaziada deu prá ele no FIQ*).

A visita ao Brasil foi também uma viagem de família. Sua esposa e filha, muito simpáticas, o acompanharam e aproveitaram para dar um pequeno giro por aqui. Ainda que aparentemente Gary Panter seja um pacato pai de família, tem um histórico de uso de drogas lisérgicas bem intensas (fechou a coletiva no Brasil advertindo para nunca tomarem a "pequena pílula laranja", fazendo alusão a uma experiência pessoal em Woodstock) e nutre um ódio mortal em relação ao fanatismo religioso puritano dos Estados Unidos. O que significa dizer, de tabela, que ele não tem lá muito amor e carinho pelo presidente George Bush. A famosa frase "vivemos numa sociedade em que tudo é um parque de diversões", de um manifesto de Gary Panter dos anos 1970, pode ter várias interpretações, mas não parece muito adequada à realidade atual de seu país...

O que você tem escutado ultimamente?

Gary . Escutado? Eu escuto Nurse with Wound, música psicodélica da década de 1960, pós-punk como Magazine, Gang of Four e todo esse tipo de coisa.

Pop Group?

Gary . Pop Group? Ah, sim, eu gosto de Pop Group. É muito bom. Enfim, todo tipo de coisa.

Eu dei uma olhada nas listas de músicas que você posta em seu blog e achei duas bandas barulhentíssimas, Comets on Fire e Merzbow. Quando vi isso, só fiquei pensando no meu pai - que nunca ouviria esse tipo coisa! Como você consegue esses discos, uma vez que você parece não acompanhar música atual? Esses caras lhe enviaram a música deles?

Gary . Eu ainda acompanho música experimental. As pessoas também me mandam um monte de CDs. Fora isso, eu tenho uma coleção esquisita de vinil. Coisas que eu acumulo nos últimos 40 anos, tenho ali todos os discos da minha época de escola e faculdade.

O governo do Baby Bush influenciará a arte, especialmente aquela feita nos EUA? A população mundial costumava ver os EUA como um tipo de modelo de liberdades individuais. E agora parece que o país está caminhando de volta aos anos 1950. A arte será influenciada por isso?

Gary . A arte eu não sei. Arte influenciada por política nunca é forte o bastante enquanto arte. Arte política não é tão excitante para mim quanto a arte em geral. Durante a década de 1960, estávamos cada vez mais avançando no tempo e de repente: "Oh, não! Temos que voltar!" Desde a década de 1970, os EUA estão regredindo. George Bush... Eu sou do Texas e o considero um total idiota. Um ladrão, um cristão fingido. Ele é o tipo de cristão que não é muito esperto, do tipo que leva a Bíblia ao pé da letra: o mundo foi criado em sete dias, Eva nasceu da costela de Adão, esse tipo de coisa. Para ele não é sobre metáforas, é apenas sobre obedecer as "leis de Deus". Ele fala com Deus, ou sei lá quem. E os americanos de menor nível cultural se identificam com isso, porque eles

também têm medo do futuro. Eu tenho medo de fundamentalismo cristão, de pessoas que pensam que Deus ama apenas a elas. Bush criou algo para poder reagir contra, toda essa história de guerra santa e fundamentalismo islâmico. Não estamos mais seguros por causa de Bush. Não seria tão difícil destruir Nova Iorque. Quer dizer, quão difícil seria isso? Se toda semana 20 caras seqüestrassem um avião, todo mundo deixaria Nova Iorque. Mas não é o que acontece. Isso mostra que a religião mulçumana não é composta só por loucos extremistas. É exatamente como a igreja na qual fui criado. É a mesma coisa. Eu acho que os islâmicos extremistas estão sendo usados para fins políticos. Isso tem a ver com o quanto os EUA lucram nos países árabes, e com o fato de que os jovens no Oriente Médio não têm trabalho, perspectivas, nada. Outro problema é que a mídia americana está em todo lugar. Se eu fosse um religioso doido que só rezasse, rezasse e rezasse e tomasse conhecimento da música rap, por exemplo, ficaria louco com todo o "mexa gostoso seu traseiro" e tudo o mais. E a América não está se dando conta do que está acontecendo. Enquanto a comida continuar chegando ao McDonald's, eles não têm que pensar, nem se preocupar com nada. Mas se alguém destruir o McDonald's ou sabotar o fornecimento de comida, aí ele começam a se preocupar. Mas não conseguirão pensar racionalmente e reagirão de um bilhão de formas perigosíssimas. Mas então, a arte... Se você está trazendo os anos 1950 de volta, então os anos 60 chegarão uma hora. Essa é a parte boa. E acho que de certa forma isso está acontecendo. A tecnologia é bem diferente daquela da década de 1960. Os anos 60 foram do jeito que foram, em parte, por causa da televisão. Esta é a minha resposta longa. Acho que algo de interessante pode surgir disso, mas arte política...

Lembro de uma banda estadunidense que tocou aqui. Eles estavam muito preocupados em se desculpar por serem estadunidenses...

Gary . E eles se desculparam?

Sim. Acho meio estúpido. Bom, você sabe...

Gary . Bem, isso é um pouquinho de consciência. Mas eles poderiam ser um pouco mais conscientes. Eu acho que a América deveria se desculpar por um monte de coisas. Mas, antes, os americanos deveriam ajeitar sua própria bagunça e ler um monte de livros. Desligar a TV ajudaria também.

Na real, o povo estadunidense é formado somente por pessoas. Elas não estão dando ordens.

Gary . Verdade. Mas nós somos adultos muito mimados, e gordos! Mas há algo de interessante, na arte underground, acontecendo. Quer dizer, não está no underground, mas na internet. Sei lá, pessoas são formigas. Formigas podem fazer coisas interessantes também... ◂

▸▸ Conheça mais:
www.garypanter.com

AMONSTRO

Por Alexandre Charro

Retrato Cia de Foto

De casa nova e malas prontas, Lívia Torres e Helena Pimenta preparam para setembro o lançamento da coleção de verão 2008 da Amonstro em Tóquio, onde a aceitação da marca é muito boa. Procurando sempre originar os processos de criação, a Amonstro tem a moda como um caráter libertário, que está por toda parte, na rua, na indústria e na mídia - esta, sempre com a necessidade de interpretar em uma simples análise de detalhes.

O tema da nova coleção não é definido nem delimitado. Essencial é esse processo de criação (ou a falta dele), que enaltece a autenticidade e a vivência: "As peças mais bacanas são as que saem espontaneamente", dizem elas. As idéias podem surgir em uma compra pela feira ou em uma conversa no trânsito.

Isso pode até parecer trivial no comportamento dos que trabalham com criação. O fato é que as duas estão sempre juntas, tanto nas tarefas mais burocráticas quanto na construção de cada coleção, e isso eleva a interpretação e troca das experiências entre elas.

Falar desse processo não significa que as opiniões vacilem de um pólo a outro sem nenhum ponto de ancoragem. A moda consumada não tem sentido senão nessa era democrática, em que reinam o consenso sedutor e o apego forte, relacionados ao principal valor organizador da vida coletiva moderna: a liberdade, diga-se de passagem, de ser quem você quiser.

Essa fixação incontestável da moda em encontrar conceito (efêmero) no resultado acaba com o rodízio leve do sentido, e é justamente nesse sentido leve que se fundamenta a criação delas, em que o domínio técnico se reconcilia com o lúdico.

Sempre experimentam o trabalho de novos artistas que nunca tiveram seus trabalhos em roupas, como o japonês Atsuo Nakagaua, para a criação das estampas, um dos diferenciais da marca: "Não precisa ser sempre o mesmo traço, sempre o mesmo desenho, é gostoso mudar!" Em parceria com a tecelã Lala Martinez Correa, elas também fazem bichos a partir dos retalhos de tecidos. São emas, macacos, aranhas em formatos esquisitos, mas alertam: "Não fazemos toy-art, temos preguiça desse termo."

Segundo elas, e ao contrário do que todo mundo pensa, o público de São Paulo é muito careta, além da cidade não ter muitas opções para os artistas independentes da moda mostrarem seus trabalhos.

"A moda no Nordeste é muito mais alegre, colorida e solta!" Estão preparando sua logística para vender no Nordeste muito em breve. A moda da Amonstro não é ideologizada, é mais aberta, mais influenciável, porém crítica e realista às experiências do cotidiano atual, quer você tenha a manha de usar, ou não.

» Veja mais

http://www.fotolog.com/amonstro
http://www.myspace.com/amonstro

Acessório de

Por Alexandre Charro . Foto Cia de Foto

acessório.

No mutável mundo da moda, poucos são os que produzem sem pensar em quem vai usar. Despretensiosa, a meiga jornalista, que atualmente vive em São Paulo, Phuong-cac Nguyen, americana de L.A. e descendente vietnamita, criou a Sisu, uma linha de acessórios conceituais e únicos, originários dos momentos de pausa e encantamento com a natureza,
com a estética punk e rock, até a cultura dos penduricalhos do Hip-Hop.

Phuong-cac garimpa peças, mini-peças, em lugares obscuros e de antiguidades nas suas andanças pelo mundo. Como numa colagem, essas peças acabam sendo atraídas umas pelas outras, um elo entre artefatos é construído intuitivamente. O antigo inspira o novo, mesclando materiais e ícones como caveiras, cruzes, brasões, coroas, bolas de vidro, pompons, peças russas antigas, com elementos da natureza, como tucanos, elefantes, aves e folhas. Do processo criativo surgem composições inigualáveis de acessórios que devem fazer parte de outros acessórios tipo bolsas, cintos e jaquetas, dando volume, textura e estilo, sem limites para a imaginação.

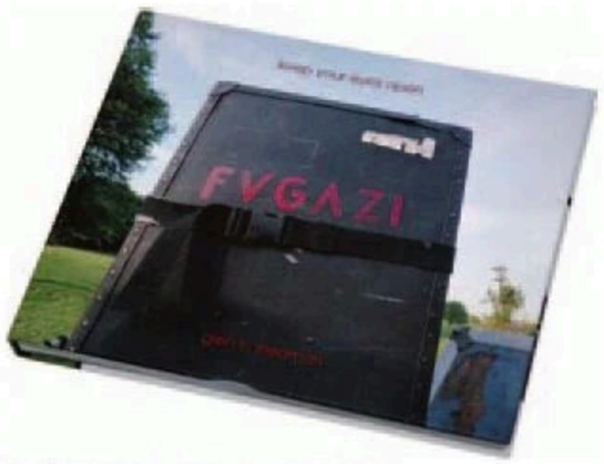
Inicialmente, os acessórios da Sisu eram feitos em L.A. para amigos. Ali, naquela cidade, a maioria das pessoas está imersa na música e se veste baseada em seus gostos musicais. Com essas raízes, Phuong-cac amplia sua inspiração com uma heterogeneidade musical, gosta das bandas Misfits, Guns´n Roses, The Cure, Minor Threat, Madlib, De La Soul, entre outras, transformando seu hobby inicial em permanente trabalho estético.
O encanto e magia na produção dessas peças provocaram mudanças positivas em Phuong-cac: contrabalanceando o estressante, e muitas vezes frustrante, trabalho jornalístico, que, segundo ela, “é um processo que não termina nunca, você sempre acha que o texto pode ser melhorado”.
Já na produção da Sisu, desde a busca das peças até a montagem, o processo de composição das peças amplifica sua sensibilidade, não há lugar para racionalizar, e as escolhas surgem espontaneamente.

Segundo ela, as peças são mais vendidas para os homens, que provavelmente querem presentear as mulheres, com o desejo oculto de resguardá-las de indivíduos agourentos, exu-caveira, tranca-rua...
São peças que inexplicavelmente tornam-se sagradas, fetichizadas, outras vezes, para expressar, como numa linguagem silenciosa, estilos, atitude e personalidade. Conceito sempre presente nas peças de Phuong-cac. ◂

» Conheça a Sisu
http://www.gimmesisu.com
http://www.myspace.com/gimmesisu

» Saiba mais do seu trabalho jornalístico
http://coolhunting.com
http://joshspear.com

+REVIEWS



Keep your eyes open: The Fugazi Photographs of Glen E. Friedman

Burning Flags Press . 2007

O Fugazi todo mundo já conhece... e o Glen E. Friedman também... Como assim, você ainda não conhece o cara? Pois deveria conhecer. O cara é lenda viva da fotografia underground, seu trabalho é marcado por registros desde o final da década de 70 de algumas das bandas mais vanguardistas da cena punk e do hip-hop norte-americano, como Black Flag, Bad Brains, Minor Threat, Dead Kennedys, Ice-T, Beastie Boys, Run DMC, Public Enemy, entre outros, além de ter sido o principal fotógrafo a retratar o nascimento do skate moderno e o lifestyle dos skatistas de Dogtown/Z-Boys, como Jay Adams, Tony Alva e Stacy Peralta. Glen já lançou vários livros, com destaque para "Fuck you heroes", "Fuck you too" e "Dogtown-The legend of the Z-boys".

Keep your eyes open está sendo lançado no dia 3 de setembro de 2007, marcando o vigésimo aniversário do primeiro show do Fugazi, que aconteceu em 3 de setembro de 1987 em Washington DC, cidade natal da banda. O Fugazi está atualmente em um hiato indefinido e seus integrantes têm se dedicado a projetos paralelos, como o projeto solo de Joe Lally, a banda The Evens, em que Ian Mckaye toca ao lado de sua mulher Amy Farina, enquanto Brendan Canty e Guy Picciotto têm se dedicado mais como produtores, e também têm feito algumas participações especiais.

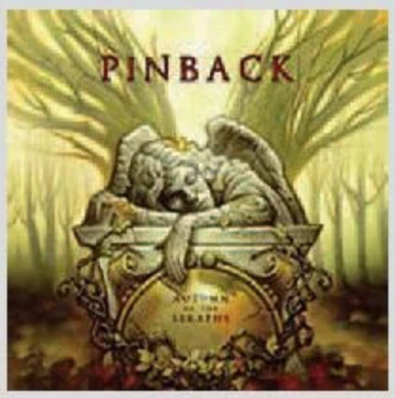
Nas palavras do próprio Ian: "Enquanto a maioria dos fotógrafos estava tirando fotos do Fugazi, Glen estava tirando fotos com o Fugazi."

◂ *Por Tiago Moares* . Avaliação: ++++

Split EP

Arma Laranja e Besta-Fera . Café e Raiva/Faca Cega . 2007

Arma Laranja de Curitiba, Besta-Fera de São Paulo. Ambas com integrantes oriundos de bandas do cenário hardcore da virada do ano 2000. Ambas são ligadas à sonoridade do hardcore estadunidense dos anos 1980. Ambas são trios formados por dois homens e uma garota. Arte lindaça de capa em um formato "retrô", o vinil de sete polegadas. O Besta-Fera, ainda que surfando nesse passadismo todo, se destaca por arranjos de guitarras muito marcantes (umas linhas country-punks muito boas!) e o vocal dobrado masculino/feminino, dando dimensão e vitalidade para letras espertas, como em Caminhos Cinzentos ("O valor circula e os homens/se empurram/Quando a cada minuto/a razão pertence ao mercado/E cada momento é de mais valor./Quando cada minuto/parece uma nova hora perdida"). Algo entre Germs, The Dils e Meat Puppets. Já o Arma Laranja tem uma pegada skatepunk a la Adolescents e arranjos similares ao The Saints, por exemplo. O que achei estranho na realidade são as letras, uma espécie de compêndio de situações típicas do emocore ("uma lâmina rasgando meu pescoço"/ "o quanto ainda há para sofrer"/ "não posso mais pagar pelos seus erros, traumas, medos"/ "eu não tenho nada do que me orgulhar"). Sei lá, autocomiserativo demais. O registro vale por ser representativo de uma nova onda no hardcore da região Sul/Sudeste, em que se revaloriza um lado do punk 80 estadunidense pouco explorado por aqui. E em bom português, claro. ◂ *Por Arthur Dantas*

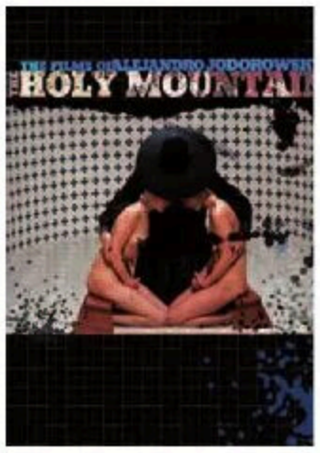


Autumn of the Seraphs

Pinback . Touch & Go Records . 2007

Depois do disco solo produzido no seu "bedroom studio", lançado no começo do ano, Rob Crow volta neste segundo semestre com o novo do Pinback. Junto ao seu parceiro e co-fundador Armistead Burwell Smith IV (ex-Three Mile Pilot, assim como o baterista Tom Zinser), o grupo de San Diego lança o Autumn of Seraphs, quarto disco da banda formada em 1998. A batida seca, somada à suavidade das melodias vocais cantadas por Crow e Smith, ora cantando juntos, ora alternando, ora juntos em melodias diferentes, fazem do Pinback, agradando ou não, uma das bandas mais autênticas dos últimos tempos.

O disco começa com a faixa "From Nothing to Nowhere", na qual a batida aparece um pouco mais acelerada. Na seqüência vem "Barnes", no bom e velho estilo Pinback. Aí chega então a terceira e impressionante "Good to Sea", certamente uma das melhores músicas do ano. O disco segue agradável conforme o esperado até o fim. Destaca-se ainda a faixa 8, "Blue Harvest", em que, pela primeira vez, consigo identificar claramente alguma influência de outra banda no som do Pinback; no caso, The Police. ◂ *Por Milo* . Avaliação: ++++



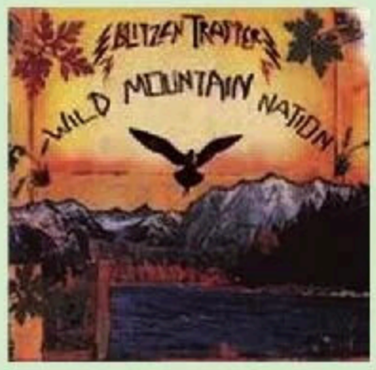
The Films of Alejandro Jodorowsky

Fando y Lis . El Topo . Holy Montain . 2007

Coletânea dos filmes do começo de carreira (1958-73) do escritor, diretor e ator chileno Alejandro Jodorowsky. As películas foram restauradas e re-digitalizadas em 2k e HD (formatos de alta definição). Alejandro é um dos criadores artísticos mais originais e controversos de seu tempo. Personalidade cheia de misticismos, o autor do cultuado El Topo possui uma visão espiritual e, ao mesmo tempo, extremista sobre os relacionamentos passionais, a família, religião e comportamento. Com várias experiências e convívio próximo com curandeiros, feiticeiros, psicólogos, etc., concebeu duas técnicas terapêuticas: a psicomagia e a psicogenealogia, que revolucionaram a psicoterapia em muitos países. Em toda sua obra transgressiva, percebemos desde o início essa forte ligação com as profundezas da consciência.

La Cravate, seu primeiro filme e dado como perdido, é um dos extras dessa caixa. Conta a história de um homem cuja namorada sádica o incita a comprar uma cabeça nova. Com a ajuda de uma habilidosa gerente que faz as trocas das cabeças, o homem (o próprio Alejandro) percorre a loja entre dúvidas e cabeças, fazendo inúmeros testes para encontrar a que mais agradaria sua namorada. Este primeiro trabalho já estabelece a afinidade para lidar com o amor efusivo.

A caixa contém os filmes La Cravate, Fando Y Lis, El Topo, Holy Montain, além das trilhas sonoras, comentários do diretor e um documentário sobre o autor e sua técnica de psicogenealogia. Alejandro consegue ir fundo. Além de muitas obras de arte atuais, passa facilmente por este mundo que se sustenta pelo excesso de colagens e de informações superficiais. ◂ *Por Alexandre Charro*



Blitzen Trapper

Wild Mountain Nation . Lidkercow Ltd . 2007

Wild Mountain Nation é o terceiro disco independente lançado pelo sexteto de Portland Blitzen Trapper. Como numa viagem sem escalas do espaço sideral rumo a uma pastagem no interior do Oregon, o grupo passa por um número de gêneros e estilos musicais: country, pop, glam e por aí vai. A música Futures & Folly é a mais próxima do pop alternativo que conhecemos e se choca com o country de Wild Mtn. Jam. Entretanto, são músicas como Sci-Fi Kid e Wild Mountain Nation que nos fazem voltar a ouvir este disco, pedindo por mais. Diverso e revelador, Wild Mountain Nation leva o Eagles na garupa de Stephen Malkmus. ◂ *Por Rodrigo Brasil*

Guitar Hero Encore: rock the 80`s

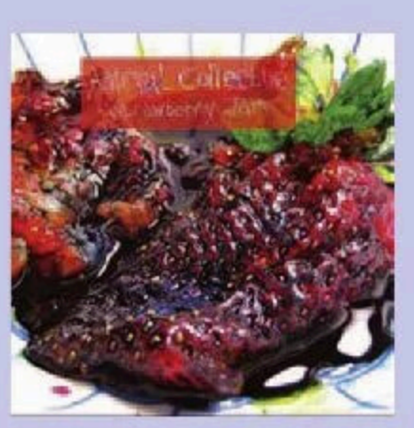
Para Playstation 2 e Xbox360 . *2007*

Sim, você tem ou foi à casa do seu amigo para jogar o 1 ou o 2, é possível que você tenha a guitarra, mais provável que só jogue no expert, e espero que já tenha jogado bêbado em alguma festa na casa de alguém. E é por isso que GH é um dos melhores jogos para se divertir - não vou nem comentar o fato, se você sabe tocar uma verdadeira guitarra. Se você nunca jogou... por favor, vá lá comprar todos!

GH encore: rock the 80's é uma simples continuação disso tudo, com o óbvio diferencial (que está no nome do jogo): são músicas dos anos 80. Então, lá tem 30 bandas com todos os gêneros, desde o heavy metal (Dio, Iron Maiden e Judas Priest), passando pelo hardrock (Skid Row, Scorpions e Twisted Sisters), até coisas mais pop (The Police e Oingo Boingo). Tá, até aí você deve estar pensando: "olha, legal, várias bandas!", mas é aí que mora o perigo, parece que você está ouvindo o rádio do seu carro!!! Sabe aquelas horas em que está um trânsito cabuloso, só fica passando música chata e, uma hora ou outra, toca alguma que você conhece? É bem isso! Tem também o fator dificuldade, que na verdade é muito fácil (ou nos anos 80 era fácil tocar ou eles realmente fizeram um jogo fácil): em três horas você libera todas as músicas. Jogabilidade? Igualzinha à dos outros, não mudou nada.

Nunca jogou? É só apertar os botões no tempo da música, portanto a diversão está garantida. A única pena é que o jogo não tem quase nenhum extra (mas vale a pena conferir o visual da morte). Bom, GH encore: rock the 80's é divertido (para quem curte os anos 80), com músicas que com certeza você já ouviu na sua infância (ou adolescência), e no fim, rodeado de amigos, com uns drinks e quem sabe uma guitarra - se nenhum dos seus amigos ou você tiver, pede ou vai comprar! -, dá para fazer uma disputa e um show de rock em casa (essa foi frase clichê). Mas não vá me comprar as botas do Dio ou se vestir de Twisted Sister! ◂ *Por Breno Tamura*

+REVIEWS



Strawberry Jam

Animal Collective . Domino . 2007

Quando se ouve pela primeira vez qualquer disco do Animal Collective, o estranhamento inicial é quase inevitável. A construção da grande maioria de suas músicas é muito semelhante. Elas nascem sempre de um loop curto, comandado por um delay que se repete às vezes até o final da música ou dá lugar a um segundo ou terceiro. Esse loop, composto por um mix de elementos percursivos, ruídos e melodias minimalistas, é sempre distorcido por experimentalismos com efeitos eletrônicos (filtros, eq, pitch e etc.). Se o som dessa banda nova iorquina fosse resumido a isso, poderíamos comodamente classificá-la como experimental-minimalista, mas, como em cima desse(s) loop(s) vem uma bela canção folk, em algumas faixas até afetada por um toque punk, evidente em "For Reverend Green" ou em "Winter Wonder Land", fica difícil. Mesmo porque estamos acostumados a ver o folk passar longe do experimental e vice-versa. Fundada em 2000 por Avey Tare e Panda Bear, mais uma vez o estranho Animal Collective nos cativa. Ouça "Strawberry Jam" e tire suas próprias conclusões. ◂ *Por Milo* . Avaliação: ++++

Adesivos Fernando Sommer

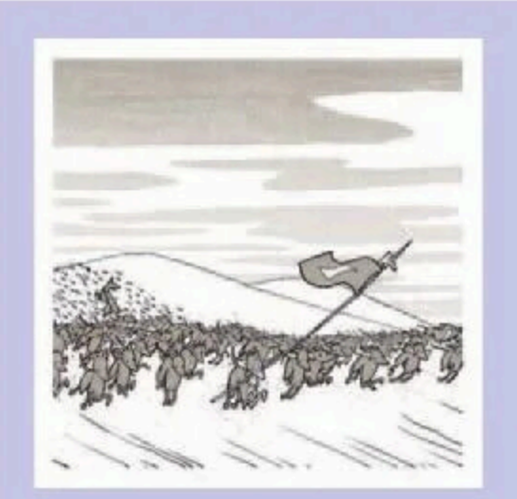
"São lindos, os adesivos!"

O início foi assim: o diretor de arte Fernando Sommer queria tornar bem original e diferente um cantinho da sua própria casa. Começou, então, uma linha de adesivos em vinil - com design e qualidade incríveis e séries super limitadas. A idéia é bem prática: vinil adesivo recortado e estampado, que dura até dois anos colado na parede, teto ou chão, com alta qualidade de impressão - por isso podem ser limpos com um pano ou mesmo lavados sem drama. São objetos, pessoas ou situações que nem sempre temos ou podemos ter em casa a custos acessíveis: a Marilyn Monroe, um esqueleto feliz, um esqueleto ao piano, um relógio tipo Cuco ou um quadrinho "home sweet home" vintage, um tapete que não sai do lugar com pisadas ou tropeços, uma paisagem ou um buraco na parede. Pode-se encomendar uma arte especial via e-mail com o próprio designer. No momento, alguns dos adesivos estão à venda na Garimpo-Fuxique. ◂ *Por Helena Sasseron*

Jogar para ganhar

Rosana Bronk's . Cosa Nostra 2007

Prestem atenção: uma nova leva de grupos está chegando e dando as cartas do rap que virá de São Paulo e, muito provavelmente, do Brasil inteiro. O gangsta '90 gringo pesa, sim. Como sempre. Mas, dessa vez, tem também a levada do samba rock e intensidade da música brega nacional, o peso e a ginga do soul/funk e da disco estadunidense. É uma geração muito afirmativa, devedora de tudo que os graúdos do rap nacional plantaram até aqui e dando pistas de algo que poderia ser chamado de balanço de São Paulo. O DBS, resenhado na primeira edição, pertence a esse time, o Rosana Bronk's também, mas dessa vez com o aval dos Racionais e o peso das batidas monstro produzidas por Mano Brown (manja o poderoso "Sou Função", do Dexter, de 2006? É por aí). O Rosana Bronk's pega todo o peso e balanço das faixas mais dançantes do Racionais e bota em um outro patamar. As letras, sempre espertas, mostram um orgulho sereno e poderoso, em que o confronto – seja com playboys, polícia ou o que o valha – já não são necessários: já se reconhecem e se afirmam dentro do orgulho proposto ao longo da trajetória do rap paulistano. Contagiado por samplers de Gap Band, Chicago Gangsters, cada um dos rappers vai emendando rimas fortes e espertas, daquelas que se transformam em jargão nas ruas em um piscar de olho, como no hit Mudanças ("O que passou/ passou, irmão./ É lógico/ Tudo é um teste/ pro seu psicológico") ou a funkeada A Vida Ensina ("Encara os baratos/ carregue sua cruz/ não arraste pelo asfalto" ou "a vida ensina que nunca é tarde/ me ensinou a amar e a dançar de verdade/ com funk no pé, Deus no coração./ Louco né? Meu estilo função"). O clima é do mais puro amor, fé e balada. Como rimam no último som, "Quem vive na quebrada, agüenta, coração/ sou um loko, sentimental/ me inspirei em Marvin Gaye, Bebeto e James Brown. E é por aí: a nova geração achou a redenção pelo balanço funk, assim como Mano Brown profetizou. ◂ *Por Arthur Dantas*



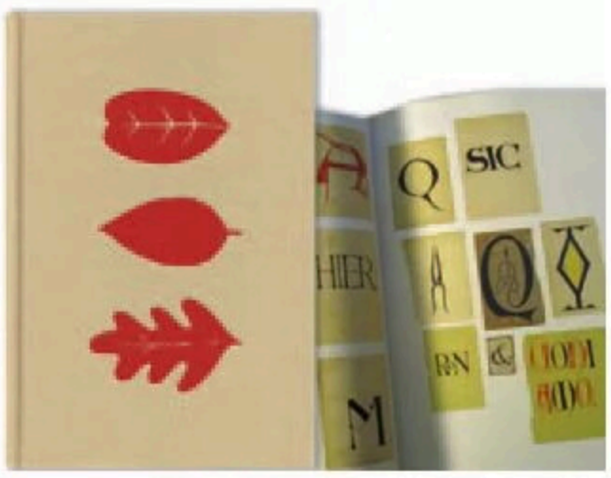
Excellent Italian Greyhound

Shellac . Touch & Go Records . 2007

Depois de sete anos sem lançar, o Shellac vem com "Excellent Italian Greyhound". Disco mais leve da banda, mas nem por isso menos fragmentado, pelo contrário. Talvez esse álbum vá mais profundamente à essência técnica da banda, mas sem a mesma pegada empolgante de "1000 Hurts" ou "Terraform". Percebemos que é o mesmo e consistente Shellac de sempre, mas nem por isso o disco é uma obra prima. Steve Albini, e sua concepção e processo próprios de gravação analógica, consegue transmitir a saturação sem limites, mas infelizmente essa profundidade pode mostrar que, às vezes, um processo de gravação ou criação libertário não é suficiente. *Por Alexandre Charro*

The Semi-Permanent Book 2007

Semi-Permanent é um evento que acontece anualmente na Austrália. Ilustradores, artistas, videomakers e designers enviam seus trabalhos para a mostra competitiva e não-competitiva. Esse livro é um compilado dos melhores trabalhos selecionados da edição 2007. Ótima referência para os profissionais que trabalham na área de criação e design. *Por Alexandre Charro*



In the Sweet Bye & Bye

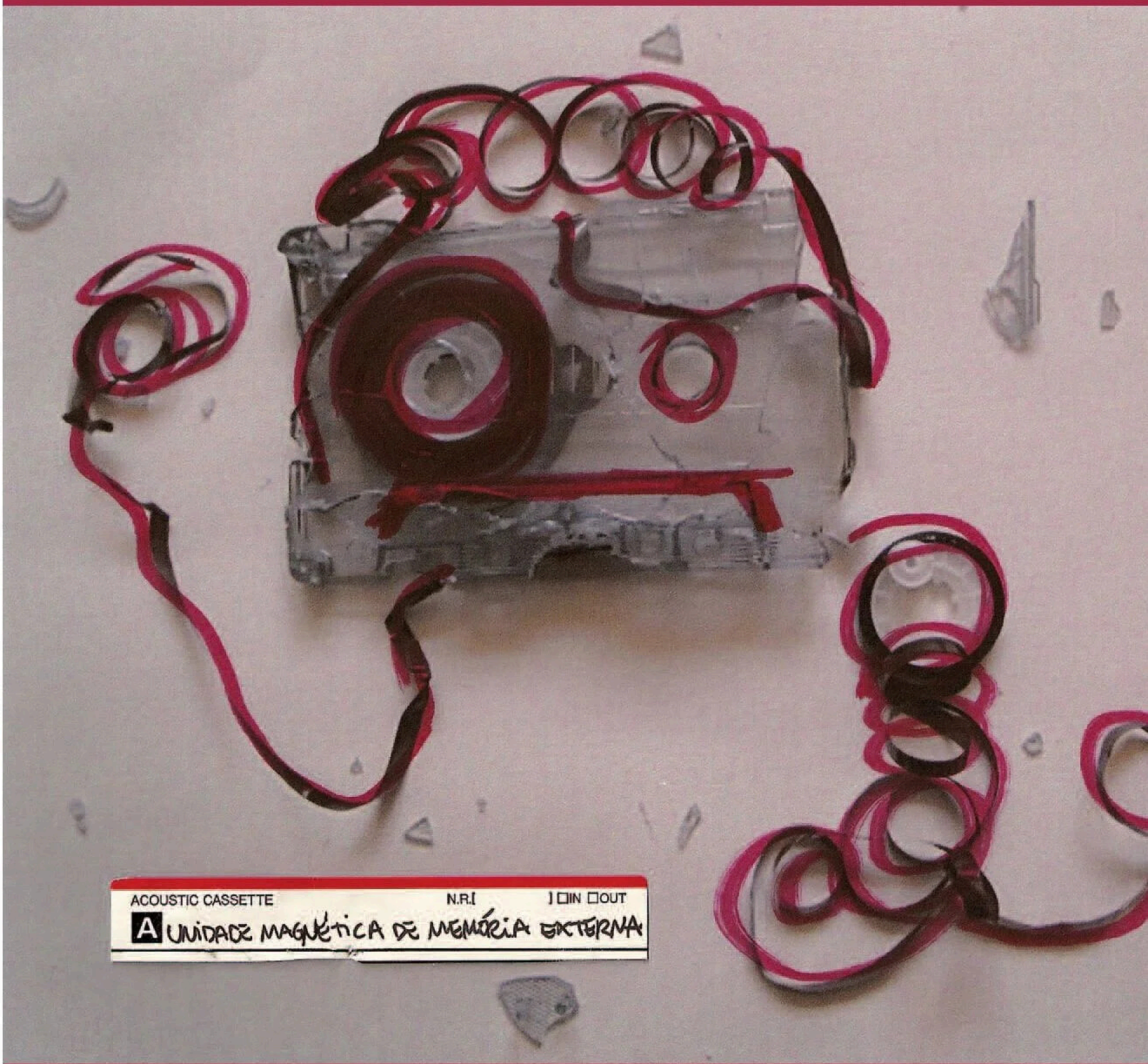
Margaret Kilgallen . Giant Robot

Este livro é o catálogo que acompanhou a exposição de Margaret no espaço REDCAT em Los Angeles (2005). Com design de Michael Worthington e Jon Sueda, este livro documenta e contextualiza centenas de trabalhos dessa influente artista de San Francisco. Margaret e seu marido, o artista Barry McGuee, foram fundamentais para o movimento Mission School, que reuniu artistas que passaram pelo San Francisco Art Institute e que foram fortemente influenciados pela boemia e cultura de rua do Mission District. O livro tem uma capa bem legal em tecido e traz muitas fotos do trabalho de Margaret, que nunca negou seu amor por coisas que mostrem a evidência da mão humana. *Por Rodrigo Brasil*

Atomic Yggdrasil Tarot

Daniel A.I.U. Higgs . Livro/CD . Thrill Jockey Records . 2007

Não é fácil de assimilar, esse trabalho. Daniel Higgs, vocalista da banda Lungfish (totalmente fora das Relações Públicas), acaba de lançar seu terceiro disco solo pela Thrill Jockey Records. Atomic Yggdrasil Tarot tem duas edições - uma em LP, limitada a 900 cópias, e outra que é um livro acompanhado pelo CD, com as mesmas faixas do LP, com 4.000 cópias. As músicas, gravadas inteiramente no repouso de sua casa com gravador cassete, são um tipo de mantra místico meditativo do isolamento. Para compor esse ambiente cósmico, Daniel utiliza banjo, guitarra acústica, elétrica, piano e harpa judaica. O livro, com o mesmo nome do disco, tem poemas curtos sobre religião, vida e morte, e pinturas feitas pelo próprio D.A.I.U.H., que casou a música e a arte visual em um ser único capaz de alinhar ou, na fragilidade, desalinhar os pensamentos. Um verdadeiro trabalho de arte. *Por Alexandre Charro*


ACOUSTIC CASSETTE
N.R.I
] □IN □OUT
A UNIDADE MAGNÉTICA DE MEMÓRIA EXTERNA

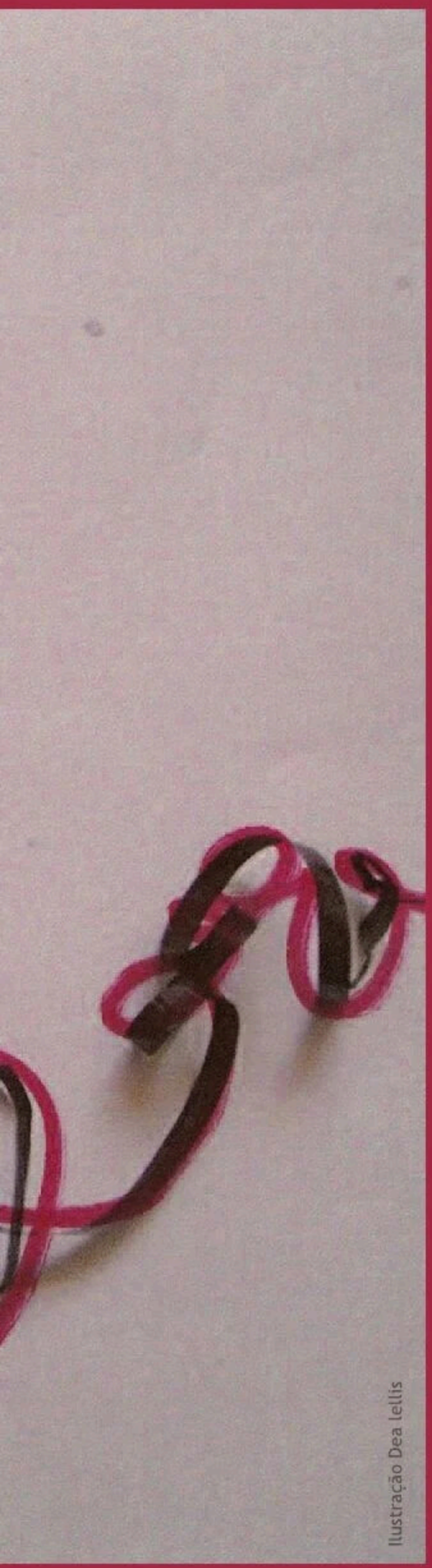


Ilustração Dea Iellis

Agora no Lixo.

Eu e um amigo estávamos de frente para uma parede cheia de CDs, quando ele me alertou: "cada um desses é uma espécie de unidade de memória externa. Eu paro aqui na frente, puxo uma caixinha e junto aparecem lembranças de uma época, de um dia, de uma festa, de uma mulher, de uma deprê. Coloco pra tocar e vem tudo à tona muito claramente".

***

Tá certo: isso não acontece apenas com CD's ou fitas cassete. Acontece com todo objeto que carregamos com a gente ao longo da vida. Souvenirs são como lembretes materiais de sensações, emoções e conceitos que guardamos "dentro" da mente. Eu tenho um pequeno robô numa estante da sala, o único brinquedo de infância que venho trazendo de arrasto durante cerca de três décadas. Quando, por algum motivo, ele se destaca na paisagem dos livros (muito raramente), paro para observá-lo e coisas brotam. Coisas. Indefinidas, difusas, um tanto quanto rarefeitas. Embora não menos influentes no humor corrente.

***

A peculiaridade de um suporte como a fita cassete em relação a uma concha do mar, uma miniatura de caixa de Coca-Cola ou um robô é a possibilidade de armazenar uma enorme variedade de sensações, emoções e conceitos - e ainda por cima numa seqüência pré-determinada.

Sem o acesso rápido às músicas como no CD, no mp3 ou num toca-discos, numa fita cassete você é meio que obrigado a passar por todas as lembranças. Ok, tem o FF e o RW. Mas são comandos inexatos no toca-fitas e, na medida em que você vai procurando por uma canção específica, acaba caindo fortuitamente em outra que talvez não quisesse ou não esperasse visitar. Quantas emoções é possível armazenar em uma nota musical? Multiplique isso pelo número de notas ou compassos presentes em uma hora de música (menos se for o Ramones, mais se for o Rush) e teremos uma miríade (adoro essa palavra) de emoções cujo link para serem acessadas são limalhas de ferro organizadas de forma muito específica de forma que possam ser traduzidas pelo leitor magnético de um toca-fitas.

***

Há alguns meses joguei fora todas as minhas fitas cassete. Sem piedade. Mas não sem algum drama: a caixa com as duzentas ou trezentas fitinhas ficou na porta de casa durante várias semanas antes que eu tivesse coragem de me desfazer delas. O fato, no entanto, é que não havia muito que fazer a não ser botar tudo no lixo mesmo. O fato é que perdi a conexão com as fitas. Adoro a simplicidade, a portabilidade e a flexibilidade do meu mp3 player. Não tem muito a ver comigo pegar a caixa do cassete, admirar a capinha, colocar a fita com cerimônia no walkman. Não gerei grandes apegos ao som da fita magnética ou ao ritual. Meus apegos são outros. Antes de mandar tudo pra lixeira, cheguei a tentar doar o material para alguém. Mas ninguém se interessou. Quem, afinal, se beneficiaria com um pedaço de mim fatiado, guardado em caixinhas, com sentimentos gravados, classificados e descritos em capinhas feitas à mão?

Gustavo Mini é editor do blog Conector
www.conector.blogspot.com

O BOM DE SE TRABALHAR EM UM SUPERMERCADO DE QUINTA CATEGORIA É QUE QUASE NUNCA TEM NINGUÉM.

10

11

PROMOÇÃO 10 LATAS 1 R$!

Suzan

E NINA PODE LER SEU ROMANCE DE IGUAL CATEGORIA EM PAZ...

...OU QUASE.

OI, QUANTO É ESSA VODKA?

30 REAIS.

OK, VALEU.

VODKA ELETO

E NESSE DIA ELE APARECEU.

OI.

SIM, PARECIA QUE ELE TINHA SAÍDO DO ROMANCE...CULTO, LINDO, INTELIGENTE.

LIVING DEAD

NINA ACHOU QUE TINHA TIRADO A SORTE GRANDE.

ELE LEVOU ELA PARA JANTAR, CONVERSARAM, BEBERAM E COMERAM CAMARÃO...

... NINA ACHOU QUE ELE ERA RICO.

DISPENSOU OS AMIGOS PARA FICAR COM ELA

PUTZ, HOJE NÃO VAI DAR, TENHO COISA MAIS IMPORTANTE PARA FAZER. FICA PRA AMANHÃ.

ELES FORAM ATÉ O APARTAMENTO DELE...

QUE MALHO...

...ERA UM SONHO...

...ELA ESTAVA SE APAIXONANDO.

ELE PERGUNTOU SE ELA QUERIA FICAR.

ENTÃO NINA...

TÁ AI, NÃO FOI A MELHOR COISA QUE EU ENCONTREI MAS DÁ PRA GENTE SE DIVERTIR A NOITE INTEIRA.

TÁ ÓTIMO, A VACA TEM CARA QUE SEGURA A TRANCA.

FICA TRANQUILA, QUERIDA. VOCÊ NEM VAI PERCEBER, QUEM É QUEM, SOMOS GÊMEOS, HEHEHE.

...GRITOU E CHOROU A NOITE INTEIRA.

DE BRENO TAMURA:

DIAS DE UM FANTASMA SUICIDA

Ep. 2

TRILHA SONORA:
"NO ONE'S MORE HAPPY THAN YOU"
CLEM SNIDE

+ENDEREÇOS

Alexandre Herchcovitch .
Rua Haddock Lobo . 1151
11 3063 2888
www.alexandreherchcovitch.com.br

Andrea Mader .
54 3224 1014
www.andreamader.com.br

Brechó Minha Avó Tinha .
Rua Dr. Franco da Rocha . 74
11 3865 1759

Burning Flag Press .
www.burningflags.com

Cavalera .
Alameda Lorena . 1682 . loja 05
11 3083 5187
www.cavalera.com.br

Cia de Foto .
www.ciadefoto .com.br

Dindi .
11 3331 1988
www.dindi.com.br

Do Estilista .
11 3862 4097
contato@doestilista.com.br

Domino .
www.dominorecordco.com

Dubversão .
www.dubversao.com.br

Fernando Sommer .
fsommer@uol.com.br

Forum/Tufi Duek .
Rua Oscar Freire 916
11 3085 6269
www.forum.com.br

Galeria Pop .
Rua Virgílio de Carvalho Pinto . 297
11 3081 7865
www.livrariapop.com.br

Galeria Vermelho .
Rua Minas Gerais . 350
11 3257 2033
www.galeriavermelho.com.br

Garimpo-Fuxique .
Rua Bela Cintra . 1677
11 3081 0107
www.garimpo-fuxique.com.br

Giant Robot .
www.giantrobot.com

Jefferson de Assis .
jeffersondeassis@yahoo.com.br

P'tit .
Rua Moacir Piza . 95
11 3081 7733
www.ptit.com.br

Playstation .
www.playstation.com.br

Submarine Records .
11 7638 9646
www.submarinerecords.net

Touch & Go Records .
www.touchandgorecords.com

Thrill Jockey Records .
www.thrilljockey.com

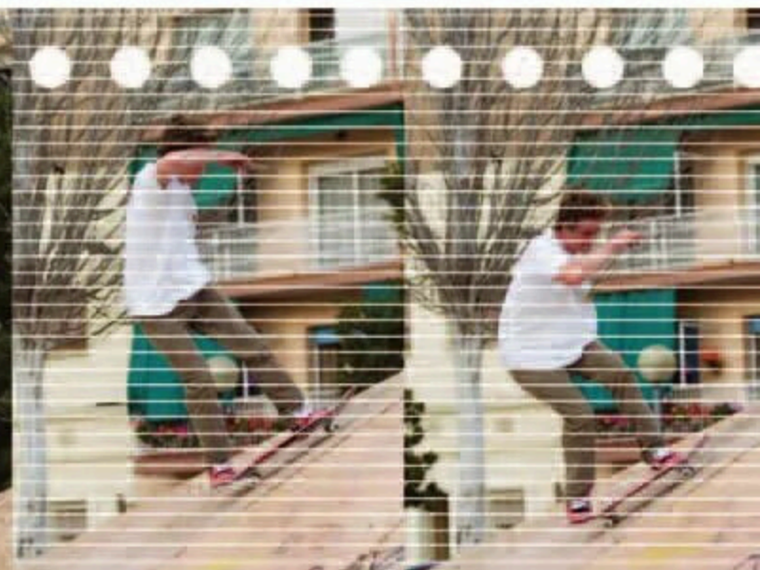
Volcom .
11 3357 029
info@surfco.com.br

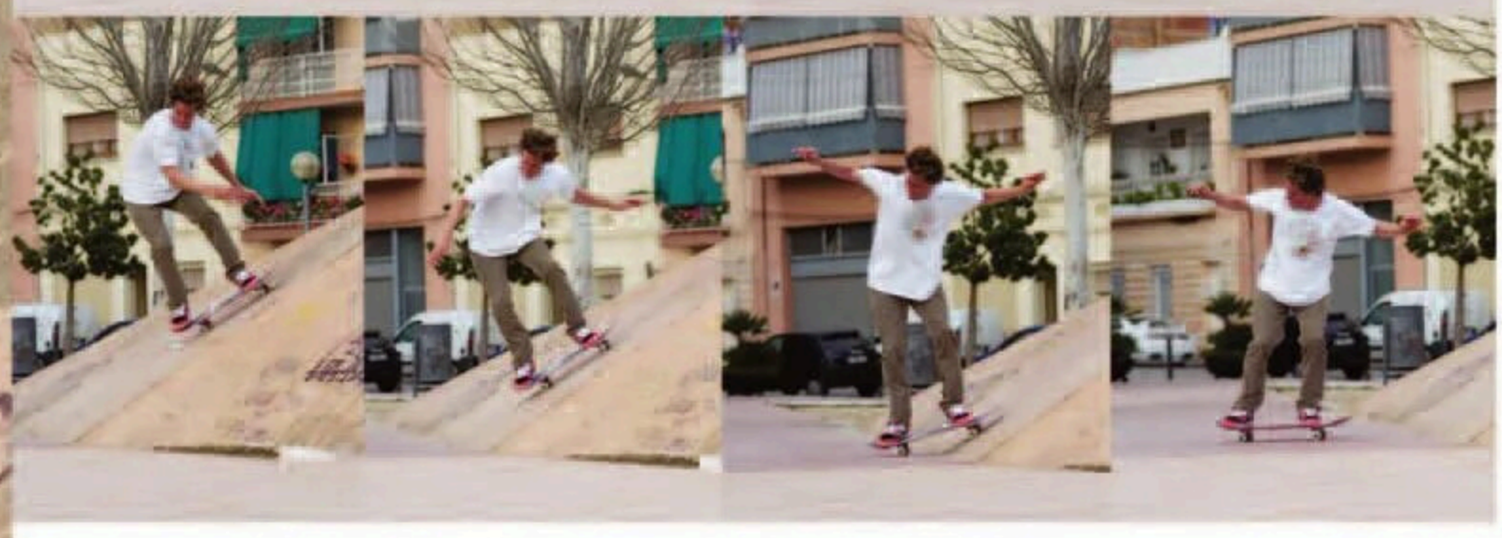
trezeta musik

discos, livros & estilo

Especializado em selos independentes sul-americanos (garage, ska, indie, pós-punk, jazz, soul, R&B, no wave) e vinis da **Soul Jazz**, **Dischord**, **Aesthetics**, **SST**, **GSL**, etc... + livros da **Conrad Editora**, publicações independentes nacionais e estrangeiras, camisetas vintage e peças exclusivas de artistas. Aceitamos CC.

Rua Augusta, 2203 - Loja 7 - Galeria América - Cerqueira César
(11) 3081-2270
www.trezetamusik.com





ESTRÉIA OUTUBRO 2007

NOTHING BUT THE TRUTH

A FILM BY NIKE SB

REESE FORBES

NIKE DUNK PRO MID
09_2007

NIKE SB